ENTREVISTA EXCLUSIVA COM NINA HAGEN

EDITORA ABRIL

N.º 3
OUTUBRO 1985
Cr$ 12 500

BIZZ

PROMOÇÃO:
GANHE 1000 LPs

JAGGER & BOWIE
O duelo do século

LED ZEPPELIN
A verdadeira história

ULTRAJE A RIGOR
Agora falando sério

DURAN DURAN
Acabou?

JAMES DEAN
30 anos sem ele

POSTER
TINA TURNER

E MAIS: PAT METHENY, CAMISA DE VÊNUS, TIM MAIA, MILES DAVIS, LETRAS, VÍDEO, EQUIPAMENTO

hollywood

O sucesso

TRAILER·DISC

UM DIA NO ESTÚDIO COM O ULTRAJE A RIGOR

Neste mês, Roger, Leospa, Maurício e Carlinhos estão com você num compacto cheio de abobrinhas rigorosamente inéditas! Sexo, política, rock'n'roll, nada escapa do humor debochado do Ultraje!

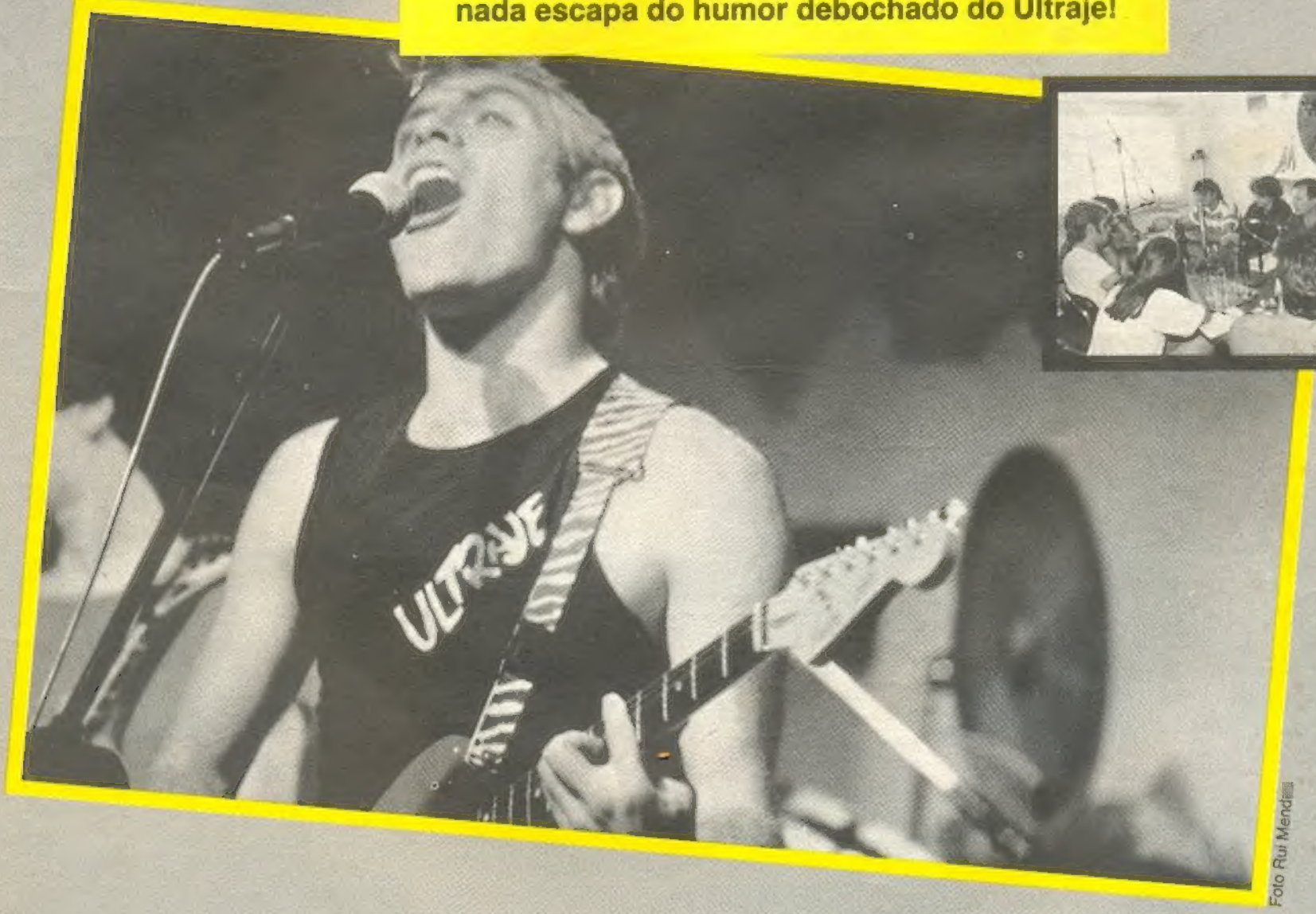


Foto Rui Mendes

Aa

Num lado só de papo — com exceção da abertura instrumental de "Inútil" —, Roger fala mais que todo mundo, como sempre. Conta como é a rotina de um rockstar fora do palco e dos estúdios, canta com a banda o "Hino dos Cafajestes" (para a indignação de todas as feministas) e fala dos planos para o futuro.

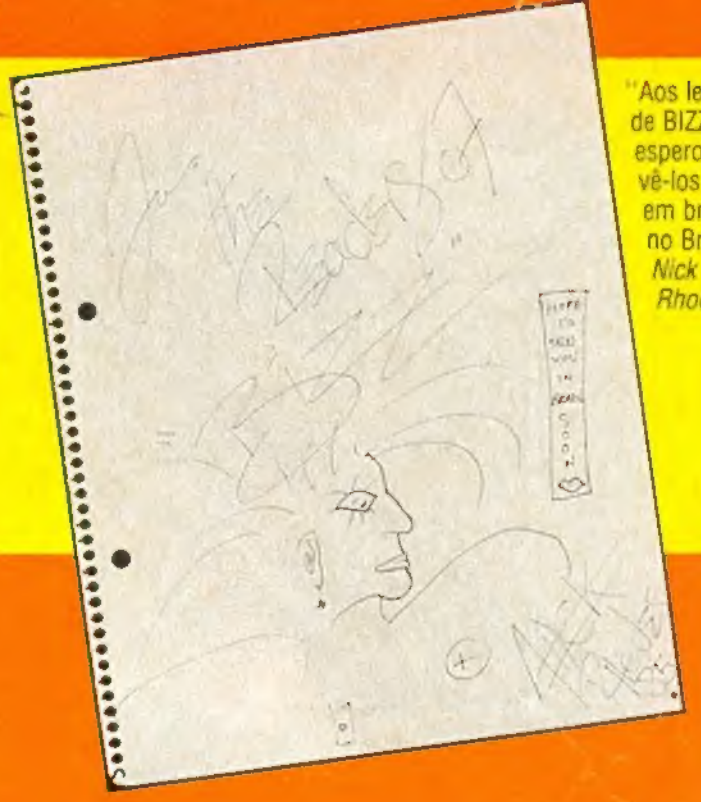
Bb

Deste lado rola mais som. Os Ultrajes, sempre em clima hilário, contam como foram feitas algumas de suas músicas — "Rebelde sem Causa", "Ciúme", "Zoraide" e "Independente Futebol Clube".

Participaram desta gravação Marcelo Tas, da produtora independente Olhar Eletrônico e a repórter Célia Almudena.

Gravado por Móbile — Unidade Móvel de Gravações ao Vivo, na WEA. Técnico: Egídio Conde. No dia 19/08/85. Editado nos Estúdios Transamérica SP. Técnico: Antônio Álvaro. No dia 20/08/85. Produção: José Eduardo Mendonça e Pena Schmidt.

BIZZ



"Aos leitores de BIZZ, espero vê-los em breve no Brasil" *Nick Rhodes*

"Eu e Deus somos um." Esta foi apenas uma das afirmações polêmicas de **Nina Hagen,** num papo exclusivo para BIZZ em Los Angeles. Nina insiste em seu tema predileto: os discos voadores.

Também em outra exclusiva, desta vez em Londres, falando a **Carla Gullo, Nick Rhodes,** do **Duran Duran,** revela os planos de trabalho de sua nova banda, Arcadia, formada por ele, Simon Le Bon e Robert Taylor.

Nesta edição começamos a publicar, com exclusividade, matéria da revista **Rolling Stone** sobre o **Led Zeppelin** — com revelações até então inéditas, como as fantasias pornôs e megarock que levariam a banda à sua dissolução.

Alguns mitos podem retornar, como o Led, que estaria voltando aos palcos com Tony Thompson na bateria. Outros não voltam mas continuam marcando movimentos culturais. É o caso de **James Dean,** morto há 30 anos. Quem fala de sua vida e fulgurante trajetória é **Ruy Castro.**

Vivíssimos — e sacolejantes — estão **David Bowie** e **Mick Jagger,** que juntos criaram um superclip para o sucesso de Marvin Gaye, "Dancing in the Street", como conta o editor **José Emilio Rondeau.**

Além de gravarem para nós um compacto com uma música inédita, os membros do **Ultraje a Rigor** falam a sério sobre suas vidas e sua música. Sem discos de ouro como o Ultraje, mas muito importantes musicalmente, são três mestres que passaram pelo país: **Buddy Guy** (um dos maiores guitarristas vivos) e os vanguardistas **Arto Lindsay** e **Holger Czukay** (cujo seminário foi acompanhado atentamente por **José Augusto Lemos**). Finalmente, **Sônia Maia** narra a rápida ascensão do **Camisa de Vênus.** E não deixe de acompanhar, nas págs. 4 e 77, os resultados da promoção **Ganhe 1050 LPs** da BIZZ n.º 1.

José Eduardo Mendonça
(chefe de redação)

ESTE MÊS

26 Ultraje a Rigor
Opiniões e abobrinhas dos quatro ultrajantes

30 Duran Duran
O tecladista *Nick Rhodes* fala do grupo e dos projetos paralelos > *Carla Gullo*

32 Led Zeppelin
A história da banda, como nunca foi contada > *Stephen Davis*

36 Tim Maia
Lançando um novo disco e brincando de cabra-cega > *Antonio Carlos Miguel*

46 Free Jazz Festival
Um encontro de jazz e MPB

48 Holger Czukay, Buddy Guy, Arto Lindsay
Três visitas ilustres

50 Camisa de Vênus
O fenômeno do rock baiano > *Sônia Maia*

TODO MÊS

8 Show Bizz
Notas, notícias e boatos

14 Parada
As mais, com levantamento em FMs e lojas de todo país, e a Parada do Leitor

16 Lançamentos
Discos quentinhos da boca do forno

22 Vídeo Bizz
Uma garimpada no acervo dos videoclubes

29 Heavy Metal
Um noticiário especial para o mundo da pauleira > *Leopoldo Rey*

37 Entrevista
Nina Hagen em um bate-papo tresloucado sobre Deus, música e discos voadores > *Luiz Fernando Vianna*

45 Ao Vivo
Kid Creole e *Miles Davis* em Paris > *Silvano Michelino*

52 Clip
Bowie e *Jagger*, dois superstars em um superclip > *José Emílio Rondeau*

56 Visual Cinema
Trinta anos sem *Dean* e *A Traição do Falcão* > *Ruy Castro* e *Alex Antunes*

60 FM
Nesta edição, a opinião de *Kid Vinil*

62 Porão
Bandas novas rumo à superfície: *Jason & The Scorchers, Sigue Sigue Sputnik, Jorge Degas & Marcelo Salazar, Arnaldo Brandão & Handi-Handi*

64 Cifras
Para você tocar com sua banda: "Stairway to Heaven" (Led Zeppelin)

66 Letras
Bruce Springsteen, "Born in the USA"

70 Equipamento
De olho no mercado: áudio, vídeo e instrumentos

72 Meu Instrumento
Nesta edição, *Pat Metheny* e suas guitarras

74 Bits Bizz
A revolução do áudio-digital e os avanços da holografia

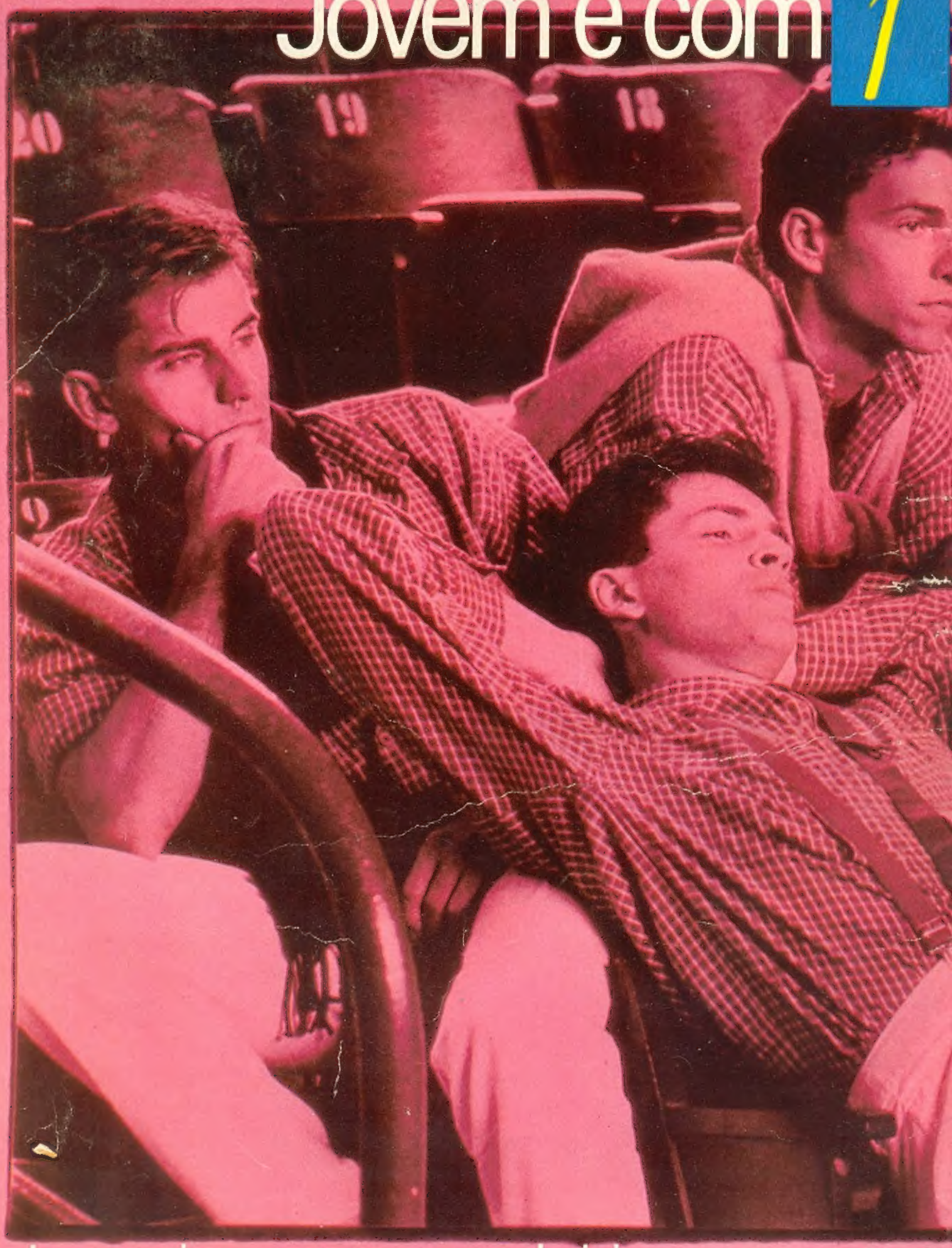
75 Discoteca Básica
As obras-primas: *The Sun Sessions* (1954-55) de *Elvis Presley* > *Roberto Muggiati*

76 Opinião
Na tribuna, o crítico *Pepe Escobar*

78 Cartas e Serviços

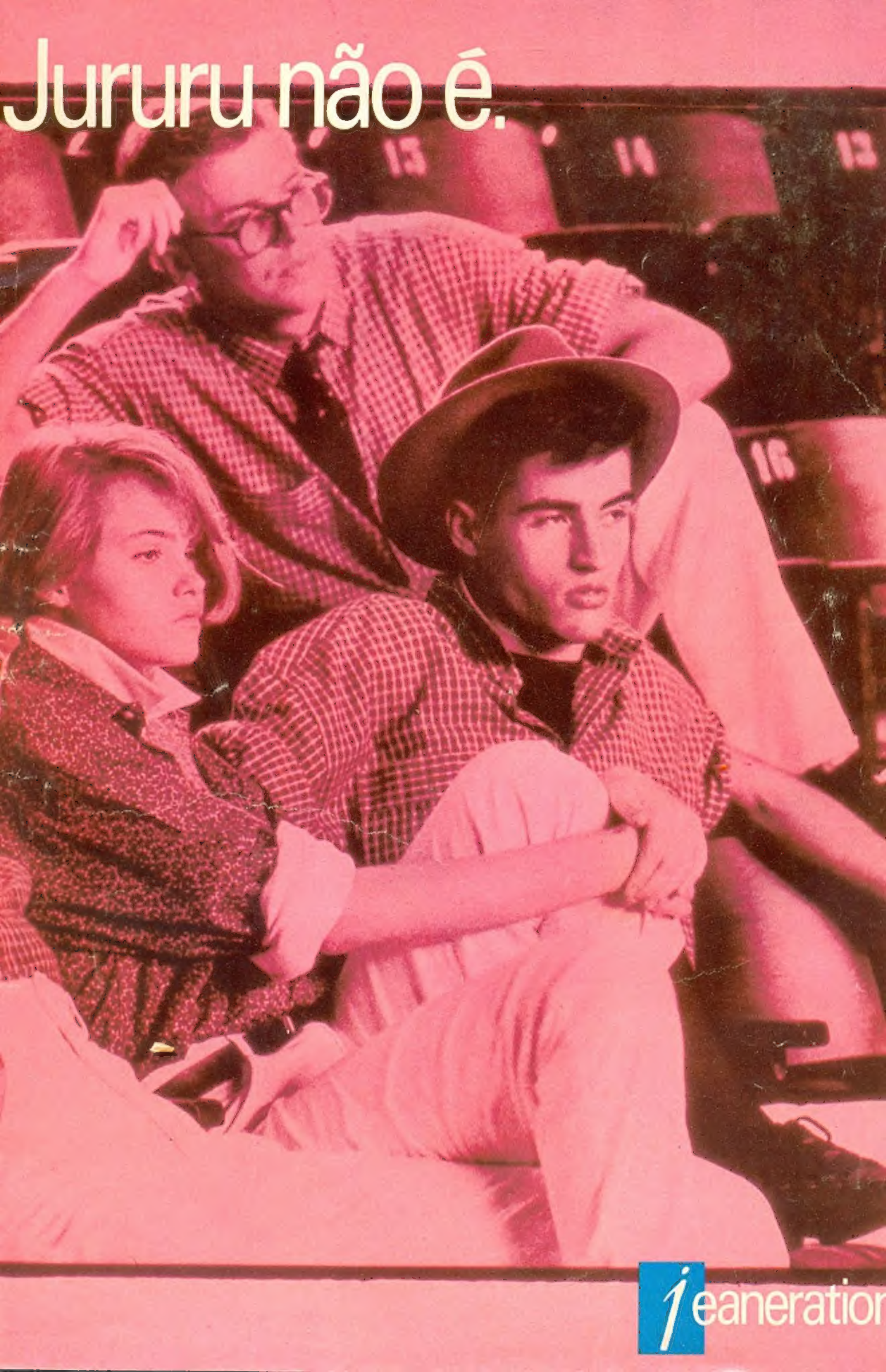
Foto da Capa Ilpo Musto/ Rex Features/ Keystone
Foto do poster LFI

Jovem é com *i*



Jeaneration veste a gente do jeito que a gente é.

Jururu não é.



ieaneration

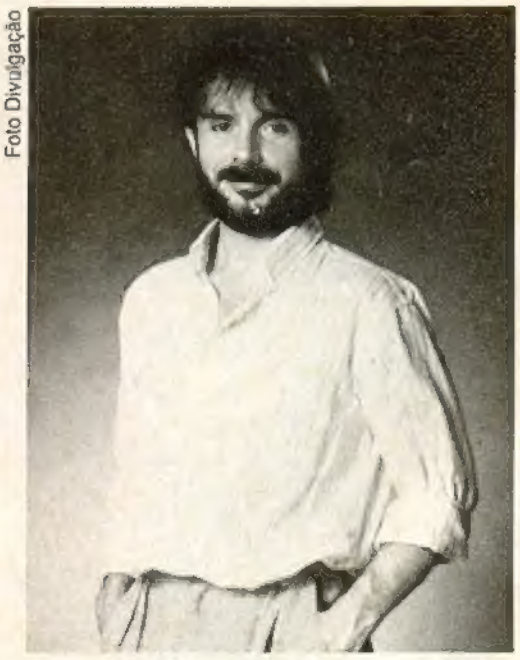


Foto Divulgação

Jean-Luc Ponty toca em quatro capitais

A VOLTA DO VIOLINO ELÉTRICO

Depois de cinco anos, o violinista **Jean-Luc Ponty** volta ao Brasil para uma série de shows. Agora, ele vem para mostrar os novos rumos de seu fusion-jazz, trabalhado mais com as estruturas minimalistas.

As apresentações serão agora em outubro. No Rio, de 4 a 6; em, São Paulo, de 9 a 12; em Curitiba, no dia 14; e em Porto Alegre, no dia 16.

WOODSTOCK VERMELHO

Não, não é público punk em algum show realizado na Inglaterra. A foto registra o encontro de roqueiros da Polônia, no primeiro festival nacional a reunir os melhores grupos do país. O "Woodstock polonês" ocorreu no fim de semana de 17-18 de agosto, atraindo gente dos outros Estados socialistas, inclusive.

Foto Gamma

Um flash do festival polonês, dias 17 e 18 de agosto

Foto Rui Mandes

Ira!: Gaspa, Edgard, Nazi e André

NO CINEMA DO SEU BAIRRO

O clipão *Areias Escaldantes* já está nas telas do país. **Lobão, Paulo Miklos** e **Sérgio Brito** (Titãs) fizeram a direção musical do filme que conta a história de guerrilheiros entediados e sem ideal vivendo na Província de Cali em 1990.

"É puro nonsense, tudo muito sincronizado com as músicas", diz Lobão. Além de músicas do próprio Lobão e dos **Titãs,** a trilha do filme também conta com **Ultraje a Rigor, Capital Inicial, Legião Urbana** e **Ira!**

Foto Paul Cox/ LFI

O Stray Cats: Setzer, Phantom e Rocker

NASCE UM SUPERTRIO

Essa é quente. Deve estar saindo lá fora o primeiro LP do supertrio **Phantom, Rocker & Slick.** Ilustres desconhecidos, uma ova. **Slim Jim Phantom** e **Lee Rocker** foram, respectivamente, baterista e baixista dos **Stray Cats,** enquanto **Earl Slick** é, talvez, o mais bem-cotado guitarrista de estúdio dos EUA e barbarizou na turnê *Serious Moonlight* (83) de **Mr. Bowie.** Neste primeiro LP do trio, há ainda uma participação do venerável **Keith Richard** na faixa "My Mistake".

Foto Ricardo Chaves

Dusek redescobre o Brasil

DUSEK VEM AÍ

Se você achava que Eduardo Dusek estava sumido, prepare-se. Depois de ter passado meses praticamente morando na ponte-aérea, criando e co-dirigindo um comercial de picolés que há algumas semanas aterrisou nas telinhas caseiras, ele se trancou nos estúdios da Polygram para criar o sucessor de *Brega Chique,* com lançamento programado para outubro/novembro. Vem mais brega por aí?

"O novo disco terá desde samba-exaltação até bossa-nova", explica Dusek. "Com a Nova República, estamos despertando para uma nova era. Há o sentimento da redescoberta da brasilidade, mas sem purismos."

Depois do disco, uma turnê que unirá tudo o que já se viu de espetáculo no Brasil. "Vou usar de chanchada da Atlântida a 'Diretas, Já'."

KID VINIL DE BANDA NOVA

Kid Vinil & Os Heróis do Brasil é o nome da nova banda de Kid, que vai para o vinil só em janeiro. Por enquanto estão só nos ensaios, preparando uma fita demo para rádio e com shows programados para outubro.

Cansado da linha tecnopop seguida pelo **Magazine,** Kid fala que a nova banda pretende travar uma "batalha" contra teclados e sintetizadores. Formação simples — guitarra e baixo já definidos, **André Cristovão** e **Miltão,** respectivamente —, querem fazer rock'n'roll puro e trabalhar no rhythm'n'blues, sem firulas e devaneios. "Nada a ver com blues. Eu não sou Janis Joplin", completa Kid.

Foto Geraldo Luís Gomes

Foto Ebet Roberts/LFI

Bono Hewson vai participar do "Sun City"

ROCK CONTRA RACISMO

Depois de Live Aid, Metal Aid e Farm Aid (evento em benefício dos agricultores, organizado por **Willie Nelson** e **Bob Dylan**), é a vez do compacto "Sun City". Sem caráter beneficente, a gravação visa mesmo a união de vários nomes famosos para protestar contra o sistema de discriminação racial vigente na África do Sul, conhecido como *apartheid*. A organização é do cantor **Little Steven** e do rei do mix **Arthur Baker** e já confirmaram sua participação: **Lou Reed, Ramones, Bono (U2), Jackson Browne, Clarence Clemons, Jimmy Cliff** e **Afrika Bambaataa.**

Uma boa hora para se lembrar de **Peter Gabriel** e **Jerry Dammers** (Specials), que compuseram em homenagem a líderes dos negros sul-africanos como **Stephen Biko** e **Nelson Mandela** duas canções, por sinal belíssimas: "Biko" e "Free Nelson Mandela". Jerry também canta em "Sun City".

E engrossando o protesto, uma das faixas do recém-lançado LP de **Stevie Wonder** — *In Square Circle* — chama-se justamente "It's Wrong (Apartheid)" ou "O Apartheid Está Errado".

A VOLTA DO LED ZEPPELIN

O impossível está para acontecer. Salvo terremoto, furacão ou mau-olhado, a qualquer momento o **Led Zeppelin** voltará a decolar. Contra todas as negativas disparadas por **Robert Plant** e **Jimmy Page**, desde que a morte do baterista **John Bonham** pôs um fim abrupto à banda, em 1980, o Zep ameaça aquecer de novo suas turbinas. Desta vez, para uma turnê que reunirá os sobreviventes da banda com o baterista **Tony Thompson** (ex-Chic, ex-David Bowie, atualmente no Power Station). O motivo desta inesperada reunião teria sido o show que Page, Plant e John Paul Jones fizeram no Live Aid, julho passado. Embora enferrujados como banda, os três conseguiram reviver a velha mágica do Zep. Mas quanto à gravação de um disco, nem se fala. (Não deixe de ler, na pág. 32, a primeira parte da biografia do Led, recém-editada lá fora.)

Foto Sipa Press

Robert Plant, em pleno Live Aid

Foto LFI

Simon Le Bon e a namorada Yasmin

BAIXO ASTRAL

Este mês de agosto foi decididamente azarado para o meninão **Simon Le Bon.** Ele sofreu, no dia 19, um feio acidente com o jate em que disputava uma prova no litoral inglês, quase matando as vinte e quatro pessoas da equipe. Além disso, a princesa Diana anda espalhando que, ao contrário do que era público e notório, seu grupo predileto não é o **Duran Duran**, do qual Simon é o vocalista. Seus ídolos ouvidos têm se deleitado mais com **Dire Straits** e **Phil Collins**. Mais notícias sobre a banda na entrevista com o tecladista **Nick Rhodes**, na pág. 30.

O RACHA LOBÃO/RONALDOS

Foto Cristina Granato

Lobão no estúdio; à esquerda Arnaldo Brandão

Os ventos do divórcio continuam açoitando o rock brasileiro. Desta vez foi **Lobão** que se separou dos **Ronaldos.** Ou melhor, vice-versa. "Hoje em dia fico em dúvida se fui eu que forcei a barra para eles se encherem de mim", argumenta Lobão. Acontece que o motivo da cisão foi mais pessoal do que musical. De um lado, Lobão e seus boêmios hábitos noturnos. Do outro, os Ronaldos querendo manter uma vida mais "normal" — se é que isso é possível no rock'n'roll. Para agravar a situação, toda essa tensão era sublinhada por uma insatisfação artística, traduzida por coisas tão óbvias como o nome da banda. "Lobão e os Ronaldos era uma coisa mentirosa", lamenta Lobão. "Desde o começo deveria ter sido Os Ronaldos. Por essa e por outras acho que eles tiveram razão em sair, porque eu não estava calculando o nível de insatisfação deles. Eu não tinha a menor idéia do que estava acontecendo, tão grande era a incomunicabilidade. Fico triste com isso."

Enquanto os Ronaldos se preparam para uma nova carreira sem Lobão, a lupina criatura está trancafiada no estúdio com o baixista e cantor **Arnaldo Brandão,** o guitarrista **Torquato** (ex-Cinema a Dois, ex-Ritchie), o baixista **Pedrão** (ex-Gal) e o baterista **Jurim** (ex-Rita Lee, ex-Sérgio Dias).

O álbum, que seria o segundo da discografia dos Ronaldos, trará parcerias de Lobão com **Cazuza** ("Mal Nenhum" e "Junkie Bacana") e **Bernardo Vilhena** ("A Voz da Razão" e "Tudo Veludo"). "Mas eu quero continuar sendo gregário", garante Lobão. "Quero dividir o trabalho com outras pessoas — não quero ficar enclausurado fazendo um som masturbatório."

Foto Paul Cox/ LFI

UB-40, na linha de frente do reggae inglês

ENCONTRO RARO

Encontros como este não acontecem todo dia: **Chrissie Hynde,** dos **Pretenders,** participa numa das faixas do novo disco do **UB-40,** *Baggaridim.* A música, "I Got You Babe", foi gravada originalmente pela dupla **Sonny & Cher,** nos anos 60, e mais tarde ressuscitada por **David Bowie** e **Marianne Faithful** (vestida de freira!) num programa de TV de 1974.

OUÇA ESSA

"Tudo que reluz na superfície do mundo, tudo que chamamos de interessante, é fruto da ignorância e da embriaguês" ***E.M. Cioran***

Esta frase é apenas uma das pérolas compiladas por Jonathon Green em seu recente livro *The Cynics' Lexicon* (St. Martin's Press). O subtitulo diz tudo: "Um dicionário de aconselhamento amoral".

Foto Sergio Berezovsky

O dodecafônico de Londrina dá as caras

ARRIGO COM GUDIM

Depois de comporem a valsa "Lenda", do LP *Tubarões Voadores*, **Arrigo Barnabé** e **Eduardo Gudim** resolveram investir na parceria. Até agora, já fizeram seis músicas juntos. Entre elas está uma bossa nova com toques dodecafônicos. Prometida para o próximo LP de **Eliete Negreiros,** ela talvez venha com letra de **Caetano Veloso.**

Não se sabe ainda se a parceria vai acabar em disco, mas um show está sendo acertado para breve.

Enquanto isso, os músicos que acompanharam Arrigo em seus shows pela Europa formaram uma banda, a **Ausgang,** e estão dando shows por São Paulo.

GELDOF ASSASSINO

Depois de passar um mês coletando todos os títulos honorários possíveis, Bob Geldof está de volta ao cinema. Tudo que se sabe do filme, até agora, é que se chama *The Fantasist,* que está sendo rodado na Irlanda e que Bob faz nada menos que o papel de assassino.

Foto Geraldo Luis Gomes

Naporano ao microfone, com Maria Angélica

O CRÍTICO E O ARTISTA

"Gravar um álbum duplo, ao vivo, no Palace" é o sonho de Fernando Naporano, quando fala de sua banda Maria Angélica (Não Mora Mais Aqui). Além de vocalista e autor das letras do grupo, Fernando continua ativo como crítico.

BIZZ se infiltrou de surpresa no final de um ensaio, quando executavam as últimas cinco músicas de um repertório de quinze. Destas, duas surpreenderam a espiã Sônia Maia, que diz: " 'Boca', e 'Maria Angélica' têm *punch* para crítico nenhum botar defeito".

Foto Paul Cox/ LFI

O Jefferson Starship nos idos de 78

STARSHIP SEM JEFFERSON

Primeiro, foi o **Jefferson Airplane.** Depois, o **Jefferson Starship.** Agora, apenas **Starship.** Todas, na verdade, uma mesma banda, fundada nos anos 60 em São Francisco pelo guitarrista e compositor **Paul Kantner.** Só que a atual encarnação do grupo nada mais tem a ver com os antigos veículos voadores de Jefferson. Kantner saiu junto com o baixista **David Freiberg** e restaram apenas a vocalista **Grace Slick,** o guitarrista **Craig Chaquico,** o baterista **Peter Sears** e o cantor **Mickey Thomas.** O novo baixista do Starship é **Donny Baldwin.** O primeiro disco da nova formação é o compacto "We Built This City", do futuro álbum *Knee Deep in the Hoopla.*

Foto Europa Press News Service

Lewis, apelidado "The Killer" (O Matador)

JERRY LEE LEWIS CINQÜENTÃO

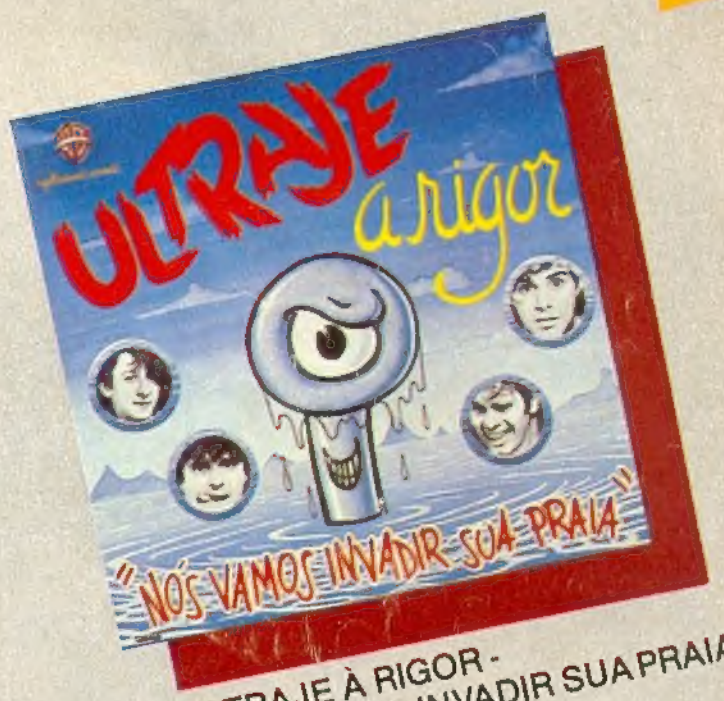
Jerry Lee Lewis, monumento do rock americano dos anos 50, comemora neste dia 29 de setembro meio século de existência. Tocando piano desde os oito anos, estreou aos 14 em uma banda de country de sua Louisiana natal. Outra influência importante em sua música foram os hinos religiosos negros. Com 21 anos, foi contratado pela Sun Records para ocupar, no *cast* da gravadora, o lugar de **Elvis Presley,** que tinha se mandado para a RCA (ver *Discoteca Básica*, na pág. 75). A condição era que, sem abandonar seu estilo selvagem, Jerry "The Killer" passasse para o rock'n'roll. A mistura foi um estouro: canções suas foram primeiro lugar nas paradas de pop, country e rhythm'n'blues, simultaneamente.

Na vida particular, muito conturbada, Jerry casou várias vezes. A primeira delas no auge da carreira, com a prima de treze anos — o escândalo quase o arrruinou. Trocou o rock pela *country music* em 68 e vice-versa, em 73, quando regravou com **Peter Frampton, Alvin Lee, Klaus Voorman** e **Rory Gallagher** o blues "Drinkin' Wine Spoo Dee Odee", com o qual estreara em 49.

Quase morreu em 81, de uma úlcera perfurada. Voltou meses depois para alguns shows e se apresentou pela última vez em 82, na entrega do prêmio Grammy.

wea: A música dos anos 90

LULU SANTOS -
"NORMAL"



ULTRAJE À RIGOR -
"NÓS VAMOS INVADIR SUA PRAIA"

TITÃS - "TELEVISÃO"

KID ABELHA E OS
ABÓBORAS SELVAGENS -
"EDUCAÇÃO SENTIMENTAL"

Foto Rui Mendes

Ana, guitarrista das Mercenárias

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

A Som Livre lança até o final do ano o LP solo de **Cazuza**, que está gravando parcerias com **Frejat, Lobão, Leoni** e **Caetano Veloso.** Em novembro sai *O Corsário do Rei*, trilha da peça de **Augusto Boal** composta por **Chico Buarque** e **Edu Lobo.** O disco tem uma música feita especialmente para a garganta de **Paula Toller.**

Os LPs de **João Penca e os Miquinhos Amestrados** e **Arnaldo Brandão & Hanói-Hanói** (veja no *Porão*) saem em novembro ou dezembro pela RCA, que já pensa em lançar um compacto e um LP com **Nico Rezende**, tecladista e arranjador de músicas de **Ritchie, Marina** e **Kiko Zambianchi.**

A Polygram vem com um novo disco de **Eduardo Dusek** e, na mesma época, sai com o primeiro LP do **Biquini Cavadão.**

Já a WEA lança o novo disco de **Gil**, agora em fase de mixagem, e a CBS prepara o LP anual de **Roberto Carlos.**

A Copacabana ressurge com os LPs de **Eliete Negreiros**, produzido por **Arrigo Barnabé**, e **Vicente Barreto**, parceiro de **Alceu Valença**, acompanhado por **Heraldo do Monte**, produtor e arranjador do disco.

Entre os independentes, a Baratos Afins se prepara para lançar **Centúrias, Voluntários da Pátria, Esquadrilha da Fumaça** e **Mercenárias.**

GAROTOS PODRES: SHOW DEMOLIDOR

No dia 17 de agosto, o folclórico bairro paulistano do Bixiga foi sacudido pela invasão de mais de 150 punks da periferia. Isso porque o Carbono 14, lá sediado, resolveu abrir seu espaço para as rajadas das bandas **Vírus 27** e **Garotos Podres.** Esta última, representante no Brasil do som *skinhead* — aqueles carequinhas tão engraçados quanto a explosão de um carro-bomba —, estava lançando seu LP, *Mais Podres do que Nunca.*

Debaixo da forte atuação do grupo, que não dispensou nem uma gaita — complemento do vocalista dos Garotos —, o público *skin* aterrisava suas cabeças calvas contra os vitrais e paredes do Incubus et Sucubus, o bar dançante do Carbono. Depois da auto-flagelação, com o sangue escorrendo pelas têmporas, voltavam para a frente do palco e para a sua dança *pogo.* Os anjinhos de gesso que decoravam o bar viraram giz em suas mãos, para registrar nas paredes os famosos *A* de "anarquismo".

Um dos sócios da casa demolida, Theo Castilho, até achou graça: "Ninguém dava espaço pra eles".

Foto Geraldo Luís Gomes

Mau, vocalista dos Garotos Podres

Foto Abril

O Rei do Rock em todo seu esplendor

ELVIS, O PROFESSOR

Presleymaníacos do Brasil, preparem-se para desembolsar um punhado do famigerado dólar-livro. Acaba de ser lançado lá fora *Elvis and Me* (ed. Putnam), em que a atual estrela do seriado *Dallas* — **Priscilla Beaulieu Presley** — abre o jogo em relação a seus anos de convivência com o Rei. Entre outras coisas, o voraz leitor fica sabendo que, até o casamento (em 67), eles viveram anos juntos sem se conhecerem no sentido bíblico do termo. Pelo que Priscilla conta, o celibato era compensado com brincadeirinhas alternativas. Uma das favoritas começa com a garota vestindo seu uniforme de escola e fingindo ser "uma jovem inocente, seduzida pelo professor". No papel do mestre, claro, estrelava o Rei do Rock

EM NOME DO AMOR

Línguas afiadas já chamam a gravação de "Je t'aime dos anos 80". Trata-se do dueto entre **Marc Almond** (ex-Soft Cell) e **Jimi Sommerville** no compacto que marca a despedida deste do **Bronski Beat.** A música em questão é "I Feel Love", a mesma maratona de gemidos e sussurros que consagrou **Donna Summer.** E os dois rapazes não poupam *feeling* na troca de gentilezas. Enquanto isso, as mesmas afiadas línguas clamam aos céus "**Jane Birkin**, onde estás que não respondes?

LEVANTA E SACODE A POEIRA

Se você ainda tem alguma dúvida sobre a ressurreição dos anos 60 e porque não passou perto da Six Flags Magic Mountain (Califórnia), no fim de semana que marcou a passagem de agosto para setembro. Foi onde e quando se realizou o festival "Spirit of the Sixties", que desenterrou figuras como **Herman's Hermits, Donovan, Country Joe McDonald** (o do Fish) e **Monkees.**

Aliás, os Monkees foram tema de uma divertidíssima matéria na revista americana *People* de 12 de agosto. Depois de noticiar que os nove LPs da banda estão sendo relançados, a reportagem traça os caminhos individuais de cada Monkee após a dissolução do grupo. **Mike Nesmith**, que chegou a tentar carreira solo, é um bem-sucedido produtor de cinema e TV — foi o único a não compactuar com o festival acima citado. **Micky Dolenz**, o baterista aloprado, também se deu bem como diretor de teatro e TV na Inglaterra. Na TV inglesa, como apresentador, também pode ser encontrado o ex-vocalista **Davy Jones.** E **Peter Tork**, depois de dar aulas de filosofia oriental, teatro e rock'n'roll num colégio particular, montou em 80 a frustrada banda **New Monks.**

Por mais, outra ressurreição é a de **Robby Krieger**, famoso como guitarrista dos Doors e autor de "Light My Fire" — invariavelmente atribuída a **Jim Morrison.** Robby acaba de lançar um LP solo, o primeiro após anos e anos de silêncio.

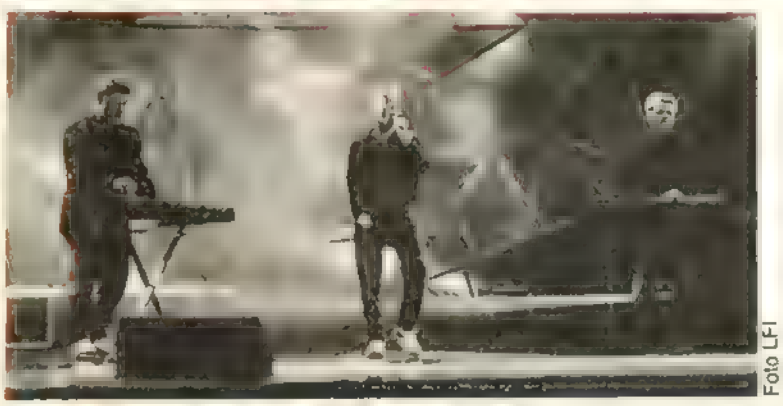


Foto LFI

O extinto Bronski Beat. Sommerville é o do centro

PHILIPS

a sua marca PHILIPS

RÁDIOS-GRAVADORES PHILIPS ESTÉREO ESPACIAL. LIGOU, VIAJOU.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

Rock. MPB. New-Wave. Jazz. Clássicos. A Philips oferece partidas diárias para todos os lugares onde vivem o som e a emoção Você escolhe como quer viajar: a bordo do rádio-gravador portátil AR 420 ou do AR 530 Philips. E escolhe também a passagem: AM, FM estéreo, fitas de cromo, metal ou ferro.

São os únicos rádios-gravadores que, além do estéreo em FM e fita, oferecem mais um serviço de primeira classe: o estéreo espacial. É um estéreo com efeitos especiais: um som gostoso, envolvente, que preenche todos os espaços do ambiente e do coração.

Você pode dar asas à imaginação e transformar os rádios-gravadores Philips em autênticas centrais de música: eles têm saída para caixas acústicas e entrada para toca-discos ou segundo gravador. Faça a sua composição e boa viagem

Se preferir embarcar em outros vôos, você ainda encontra na linha Philips dois rádios-gravadores com som mono e muito desempenho: o AR150 e o AR 248

E todos eles também levam na bagagem a tecnologia dos inventores do Compact Disc. Com um rádio-gravador Philips seu destino é certo: a emoção.

Som Philips.
A emoção da música ao vivo.

Standard

PARADA BIZZ

AS 25 MAIS

CONVENÇÕES
( ) o número entre parênteses indica a posição na parada anterior.
(—) indica novidades na parada.

1	(—)	"Sem Pecado e Sem Juízo" - **Baby Consuelo** (CBS)
2	(—)	"Everytime You Go Away" - **Paul Young** (CBS)
3	(14)	"Ciúme" - **Ultraje a Rigor** (WEA)
4	(3)	"Louras Geladas" - **RPM** (CBS)
5	(2)	"I Was Born to Love You" - **Freddie Mercury** (CBS)
6	(—)	"Cheia de Charme" - **Guilherme Arantes** (CBS)
7	(4)	"Fórmula do Amor" - **Léo Jaime Kid Abelha** (CBS)
8	(—)	"Dona" - **Roupa Nova** (RCA)
9	(7)	"I Should Have Known Better" - **Jim Diamond** (CBS)
10	(—)	"A View to a Kill" - **Duran Duran** (EMI-Odeon)
11	(15)	"Everybody Wants to Rule the World" - **Tears for Fears** (Mercury-Polygram)
12	(13)	"Raspberry Beret" - **Prince** (WEA)
13	(12)	"Rebelde Sem Causa" - **Ultraje a Rigor** (WEA)
14	(22)	"Insensível" - **Titãs** (WEA)
15	(—)	"Coração Aprendiz" - **Fafá de Belém** (Som Livre)
16	(16)	"Smooth Operator" - **Sade** (CBS)
17	(—)	'So Far Away ' - **Dire Straits** (Polygram)
18	(9)	"Nada Mais" - **Gal Costa** (RCA)
19	(5)	"Seu Nome" - **Biafra** (Barclay)
20	(—)	"Ska" - **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
21	(6)	'Tudo Pode Mudar ' - **Metrô** (CBS)
22	(—)	"Material Girl" - **Madonna** (WEA)
23	(—)	"The Heat is On" - **Glenn Frey** (RCA)
24	(—)	'We Don't Need Another Hero" - **Tina Turner** (EMI-Odeon)

* "Chega de Mágoa" - **SOS Nordeste** (Sindicato dos Músicos RJ)

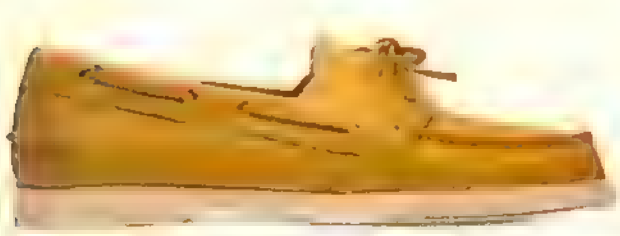
LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE PARA A PARADA BIZZ!

Escreva para BIZZ Caixa Postal 2372 dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Escreva também seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

	AS 10 MAIS VENDIDAS	AS 10 MAIS TOCADAS	PARADA DO LEITOR
1	"Sem Pecado e Sem Juízo" - **Baby Consuelo** (CBS)	"Nós Vamos Invadir Sua Praia" - **Ultraje a Rigor** (WEA)	"Nós Vamos Invadir Sua Praia '- **Ultraje a Rigor** (WEA)
2	"Louras Geladas" - **RPM** (CBS)	"Roque Santeiro" - **Nacional-Vários** (Som Livre)	"Born in the USA" - **Bruce Springsteen** (CBS)
3	"Cheia de Charme" - **Guilherme Arantes** (CBS)	"A Gata Comeu" - **Internacional-Vários** (Som Livre)	The Unforgettable Fire" - **U2** (WEA)
4	Everytime You Go Away" - **Paul Young** (CBS)	"Trem da Alegria" - **Clube da Criança** (RCA)	'Like a Virgin" - **Madonna** (WEA)
5	' Fórmula do Amor" - **Léo Jaime Kid Abelha** (CBS)	"Aprendizes da Esperança" - **Fafá de Belem** (Som Livre)	"Songs from the Big Chair" - **Tears for Fears** (Mercury- Polygram)
6	"Ciúme" - **Ultraje a Rigor** (WEA)	"Domino" - **Dominó** (CBS)	We are the World" - **USA for Africa** (CBS)
7	"I Was Born to Love You" - **Freddie Mercury** (CBS)	"Born in the USA" - **Bruce Springsteen** (CBS)	"Revoluções por Minuto" - **RPM** (CBS)
8	"A View to a Kill" - **Duran Duran** (EMI-Odeon)	"Greatest Hits" - **Rod Stewart** (WEA)	"O Passo do Lui" - **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
9	'Everybody Wants to Rule the World" - **Tears for Fears** (Mercury-Polygram)	"Profana" - **Gal Costa** (RCA)	'Olhar" - **Metrô** (CBS)
10	I Should Have Known Better" - **Jim Diamond** (CBS)	"Fogo e Paixão" - **Wando** (Arca)	"Brothers in Arms" - **Dire Straits** (Polygram)

NB: é possível determinar a posição real de "Chega de Mágoa", pois o disco não é comercializado em lojas.

ESTE NÃO É UM LUGAR PARA AMADORES.



SIDE WALK

Al. Lorena, 2 090. Tel. 852-1087. Shopping Center Iguatemi - SP. Shopping Center Ibirapuera SP. Visconde de Pirajá, 547 RJ

HEAVY METAL ATTACK — Vários (EMI-Odeon)

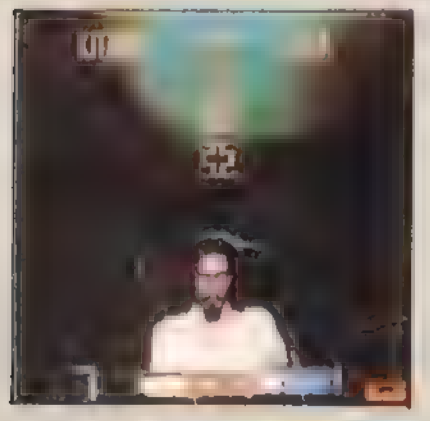
Após o sucesso da primeira série, a EMI-Odeon decidiu lançar *Heavy Metal Attack 2*, com oito produtos ultrametálicos. Os três primeiros já estão nas lojas

Deep Purple — The Anthology — Quando o Purple retornou em 84, pela Polygram, a EMI prometeu lançar algumas raridades de seu antigo contratado. Mas nem tudo é raridade nesse álbum duplo (22 faixas), que percorre as fases do grupo desde 68 (com Simper e Evans) até 75 (com Tommy Bolin). E dá-lhe sucessos de compactos e versões de temas conhecidos. Para o fã colecionador, há coisas como "Shadows / Love Help Me" (em mono), "Grabsplatter", "Freedom", "When a Blind Man Cries" e "Coronarias Redig".

Ready To Strike é o LP de estréia do King Kobra, nova banda do veterano batera Carmine Appice. O K.K. vem de Los Angeles, tida pelos americanos como a nova Meca do heavy metal (não sei não). David Phillips e Mick Sweda usam velhos truques em seus duelos guitarrísticos; Mark Free tem mesmo o tal vocal poderoso. São todos *blondie*, menos Carmine e seus bigodes. No geral, nada de novo — só pauleira, e uma faixa muito bonita: "Dancing With Desire".

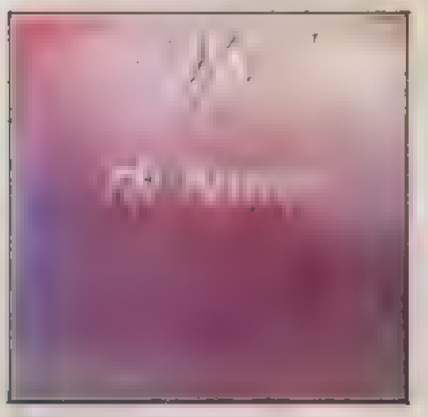
Por último, *Long Way to Heaven*, quarto LP do quinteto canadense Helix, o segundo a sair aqui. Fazem rock-arena, ou seja, big som para grandes espaços, tipo ginásios desportivos; e, de preferência, nada demoníaco. Seu som é pesado, suas guitarras melodiosas soltam algumas faíscas, mas tudo é certinho demais. Bons momentos em "Long Way to Heaven", "Ride to Rocket" e "Deep Cuts the Knife".

Enquanto aguardamos os próximos discos da série (inclusive os novíssimos do Saxon e Iron Maiden), podemos ficar com o *maxi-single* do Maiden, *Aces High*. O destaque vai para o lado B, com recriações metálicas das composições de outros grupos: "Rainbow's Gold" (Mountain), "King of Twilight" (Nektar) e "Cross Eyed Mary" (Jethro Tull). *Leopoldo Rey*



LIVE IN ASIA - Kitaro (Polygram)

"Sempre é possível fazer algo pior". Não sei se existe algum velho ditado chinês que diga isso, mas existe um tecladista japonês que o comprova na prática. Se você — como eu — acha chatésimos os trabalhos de Vangelis e Jean-Michel Jarre, saiba que eles, perto de Kitaro, até que são simpáticos. O homem não está para brincadeiras: exuma sem dó os mais surrados clichês daquele velho gênero, o rock progressivo. E manda ver no seu 15.º (!) disco, para Rick Wakeman nenhum botar defeito. Além de Kitaro, outros dois tecladistas, dois percussionistas, um guitarrista e uma considerável dose de mau gosto. Gravado ao vivo, em 83, na excursão asiática da banda. *A.A.*



80/81 — Pat Metheny (Polygram)

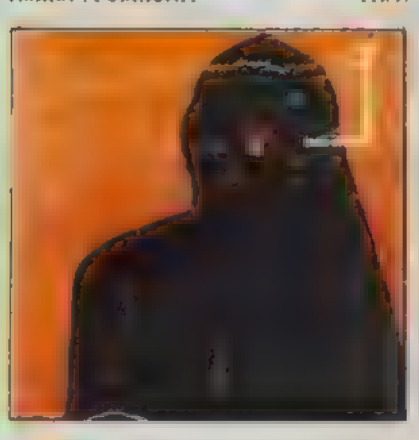
O garotão que andou por aqui desfilando sua coleção de guitarras no Free Jazz Festival mostra neste álbum duplo continuar seguindo uma fórmula que vai se transformando numa ladainha do jazz-rock. Cercado de feras — Charlie Haden, no baixo; Jack de Johnette, na bateria e Dewey Redman e Mike Brecker, em sax-alto —, Metheny soa como seus longos cabelos — uma espécie de versão hippie do gênero. Os destaques ficam para "Pretty Scattered", mais *jazzy* e na linha da Mingus Dinasty, e para as "Two Folk Song", nas quais Haden e Brecker brincam à vontade. Os discos são originalmente do excelente selo ECM, com a qualidade de gravação do Talent Studio, em Oslo. Quanto a isto impecáveis. *J.E.M.*

BIRDY — Peter Gabriel (Polygram)

Se você estiver familiarizado com a carreira solo de Peter Gabriel, *Birdy*, a trilha sonora do filme *Asas da Liberdade*, vai-lhe soar... bem, bastante familiar. Quase todas as músicas aqui incluídas são trechos remixados, reeditados e despidos de vocais retirados da discografia mais recente de Gabriel. Mas não se deixe enganar por essa familiaridade: aqui, estas músicas antigas ganham novo corpo, nova direção e novo significado São vinhetas que fustigam e comentam a ingenuidade, o amor e a loucura. No contexto do filme, são o complemento perfeito — costuram a trajetória de um garotão cujo sonho é o mais impossível: voar. *J.E.R.*

NO REST FOR THE WICKED — New Model Army (EMI)

Quando lhe apresentarem o som de algum grupo como "uma mistura de punk com heavy metal", desconfie. A sala da conceitual pós-punk, que misturou alhos góticos com bugalhos funk, fez esquecer que nos bons tempos esse tipo de música se chamava... rock. Um bom rock, no caso do *power trio* inglês New Model Army, cujo último LP acaba de ser lançado por aqui. Um baixão formidável (Stuart Morrow, considerado um dos melhores em seu instrumento no Reino Unido), uma bateria poderosa (Robb Heaton), a guitarra pesada mas esparsa e os vocais quentes (Slade the Leveller) estão além de muito maneirismo. A conferir. *A.A.*



MAISHA — Sadao Watanabe (WEA)

A contracapa mostra Sadao, de sax na mão, caminhando pelo deserto. O disco corresponde à imagem — não há contrastes e as perspectivas são exasperantemente iguais. Se Spyro Gyra já era uma diluição de fusões como o Weather Report, Sadao vai mais além, diluindo o Gyra. Duas das faixas, "Men and Women" e "Tip Away", recebem a colaboração (?) da voz insossa e pouco modulada de Brenda Russel. O indefectível e hoje milionário percussionista Paulinho da Costa está em todas as faixas, à exceção de "What's Now", numa cozinha de sabor tão insosso quanto a voz de Russel. Sensaborão total. *Maisha* é a trilha sonora ideal para as compras no supermercado. *J.E.M.*

CIELO E TERRA — Al Di Meola (EMI-Odeon)

Al Di Meola é, junto com Larry Corryel e Philippe Catherine, um dos mais talentosos e virtuosos guitarristas do jazz contemporâneo. *Cielo e Terra* mostra este talento, em andamentos lentos pontilhados por diversas influências latinas. Percebe-se, por exemplo, sonoridades que lembram Milton Nascimento em "Traces of a Tear" e na faixa-título. Já em "Atavism of Twilight", o clima acústico lembra a banda Oregon, de Ralph Towner. O melhor fica para "Coral", de Keith Jarret. Em algumas das faixas, Di Meola é acompanhado pela competente percussão de Airto Moreira. Bom para ouvir e ficar embaçando, deitado em rede. *J.E.M.*

A VIEW TO A KILL — Duran Duran e John Barry (EMI)

Duran Duran e James Bond fazem o mesmo tipo de espetáculo: todo ano um disco (um filme) superproduzido e razoavelmente divertido, que você espera como quem espera o coelhinho da Páscoa. É só não acreditar em nenhum dos três.

Por isso é oportuna a reunião deles — não, o coelhinho não — nesta trilha sonora do último 007. Os Duran Duran estão presentes em duas faixas, versões do mesmo tema. Aliás, deliciosas. A conexão Duran-Chic, que já tinha dado no ótimo Power Station (grupo que reuniu gente das duas bandas), rendeu agora a excelente produção/mixagem de Bernard Edwards (do Chic) e Jason Corsaro. O resto do disco é o inevitável *muzak* fílmico de John Barry. Eu fico com o compacto. *A.A.*

7.800° FAHRENHEIT — Bon Jovi (Polygram)

Mais um típico representante do famoso "rock de arena" — tipo Journey e Rush. Trata-se do segundo LP de Bon Jovi, grupo em que os destaques são Richie Sanbora (guitarrista) e Tico Torres (bateria), além, claro, de Bon Jovi (líder e vocalista). Tudo tão tecnicamente perfeito que às vezes lembra outros grupos que primam por excessivos tratamentos e cuidados no estúdio. O melhor mesmo é "King Of The Mountains" e "In And Out Of Love", sendo que "Tokyo Road" deverá agradar no Japão, terra onde os heavies são sempre bem recebidos. Mas, pelo título, ficou faltando uma boa dose de fogo. *L.R.*

HOTTER THAN HELL — Kiss (Polygram)

Os que gostam realmente do Kiss já devem ter há anos esse disco, considerado por seus fãs como o mais puro e pesado de toda sua carreira. Já os que nunca gostavam, vão continuar ignorando. Assim, trata-se de um relançamento pouco útil, à medida que existe tanta coisa que continua não saindo por aqui.

Hotter Than Hell (lançado em outubro de 74) é o segundo LP do Kiss, então com Paul Stanley, Gene Simmons, Ace Frehley e Peter Criss. Todos os quatro malvistos e mal recebidos pela imprensa escrita e falada devido ao seu visual, que associavam a uma total falta de competência musical. Mas o pessoal do Kiss Army Fan Club — enquanto curtia "Parasite", "Got To Choose", "Hotter Than Hell" e "Let Me Go Rock'n'Roll — trataria de levar seus ídolos ao topo, no ano seguinte, com os álbuns *Dressed To Kill* e *Alive I*. *L.R.*

WILLIE AND THE POOR BOYS (Polygram)

A Síndrome da Esclerose Múltipla é uma doença que ataca o sistema nervoso e vai debilitando o organismo — em todas as suas funções — até que ele se torne inútil. Ou pare de vez. E não tem cura, pelo menos por enquanto. As pesquisas engolirão milhões de dólares até que se chegue a uma conclusão.

Um músico muito especial foi atingido por essa doença: Ronnie Lane, ex-baixista do Faces. Duro e incapacitado de tocar, só restava a Ronnie esperar o fim, até que um grupo de amigos resolveu fazer shows beneficentes para angariar fundos para as pesquisas sobre a doença. Assim, reuniram-se num mesmo palco artistas do calibre de Eric Clapton, Jeff Beck, Jimmy Page e Charlie Watts.

Mas a coisa não parou por aí e acaba de desembocar neste disco concebido por Bill Wyman, o baixista dos Stones. Ele arregimentou alguns avôs do rock — Paul Rodgers, Andy Fairweather Low, Chris Rea, Mickey Gee — e juntos gravaram novas versões dos temas que fizeram parte de suas adolescências musicais. É uma verdadeira aula de raízes do rock. E uma causa nobre: cada disco comprado representa mais dinheiro para a pesquisa da cura da Síndrome da Esclerose Múltipla. *J.E.R.*

IN EKSTASY — Nina Hagen (CBS)

"Eu sou a mãe do punk!", ela urra na faixa-título, sobre as aprovativas vozes de Shango e Afrika Bambaataa. E a julgar pelo recheio completo deste seu quinto LP, La Hagen vai incendiar o território nacional mais uma vez.

Distante da produção de mil camadas de *NunSexMonkRock* (82) e do disco robotizado de *Fearless* (83), *In Ekstasy* marca uma volta às suas raízes mais cruas e pesadas dos tempos pré-EUA, com a Nina Hagen Band. É assim que "Russian Reggae" remete a "African Reggae" (de seu primeiro LP) e sua regravação da sinatriana "My Way" (homenagem a Sid Vicious) funde punk e heavy metal numa só chuva de guitarras. "1985 Ekstasy Drive" é outra paulada hiperamplificada, o que jamais entra em choque com a farta dose de computadores rítmicos e teclados eletrônicos. À frente dessa massa hecatômbica, claro, todos os vôos funkpunk da diva Nina.

Resumindo: um disco que funde o melhor de suas fases européia e americana. Para agradar velhos e novos fãs, em preparação para uma confraternização ao vivo e em multicor. *José Augusto Lemos*

AUTOBAHN — Kraftwerk (EMI-Odeon)

Não há muito a falar sobre este disco além do fato de ele ter revolucionado o pop dos anos 70 — ao estilhaçar tanto as fronteiras com o progressivo, quanto pular até os territórios das músicas eletrônica e concreta. Nada mais oportuno, portanto — nesta era de pop de alta tecnologia convivendo com baixa criatividade —, que esse relançamento, exibindo uma límpida remixagem digital. É preciso, porém, não esperar os mantras dançantes de LPs como *ManMachine* (78) e *Computer World* (81). Editado originalmente em 74, *Autobahn* encontra os kraft-chefes Ralf Hutter e Florian Schneider em um de seus momentos mais inspirados. Junto com o superengenheiro e produtor Conny Plank (figura lendária na tradição alemã de pesquisa com música e eletrônica), eles lançam aqui todas as sementes para a trilogia de LPs produzidos por Bowie e Eno, e o tecnofunk novaiorquino dos anos 80. Um detalhe: sem computadores. *J.A.L.*

NIGHT TIME — Killing Joke (Polygram)

Aqueles sintonizados com as finas porretadas do pós-punk britânico já conhecem o Killing Joke de outros carnavais. Formada em 78, a banda lançou quatro fulminantes LPs em que a santíssima trindade baixo-guitarra-bateria ataca os tímpanos como uma jamanta desgovernada — sem contar as letras do vocalista/mentor Jaz Coleman, todas apontando para o dia em que o sol vai nascer negro.

A história de *Night Time* é a seguinte: entre 83 e 84, a banda ficou quase um ano parada enquanto Coleman ruminava um retiro espiritual na Islândia. Na volta, deu com os pedidos da gravadora para que fizessem um "disco comercial". O vocalista acumulou, então, a função de programador de seqüenciadores e, logo, o Killing Joke tinha um compacto entre as "dez mais" inglesas. "Love Like Blood" já é hit faz tempo em certas pistas de dança do eixo Rio/SP. Mas não é a única obra-prima de *Night Time* — LP que é um exemplo de uma saída "comercial" que jamais implica em compromisso com o digestivo e o apelo fácil. *J.A.L.*

BOYS AND GIRLS — Bryan Ferry (Polygram)

Prepare seu coração para as coisas que o eterno romântico — o primeiro dos *news* — vai cantar. Mr. Ferry passou *dezoito* meses perambulando entre um total de *seis* estúdios, acompanhado de um elenco cinco estrelas de coadjuvantes. Entre eles, guitarristas como Dave Gilmour, Mark Knopfler e Nile Rodgers; bateristas como Omar Hakim e Andy Newmark; o superbaixo de Tony Levin e o supersax de David Sanborn. Resultado: levou o luxo e a luxúria instrumentais de *Avalon* — o canto de cisne do Roxy Music — ao último grau de refinamento filigranado. Um ou outro ranheta pode contra-argumentar que tudo isso pouco vale à medida que não passa de moldura para os lamentos lânguidos de Ferry, por seu coração incicatrizável. Ora, ora, eles são justamente o filé de *Boys and Girls*, presença obrigatória nas listas que forem destacar os melhores de 85. *J.A.L.*

CAPRICHOSO — Rumo (selo Rumo)

Como o próprio grupo diz, no divertido samba-enredo "Release", foi "formado por uns meninos/que viviam muito mal/gostavam muito de música/mas sem tino comercial". E justamente aí reside o maior pecado de *Caprichoso*. Agarrados como que por um compromisso ao circuito de produções independentes, o Rumo, como algumas outras bandas do gênero, abriga diversos talentos. Mas, como outras bandas semelhantes — vide Itamar Assunção —, acaba se voltando para um público pequeno e pouco renovável e se acomoda num território perigoso, o da mesmice. Há referências ao burguês que lava o carro em "Caprichoso", ao cotidiano oco dos bancos em "1800 e pouco", aos dilemas existenciais em "Bem Alto" e mesmo à campanha pelas diretas em "Esperança Ribeiro" ("E eu quero ver quem preenche/esse vazio que ficou"). Mas as tiradas inteligentes, que agradarão ao público fiel, não bastam para compensar tudo o que falta neste quarto LP: mais sonoridade, mais impacto, mais garra dos "meninos que gostavam muito de música". Nada contra a independência ou a falta de tino comercial. Destas duas posturas pode sair a renovação. Ou não. *J.E.M.*

FLY ON THE WALL — AC/DC (WEA)

Uma no estômago, outra na nuca do *headbanger* ansioso. A saga dos Young continua com seus fundilhos gastos, as farras, os concertos e, antes de mais uma turnê, é a vez do novo LP, gravado na Suíça. Tudo como dantes na terra dos cangurus.

Simon Wright, ex-A II Z, bate firme e forte o ritmo que é marca-registrada do grupo, sem muitas variações. Malcolm e Cliff ficam modestamente nas suas e Johnson continua esganiçando lá do fundo — depois de algum tempo, acaba cansando.

No final das contas, *Fly On The Wall* é mais contagiante que *Flick Of The Switch*, o anterior do AC/DC. Destaque para a faixa "Sink The Pink", que lembra saudavelmente "Behind Blue Eyes" do Who. *L.R.*

BE YOURSELF TONIGHT — Eurythmics (RCA)

Quem enxergou na explosão mundial do Eurythmics, em 1983, mais um tentáculo do então bem nutrido Leviatã tecnopop, logo, logo percebeu que necessitava urgentemente de duas coisas: óculos de grau e uma caixa de cotonetes. A dupla — formada pela cantora *extraordinaire* Annie Lennox e pelo guitarrista, tecladista e produtor Dave Stewart — jamais se prendeu a *um* estilo. Além do mais, são artistas mutantes e incategorizáveis. *Be Yourself...* revela um Eurythmics transmutado em bandão de soul dos anos 60. Faixas como "Would I Lie To You" e "Sisters Are Doing It For Themselves" parecem nascidas nos estábulos criativos das antigas gravadoras Motown e Stax-Volt, templos ancestrais do soul norte-americano. *J.E.R.*

HOW MEN ARE — Heaven 17 (RCA)

Parece que finalmente "nossa" RCA está acordando para o fato de ter nas mãos o selo inglês Virgin, que não vive só de Mike Oldfield e Culture Club. Entre as preciosidades está o Heaven 17, trio dado ao soul branco inaugurado por Bowie em *Young Americans* (75) e fundado pelas duas cabeças do Human League original — Martyn Ware e Ian Craig Marsh — ou seja, tecnopop com cérebro. *How Men Are* é o terceiro LP deles e, apesar de melodias e arranjos potentes, não chega aos pés dos dois anteriores — *The Luxury Gap* (82) e *Penthouse & Pavement* (eleito pela crítica inglesa o melhor LP de 81). *J.A.L.*

INDÚSTRIA DO ROCK — Vários (Top Tape)

Mais uma coletânea do gênero "vestibular do sucesso", em que as gravadoras têm testado os neófitos do rock nacional. Desta vez são dez grupos cariocas: Cheque Especial, Última Tropa, Anarchia, Daniele, Impressão Digital, Evo, Hi-Fi, Rock Dog, Metrópole e, ufa, O Espírito da Coisa. Nada de particularmente interessante, ainda que ouvir uma única faixa não seja suficiente para formar uma opinião sobre uma banda. A pretensão geral parece ser o tecnopop maroto, vagamente erótico ou politizado. Mau sinal, o Rock Dog consegue ser o *mais* original, sendo o *menos* original, ele aparece com uma versão para uma música de Eric Clapton. *A.A.*

MISPLACED CHILDHOOD — Marillion (EMI-Odeon)

Das duas, uma: se você assina a cartilha dos que garantem que os anos 80 são uma reedição dos anos 60, o Marillion é uma banda à frente do seu tempo. Se você é um prafrentex convicto, daqueles que se recusam a olhar para trás, o Marillion não passa de uma xaropada retrô.

A verdade é que o Marillion faz rock progressivo dos anos 70 *hoje!* O que em si já é uma aberração. Em vez de atualizar a sonoridade e o discurso progressivos, o Marillion fica repetindo cacoetes musicais do Genesis de Peter Gabriel e do Van Der Graaf Generator, sem pudores.

A única diferença são as letras, menos esotéricas do que no passado. Contudo, menos inteligentes. *J.E.R.*

Stamp

T-SHIRTS

ESTAMPAS EXCLUSIVAS

Reembolso Postal
Entrega Rápida

GRÁTIS

OFERTA
Na compra de cinco camisetas, ganhe uma à sua escolha.

Este adesivo dentro de cada embalagem.

DESCONTO

Enviando cheque nominal à Stamp ganhe 10% de desconto no valor total de seu pedido (qualquer quantidade). Preencha o cheque já com o desconto calculado.

Preencha corretamente: referência, cor da camiseta, tamanho (P, M ou G) 100% algodão

REF.	COR	TAM.	REF.	COR	TAM

Nome
End
Cidade
Est CEP

Envie este cupom ou xerox para Stamp
Rua Embaixador João Neves da Fontoura, 198
CEP 02013 - São Paulo - SP

BL22 03

Turbo Secador Arno

Moderno, arrojado, possante.

1250 watts para secar os cabelos em ritmo de rapidez total. Seis combinações de ar e calor, afinadas para o tipo de cabelo ou visual que você tem ou você gosta.
Turbo Secador Arno, bivolt.
Tudo o que você precisa para amaciar os cabelos rebeldes. Acariciar cabelos finos. Produzir os encaracolados, espessos, lisos ou ondulados. E, com liberdade, criar o look revolution do seu jeito especial de ser.

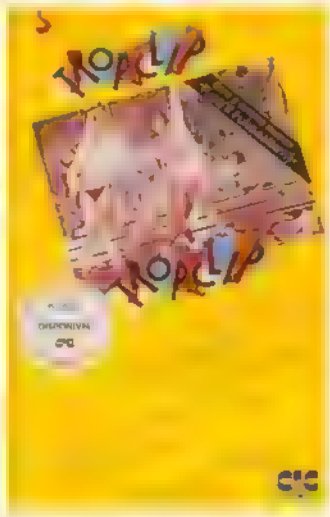
RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁ

"Vocês se lembram de mim? Meu nome é **Kim Carnes.** Minha voz continua a mesma — rascante e cansativa após a quinta audição —, mas os músicos que tocam comigo em meu novo disco, **BARKING AT AIRPLANES** (EMI-Odeon)... tem os guitarristas Waddy Wachtel, Ry Cooder e Lindsey Buckingham, o baixista Lee Sklar... ah, tem também os vocais de Martha Davis (cantora do Motels) e de James Ingram" ⊗ Quem gosta de Prince precisa conhecer **Rick James.** Em seu novo disco, **GLOW** (RCA), Rick reafirma sua posição de grande funkeiro punk ⊗ **Tunai** voltou, com um disco homônimo (Barclay) e com uma sonoridade que lembra muita coisa — country americano anos 70, Djavan e até Beatles, na faixa "Você e Eu", arranjada e costurada pelo brilhante cellista Jaquinho Morelenbaum ⊗ Imperdível mesmo é a faixa de **Caetano Veloso** na trilha de **TENDA DOS MILAGRES** (Som Livre). "Milagres do Povo" é uma verdadeira aula de poesia musical: "Quem é ateu e viu milagres como eu/ sabe que os deuses sem Deus não cansam de brotar, não cansam de esperar". As demais faixas da trilha, distribuídas entre baianos como Moraes Moreira e Dorival Caymmi, são bem assim-assim ⊗ Ex-gogó do grupo vocal Céu da Boca, **Verônica** acabou de estrear solo com o álbum **METAMORFOSE** (Polygram): arranjos sensaborões, que caberiam em qualquer voz, não conseguem deixar o ouvinte descobrir a que veio Verônica. Exceção feita a "Muito Romântico", que revela uma cantora inspirada ⊗ **Rick Springfield** é uma espécie de Fábio Júnior norte-americano — já foi ator de novelas e, agora, dedica-se exclusivamente a sua segunda carreira: rock'n'roll. Seu novo disco, **TAO** (RCA), apesar de não ter nada de brilhante, é o melhor da carreira de Ricky. Também pudera: a produção é esmerada, *state-of-the-art*. Entre os músicos convidados, o veteraníssimo tecladista Nicky Hopkins e o baixista Pino Palladino.

José Emílio Rondeau

LANÇAMENTO

TROPCLIP (1985)

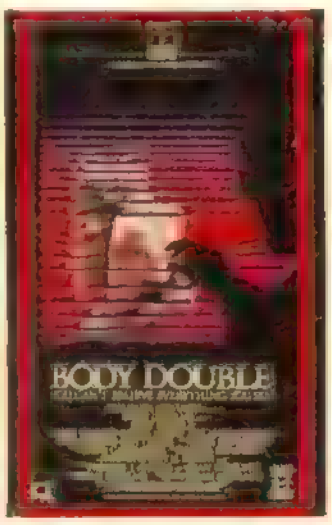


Direção: Luiz Fernando Goulart. Com Marcos Frota, Carlos Loffler, Tania Nardini e Ticiana Studart

Dois jovens casais chegam à metrópole a fim de vencer na vida com uma profissão charmosa e ideal: produtores de videoclips. Ninguém é do ramo. Um é disc jockey e o outro um técnico em computação. Das garotas, uma dança e a outra é produtora de teatro. Mil peripécias num filme leve e adolescente, com trilha sonora de Barão Vermelho (ainda com Cazuza), Kid Abelha e outros

POLICIAL

DUBLÊ DE CORPO (Body Double, 1985)



Direção: Brian De Palma Com Craig Wasson, Gregg Henry e Melanie Griffith. Cópia dublada

Com elementos de dois filmes-chave do mestre Hitchcock — *Janela Indiscreta* e *Um Corpo que Cai* —, De Palma atinge aqui o que talvez seja o momento mais inspirado de sua carreira. Suspense de congelar a espinha, numa trama enxuta, envolvendo o assassinato de uma beldade estonteante (Deborah Shelton). De quebra, uma simpática ponta da moçada do Frankie Goes to Hollywood

LUA NA SARJETA (Moon in the Gutter, 1983)

Direção: Jean-Jacques Beineix. Com Gerard Depardieu, Nastassia Kinski. Legendado e original

Um visual um tanto surreal cerca a história do trabalhador nas docas (Depardieu) que busca o homem que violentou sua irmã. No meio das investigações, Depardieu tromba com a bela milionária e irresistível Nastassia e sua vida se destrambelha. Tudo muito pretensioso, mas vale a pena ver.

CHINATOWN (1974)

Direção: Roman Polanski Com Jack Nicholson, Faye Dunaway, John Huston

Mais um policial fortemente marcado pela influência da dupla de escritores Dashiel Hammet e Raymond Chandler, situado na década de 30. Nicholson, um detetive particular, acaba envolvido num caso que se mostra supercomplexo e perigoso, levado por uma *femme fatale*, a louraça Faye Dunaway

HAMMET (1983)

Direção Wim Wenders. Com Frederick Forrest, Peter Boyle, Marilu Henner. Legendado e original

Wenders, um dos mais geniais diretores dos últimos tempos (*O Amigo Americano*, baseado no livro do mesmo nome de Patricia Higsmith) cria uma biografia imaginária. É a história de um período da vida atribulada de Dashiel Hammet, o mais importante escritor policial americano, autor de *O Falcão Maltês*. Wenders sempre havia filmado em externas, e aceitou o convite de Coppola para fazer *Hammet* no Zoetrope Studios

MUSICAL

COOL CATS (1983)

Direção: Terry Dixon. Com David Bowie, Blondie, Buddy Holly, Jimi Hendrix, Janis Joplin e outros

Uma bela colagem musical, e uma breve história do rock, pegando desde Holly e Everly Brothers, passando por Elvis Presley, Beatles, Kinks, Rolling Stones e desembocando no punk do Sex Pistols, na wave de Blondie e o neo-rockabilly do Stray Cats. Uma peça para ver e rever

FICÇÃO

UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES (An American Werewolf in London, (1983)

Direção: John Landis. Com David Naughton, Jenny Agutter. Legendado e original

Landis é o diretor genial de *Os Irmãos Cara-de-Pau* (uma tradução infeliz para *The Blues Brothers*), uma comédia hilária recheada de som. E, ainda, de um dos episódios de *Além da Realidade*, um *science-fiction* de arrepiar. De lobisomem ele entende. Foi quem transformou Michael Jackson em monstro em *Thriller*. David passeia com seu amigo Jack numa charneca inglesa. Depois de uma noite de chuva, Jack está morto e David no hospital, inconsciente. No final descobre a terrível verdade: tinha se transformado num lobisomem

JOGOS DE GUERRA (War Games) (1983)

Direção: John Badham. Com Matthew Broderick, Dabney Coleman. Legendado e original

Era tudo uma brincadeira da era da informática. David, 17 anos, está sentado em frente a seu micro. Por acaso, e sem saber, entra no sistema de segurança nacional dos Estados Unidos, colocando o mundo na iminência do holocausto nuclear. David acha, até ser descoberto pelo FBI, que estava envolvido num divertido videogame. Badham, que dirigiu também *Embalos de Sábado à Noite*, cria um clima com muito efeito especial. David disparou a guerra e lhe restam 27 horas e 59 minutos para desfazer o equívoco

Antonioni e sua visão do modo de vida americano

DRAMA

ZABRISKIE POINT (1970)

Direção: Michelangelo Antonioni. Com Mark Frechette, Daria Halprin, Rod Taylor. Legendado e original.

Mesmo datado é, em certos momentos, cansativo. Uma incursão imperdível de Antonioni na sociedade americana, a qual destrincha impiedosamente, revelando um modo de vida materialista, agressivo e egoísta. Muita atenção na cena final. E realmente de deixar os queixos caídos

FURYO — EM NOME DA HONRA (Merry Christmas, Mr. Lawrence, 1983)

Direção: Nagisa Oshima. Com David Bowie, Ryuchi Sakamoto, Tom Conti. Legendado.

Num campo de prisioneiros japonês, durante a Segunda Guerra, o coronel Lawrence (Conti) é o único bilíngue. Isso o transforma em testemunha e narrador privilegiado do confronto cultural Ocidente/Oriente — concentrado nas figuras do inglês Celliers (Bowie) e do Capitão Yonoi (Sakamoto), o manda-chuva do campo

Um filmaço de Oshima (*Império dos Sentidos, Império da Paixão*), com belíssima fotografia e apaixonante trilha sonora do próprio Sakamoto. De quebra, talvez a melhor atuação de Bowie no cinema

1984 (1984)

Direção: Michael Radford Com John Hurt, Richard Burton. Legendado e original.

Escrito há mais de 40 anos, o livro de George Orwell falava de um mundo futuro, dominado pela paranóia e a vigilância eletrônica, armas de manutenção de uma ditadura planetária e implacável. Nesta refilmagem, com John Hurt (*O Homem Elefante*) e Burton em seu último trabalho, belas imagens reforçam um clima sufocante. Apesar de baseado num livro que atacava mais diretamente a ditadura stalinista, o filme não perde sua atualidade

COMÉDIA

NEGÓCIO ARRISCADO (Risky Business, 1983)

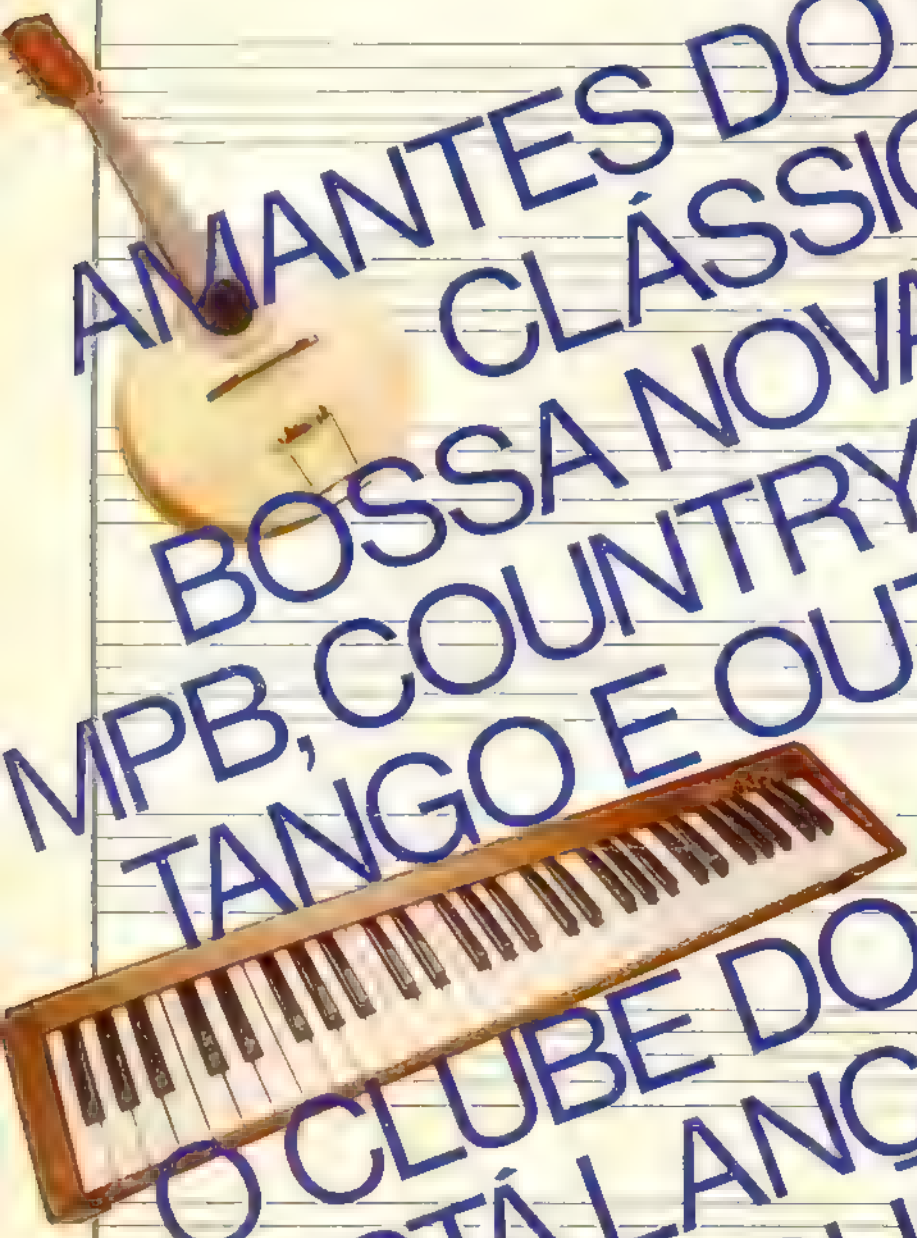
Direção: Paul Brickman Com Tom Cruise, Rebbeca de Mornay

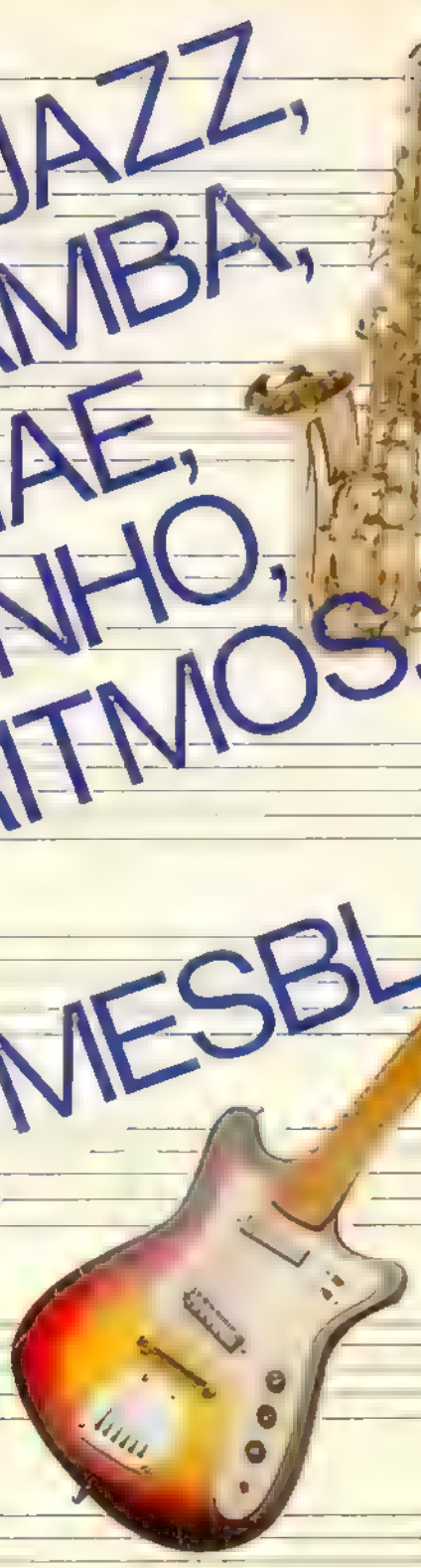
Joel (Cruise) é um cara certinho. Filho de classe média, a caminho da faculdade. Tudo numa boa, até o dia em que seus pais viajam e deixam a casa por sua conta. Joel conhece uma moça transadíssima, Lana (Rebbeca, que já fez uma ponta em *O Fundo do Coração*, de Coppola). Ela faz uma proposta comercial: transformar a casa num bordel

---

Levantamento feito a partir da distribuidora CIC e do Videoclube Omni Video (SP)

AMANTES DO ROCK, JAZZ, CLÁSSICOS, SAMBA, BOSSA NOVA, REGGAE, MPB, COUNTRY, CHORINHO, TANGO E OUTROS RITMOS.





O CLUBE DO DISCO MESBLA ESTÁ LANÇANDO O MAIOR SUCESSO DAS PARADAS.

NA COMPRA DE QUALQUER DISCO VOCÊ GANHA UM CUPOM. SOMANDO 10 CUPONS VOCÊ GANHA UM DISCO.

No Clube do Disco Mesbla você sempre encontra os maiores sucessos nacionais e internacionais do momento. E com a promoção do Clube do Disco Mesbla, sua coleção vai ficar cada vez melhor.

Seja qual for o seu estilo musical, o Clube do Disco Mesbla não perde o ritmo com você.

CLUBE DO DISCO Mesbla

Utilize o seu Cartão de Crédito Mesbla ou compre sem entrada pelo Credi-Mesbla.

hollywood sportline

A roupa do sucesso.

METRIC

ULTRAJE A RIGOR

INVADINDO TODAS AS PRAIAS

Mergulhados na vertigem do sucesso, em meio a shows, tevês e mil compromissos, Roger, Maurício, Leospa e Carlinhos conseguiram abrir um espaço de uma tarde para falar à BIZZ. Em volta de uma cervejinha, eles contaram muita coisa. E deu nisto:

BIZZ — *Nós Vamos Invadir sua Praia* está vendendo muito bem. Quando é que vocês vão gravar um disco novo?

Roger — *Na hora de assinar o contrato, a gente falou que não queria entrar no estúdio num prazo certo, mas quando tivéssemos músicas boas para um segundo LP. O primeiro foi superesperado. A gente ia fazer shows e todo mundo perguntava quando ele ia sair. Fizemos eleição com o público num show na danceteria Rádio Clube, em São Paulo, para escolher o que gravar. Escolhemos as sete primeiras e colocamos quatro músicas novas. Quer dizer, a gente tinha certeza de que seria aceito. Mas tem algumas músicas que sobraram do primeiro LP* (risos). *Tem algumas instrumentais. No começo tinha muitas: "Beer", "Balde de Gelo", "Maquininha", "Robson e seus Robôs" e "Crescendo".*

BIZZ — Quer dizer que não vai ter aquele número de lançar em novembro para vender no Natal?

Maurício — *Não! No máximo a gente lança uma marchinha para o Carnaval.* (risos)

Muito trabalho

BIZZ — Vocês já tiveram problemas com as feministas? O Leospa disse, por exemplo, numa entrevista à "Folha de S. Paulo", que mulher serve é para trazer o carro do aeroporto quando a gente viaja.

Roger — *Não conhecemos nenhuma* (risos). *É que a gente fala tudo em tom de brincadeira.*

(Carlinhos finge roncar, entediado. Disse só uma frase, uma palavra, na entrevista. Saiu no meio do papo para ir ao dentista e voltou uma hora e meia depois, com a boca torta, anestesiada.)

BIZZ — O Roger está tendo aulas de canto com a Nancy Miranda. Não é ela que está dando aulas de dicção pro Eduardo Suplicy (candidato do PT à prefeitura de São Paulo)?

Roger — *É ela. Mas parece que não está adiantando muito.* (risos)

BIZZ — Vocês estão conseguindo um tempo livre, sem shows ou gravações?

Roger — *Nós trabalhamos muito desde o começo da gravação do LP. Passamos no Rio 28 dias gravando o LP e não invadimos nenhuma praia. Nem vimos nenhuma! Nem o calçadão!*

Maurício — *É. Nós voltamos para casa de submarino.*

BIZZ — Mas vocês não têm uma programação tipo passar janeiro e

Roger, Leospa, Maurício e Carlinhos: um disco de ouro para o bom humor

Fotos Luis Gomes Estudio Abril

fevereiro nas Bahamas? (risos)
Maurício — *Nós estamos programando isto há anos, cara* (risos).
Leospa — *O mais longe que a gente conseguiu ir foi a Ubatuba* (litoral de São Paulo) *na casa do Maurício.*
Roger — *Eu consegui chegar até Uberaba. Mas este ano nós estamos pensando em parar um mês inteiro, em fevereiro. E uma semana deste mês ir até Nova York.*
Maurício — *Porque embora roqueiros, nós também somos carnavalistas. Eu e o Roger pulamos todo ano.*

O rock lá de fora

BIZZ — Em N.Y. vocês vão acabar ouvindo muito som. Como é que é a relação de vocês com o rock de fora? O Roger já andou dizendo que não está nem aí com o rock inglês.

"A gente procura não copiar e chupar a música lá de fora"

Roger — *Não é bem assim. A gente procura não copiar, não chupar. Saiu, eu escuto, mas me ligo mais é no rock brasileiro, ultimamente. Gosto de ouvir os outros grupos todos. Gosto do Ira!, Lobão, Legião Urbana, Paralamas, Capital Inicial, RPM, mesmo do Metrô...*
Leospa — *Até mesmo o Kid Abelha!*
Roger — *Tem também o Léo Jaime, o João Penca... Mas ver shows é difícil. A gente toca todo fim de semana.*
BIZZ — Todas as bandas mencionadas já são conhecidas. Vocês acompanham o pessoal que está subindo?
Roger — *Não dá tempo. Ando curioso para ouvir o Tokyo, me falaram muito bem.*
BIZZ — Vocês têm já um papel de liderança. O Ultraje é muito procurado por novos grupos, que vão levar *demo tapes?*
Maurício — *Ô! É o maior encosto, cara. Mandam fitas, releases, telefone, muita coisa feita em casa. Mas, sério, não é frescura. Não dá tempo de ouvir mesmo.*
Roger — *Tem um ou outro grupo, como o Musak, que é de um amigo nosso. Não consegui vê-los ao vivo. Só ouvi fita. O Akira S e as Garotas que Erraram gravou com o Musak, não foi? Mas eu não ouvi. O pessoal acha que a gente tem capacidade de chegar, levar os caras para a gravadora. É difícil. E eu não acho que este é o caminho. Nós fizemos muitos shows, e fomos conquistando o público fora das rádios. Depois é que nós conseguimos sucesso na rádio. O pessoal acha que é simples. Quando a gente ouve uma fita, o que a gente pode fazer é levar a fita para o Peninha, o Liminha* (produtores do Ultraje). *E eles não fazem nada* (risos).
BIZZ — Hoje está acontecendo um deslocamento do rock de São Paulo para o Rio. Vocês ainda sentem, tocando no Rio, algum problema de aceitação?

Um som nacional

Roger — *Não. Somos um grupo brasileiro. A gente é aceito normal, talvez até mais que em São Paulo, porque nós ficamos muito tempo tocando aqui, sem sair de São Paulo. Até imitam nosso sotaque.* (Em tom caipira.) *Eu me mordo de ciúme* (risos). *Hoje há bandas de Brasília, de todo lugar. Começou no Rio por uma proximidade das gravadoras e da Rede Globo, eu acho. Como começaram todas ao mesmo tempo, agora estão preparando outro LP, descansando... Neste tempo, todas as gravadoras resolveram reparar em outros Estados.*

U2

ULTRAJE A RIGOR

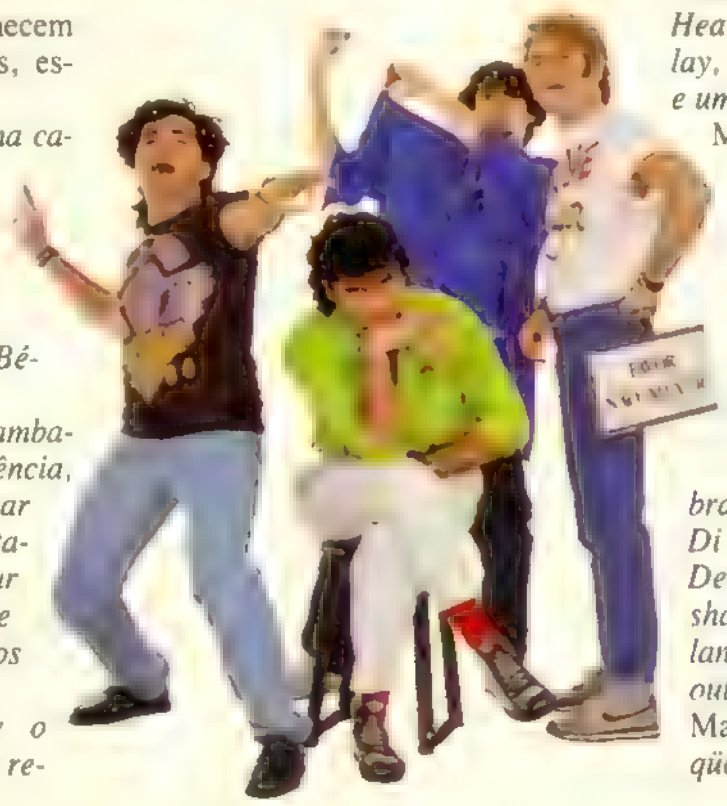
Leospa — *Da próxima vez acho que vai ser a vez dos caras do Sul. Lá tem uma batelada de bandas.*
BIZZ — Vocês acompanham o rock brasileiro desde o comecinho. O que vocês acham que mudou substancialmente no nosso rock de lá para cá?
Peninha — *Eu ganho mais!* (risos)
Leospa — *Tinha menos gente naquela época para representar o rock. Na Tropicália, por exemplo, tinha Rita Lee, Raul Seixas, mas era muito pouco. De repente agora o rock pegou legal.*
Roger — *Tinha também num período grupos tipo O Terço, mas eram meio na cola dos importados, e a cópia ficava sempre mais chutada. Acho que hoje em dia o pessoal está mais ligado mesmo em fazer um rock brasileiro, com as condições daqui, os temas daqui, aparelhagem daqui...*
Maurício — *Não, aparelhagem daqui não.*
Roger — *Isso no começo.*
BIZZ — Vocês vão virar psicodélicos?

Pretenders, Clash...

Maurício — *Que é isso? Deus me livre! Nós já passamos esta fase. Meu cérebro já está psicodélico.*
BIZZ — Voltando às bandas, quem vocês ouvem lá de fora?
Roger — *Eu gosto de Pretenders, Billy Idol, mais ou menos Bruce...*
Maurício — *Eu gosto muito do The Cure, gosto do U2 pra caramba, do Clash e de algumas bandas heavy. Gary Moore, Alcatraz... Não gosto da* new deprê.
BIZZ — As pessoas reconhecem vocês na rua, arrancam roupas, estas coisas?
Leospa — *Nossa. Ontem foi uma catástrofe. Nós descemos, eu e Roger, num bar de beira de estrada voltando de Minas Pintou uma plaquinha indicando uns lambaris e nós paramos.*
Maurício — *Programa de Zé Bétio...*
Leospa — *Mas é legal uns lambaris. Chegamos na maior inocência, achando que dava para pegar uma mesinha e tal. Só que estava cheio de ônibus de excursão. Nós chegamos no balcão e foi aquele massacre. Tivemos que pedir tudo para viagem.*
Roger — *Mas normalmente o que acontece é que o pessoal reconhece, a gente cumprimenta.*
Maurício — *No caso do meu prédio, as meninas enchem o saco.*
Roger — *Tem muito a mágica do show. Às vezes temos de sair com segurança. Mas é legal. A gente gosta disso.*
Maurício — *O único medo que a gente tem, quando vai tocar em cidades pequenas, é dos namorados das meninas, aqueles moleques filhos de fazendeiro que andam de revólver. Mas não acontece. A gente tem dado sorte. Só tem vindo solteiras* (risos).

"Às vezes temos de sair do show cercados pela segurança"

BIZZ — Os shows estão sendo feitos em cima do disco?
Roger — *Não. São mais livres, mais improvisados, com mais solos. O som é normalmente um pouco mais rápido e mais sujo.*
BIZZ — Este som "sujo", este clima, está muito no disco. Como é que vocês conseguiram isto?
Roger — *O Peninha e o Liminha viram muitos shows da gente. E nas gravações a gente ficava falando: "Mais assim, mais assado", ouvia o que tinha saído. Botava os amplificadores no talo e dizia: "Eu quero que saia este som". E tivemos muita liberdade no estúdio. Era aquele regime de escravatura amigável. "Ciúme" e "Se Você Sabia" gravamos todos juntos, como se fosse mesmo ao vivo.*



BIZZ — Em algum momento vocês se sentiram assustados com o sucesso, ou nem deu tempo?
Roger — *Nosso público ia crescendo. Quando a gravadora lançou "Inútil" tinha toda aquela expectativa. E não estourou. Depois foi a mesma coisa com "Eu Me Amo". Também não estourou. A gente foi acostumando com a idéia. Aí quando a gravadora lançou o mix do "Ciúme" começou a tocar nas rádios. E virou o maior sucesso. Não chega a assustar porque a gente esperava e gosta disso. Mas tem sustos como o do lambari.*
BIZZ — Que direção vocês acham que o rock daqui vai tomar?
Roger — *Eu acho que o rock tem de ser simples. Ele pode ser complicado ritmicamente. Tem o caso de certas pessoas que nunca se sofisticaram, que sempre fizeram rock básico, como é o caso dos Stones. Sofrem influências, assim como a gente sofre de outros tipos de músicas, como funk ou heavy. O complicado do rock é que é difícil fazer música boa com coisa pouca.*

A ficha técnica

BIZZ — Em Nova York vocês vão ver muitos instrumentos. O que é que vocês estão usando agora?
Roger — *Eu tenho uma guitarra só, uma Fender Lead One* (um modelo Strato fabricado no Japão).
Maurício — *Você tem outras duas.*
Leospa — *Das outras duas é melhor não falar na entrevista. São brasileiras.*
Roger — *Eu tenho um amplificador Cube 100 da Roland, um pedal Heavy Metal, um pedal digital delay, que preciso mandar consertar, e um saxofone.*
Maurício — *Tenho um amplificador Gallien-Kruger e um Fender. Tem ainda um Peavey.*
Leospa — *Eu tenho uma Tama, cheia de pratos e tal. Não uso bateria eletrônica, só acústica.*
Carlinhos — *Eu tenho uma guitarra Jackson e outra Vitório (celebrado artesão paulistano). Só o corpo. O braço é alemão e os captadores Di Marzio. Tenho amplificador Dean Markley, uma caixa Marshall, um outro amplificador Roland, um digital delay Ibanez e outro Delta Lab...*
Maurício — *E uns cento e cinqüenta pedais.*

1eaneration apresenta

HM

Heavy Metal

* Como são as coisas. Também o **Twisted Sister** teve que sair dos EUA para se tornar um sucesso na Inglaterra. Tudo tem volta. Agora, quando a turma de **Dee Snider** se prepara para lançar novo LP — com uma faixa com participação de **Alice Cooper** —, é lançado nos Estados Unidos *Under The Blade*, com 4 faixas, originalmente prensado em 82 na Inglaterra. O disco tem produção de **Pete Way**, baixista do **Waysted**, ex-UFO. E pode sair em breve aqui, com uma quinta faixa inédita no original, "I'll Never Grow Up".

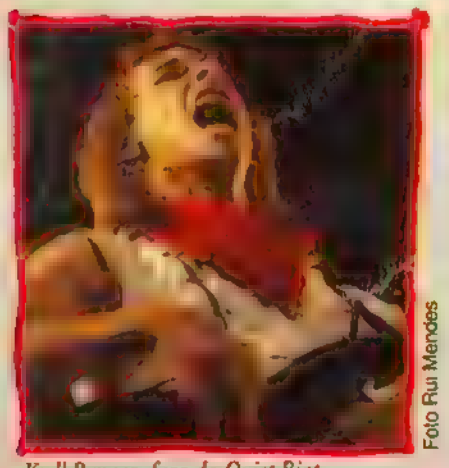


Foto Rui Mendes

Kjell Benner, fora do Quiet Riot

* **Kjell Benner**, aquele baixista inibido que você viu tocando com o **Quiet Riot** em sua recente turnê pela América do Sul, não agüentou o tranco. Em agosto anunciou-se que **Chuck Wright**, ex-Giuffria, vai ocupar seu lugar (que já foi um dia de **Rudy Sarzo**). Chuck está no primeiro LP do **Giuffria**, lançado recentemente aqui. Já Rudy está ensaiando com sua nova banda.

* **Warren De Martini**, guitarrista do **Ratt** — cujo álbum mais recente, *Invasion Of Your Privacy* (já lançado aqui), bate recordes de vendagem lá fora —, disse recentemente à imprensa americana: "Não somos somente uma banda heavy metal. Estamos numa variação do rock'n'roll entre o pop e o punk". Pelo que se conhece do grupo, é ouvir e não levar a sério.

* Enquanto o terceiro LP do **Motley Crüe**, *Theatre Of Pain*, alcança altas vendagens nos States, **Vince Neil**, vocalista/mentor do grupo, declara que o sucesso do disco e dos concertos está fazendo com que esqueça um pouco os maus momentos que vem passando com a justiça americano desde o início do ano. Os problemas são conseqüência do acidente de carro que sofreu em Redondo Beach, no qual morreu **Nicholas "Razzle" Dingley**, batera do Hanoi Rocks. O Hanoi parou depois disso. Como já se sabe, Vince dirigia bêbado e em um primeiro julgamento foi considerado culpado. Só está em liberdade devido ao pagamento de uma fiança altíssima. Com isso também não se fala mais na possível saída de **Mick Mars** para a entrada de **Jake E. Lee**, que continua firme com Ozzy Osbourne enquanto não forma a sua própria banda.

Foto LFI

Sammy Hagar para o lugar de Roth

* Desde o lançamento do EP *Crazy From The Heat* de **Dave Lee Roth**, rola a maior boataria sobre o fim do grupo ou a saída de Dave. Tudo sempre desmentido. Mas Eddie Van Halen deu a maior dura em Dave, comos nós contamos na BIZZ n.º 2. Agora surge uma bomba antes do lançamento do novo álbum. No lugar de Dave, que sairia mesmo, estaria entrando **Sammy Hagar**, vocalista e excelente guitarrista. Com dois solistas, a banda ficaria instrumentalmente mais forte. Sammy já tocou com **Ronnie Montrose**, tem dez discos solo lançados (dos quais só dois saíram aqui) e, sempre que pode, excursiona com seus amigos do **Journey**. Já Dave vai partir pro blues.

* Muita loucura no concerto de décimo aniversário do **Motorhead** em julho último, no Hammersmith-Odeon de Londres. Além do quarteto atual, participaram do show todos os ex-elementos da banda. Em alguns momentos havia em cena seis guitarristas, dois baixos, dois bateras e **Lemmy Killminster** urrando enquanto aparelhos de TV eram destruídos. No happening final, ainda subiram ao palco as *meninas* do **Girlschool** e **Wendy O'Williams** (ex-Plasmatics), que cantaram com todos "Motorhead" e "Happy Birthday". Tudo enlevado por 21 amplificadores Marshall. Teve gente que ficou surda por uns três dias

* O mundo metalúrgico está sempre em ebulição. No festival de Knebworth, em julho último, tocaram debaixo de muita chuva o **Alaska** (de **Bernie Marsden**), o retomado **Mountain, Mama's Boys, Blackfoot, Meat Loaf, Scorpions** e **Deep Purple**. Já em agosto, no *Monsters Of Rock* de Castle Donnington, tocaram **ZZ Top, Marillion, Bon Jovi, Metallica** e **Ratt**. No mesmo mês, em Los Angeles, no *Day On The Green Festival* tocaram **Scorpions, Ratt, Y & T** e **Metallica**. Esse último grupo está numa lista de próximos lançamentos por aqui, junto com **Slayer, Venom** e umas bandas japonesas. Aguardem.

Leopoldo Rey

1eaneration veste a gente do jeito que a gente é.

Ilustração Cleber Vespa Garcia/ Foto Estudio Abril

AS DUAS VIDAS DO

DURAN DURAN

UM PAPO COM NICK RHODES

Foto Ormuzd Alves

Nick Rhodes, tecladista do Duran Duran, está mergulhado no projeto paralelo Arcadia

Fãs do Duran Duran, preparem-se para sacar as carteiras. The Arcadia é o nome do outro Power Station — ou seja, uma nova banda paralela formada por membros do grupo que subiu sem escalas do movimento *New romantic* para o megaestrelato internacional.

***So Red is the Rose* é o nome do LP — até o final do ano nas praças — que reúne os *duranies* Simon Le Bon (vocal), Nick Rhodes (teclados) e Robert Taylor (bateria) e músicos ilustres como o saxofonista Andy MacKay (Roxy Music), os guitarristas Carlos Alomar (Bowie) e Dave Gilmour (Pink Floyd). Isso além de canjas especiais que resultaram das visitas de Sting e Grace Jones ao estúdio.**

Numa linda tarde do verão londrino, Nick Rhodes recebeu *Carla Gullo* com um *walkman* e uma fita cassete, na suíte presidencial do Hilton Palace Hotel. Na fita, três músicas já prontas e mixadas do Arcadia. Impressionada, Carla as descreve como "um som totalmente diferente do Duran Duran — para sentar e ouvir, e com um piano que lembra os melhores momentos de Brian Eno".

BIZZ — Conta para a gente sobre o projeto Arcadia...

Nick — *Bem, o projeto foi iniciado com uma estrutura bem simples. O Roger compôs todos os ritmos, enquanto Simon e eu partimos de um piano, lápis e papel. Só daí é que fomos trabalhando tudo muito cuidadosamente, tentando conseguir algo que nunca tínhamos realizado antes: construir canções artesanalmente. As letras de Simon foram tiradas de experiências muito profundas e acabamos criando uma música completamente diferente da do Duran. Eu, particularmente, tenho me interessado muito mais por atmosfera e textura e compus nesse sentido. E penso que o resultado final é alguma coisa bem original — muito esotérico e abstrato. Existem algumas canções dançáveis no LP, mas acho que as pessoas vão mesmo é ouvi-lo sentadas. Há uma infinidade de detalhes e era isso que estávamos precisando depois de cinco anos juntos como Duran Duran. Sentimos necessidade de dar um tempo e aqui estamos — dois de nós no Power Station e três no Arcadia..*

BIZZ — Falando no Power Station, o que você achou do som deles e do sucesso — até inesperado — de público e crítica?

Nick — *Estou muito feliz com o sucesso deles. Quer ver? Eu convivo com o John desde os dez anos de idade e amo muito o Andy. Considero os dois supertalentosos e acho que quiseram fazer algo bem diferente. Algo que eu, particularmente, nunca gostaria de fazer. Afinal, é um disco de rock pesado e meu coração está mais envolvido em criar coisas novas e derrubar barreiras. Mas o Power Station tem sua originalidade, acredito que deve tê-los deixado muito orgulhosos, é um som realmente potente. Estou de fato muito feliz com o sucesso deles.*

"Sempre lutamos por alguma coisa nova e enfrentamos todos os desafios"

BIZZ — Mas estes dois projetos — o Power Station e o Arcadia — não ameaçam a continuidade do Duran Duran? Para quando são os planos de reencontro da banda?

Nick — *Não ameaça em nada. A banda estará reunida mais uma vez*

no final deste ano. Já tínhamos combinado terminar ambos os projetos até então. O Power Station continua excursionando pelos Estados Unidos, e nós estamos completando o LP e queremos fazer alguns vídeos. Mas não sei se já teremos um disco novo do Duran Duran para o final de 85.

BIZZ — Com todo o sucesso do Duran, o que é que mantém o grupo unido?

Nick — *Basicamente nós cinco. Durante cinco anos temos sido amigos, convivendo o tempo todo, nunca separados. Eu amo todo mundo na banda, são provavelmente meus melhores amigos, e acho que sempre lutamos por alguma coisa nova e sempre desafiamos tudo que havia para ser enfrentado. Dizíamos: "Sempre vamos atingir o objetivo". É algo muito especial, uma mistura dos cinco em combinação que faz do DD um grande grupo — alguma coisa que nunca vou deixar escapar da minha mente. Ainda temos muito trabalho pela frente e acho que vamos continuar nos dando bem. Estou superexcitado com a idéia de nosso próximo LP.*

BIZZ — Vocês sentiram a turnê mundial de 84 — quando lotaram por noites seguidas o Madison Square Garden (NY) — como o encerramento de um ciclo?

Nick — *Sim, foi sim. É por isso que fizemos o disco ao vivo* (Arena). *Sentimos que realmente marcou um ponto no tempo, um ponto que atingimos para não ficar depois gravitando ao redor. Por isso o novo LP do DD deve ser totalmente diferente dos anteriores...*

BIZZ — E planos para uma nova excursão?

Nick — *Bem, já andamos pela maior parte do mundo e estamos agora planejando uma outra turnê mundial para 86. Queríamos ir até a América do Sul, nunca tocamos lá.*

BIZZ — Brasil, inclusive?

Nick — *Claro! Sei que a gente faz sucesso lá e sinto uma grande empatia por vocês, mesmo sem conhecer o país. Afinal, sei que muitos ritmos excepcionais vêm de lá e é inacreditável que usamos alguns destes ritmos antes mesmo de conhecermos o Rafael de Jesus* (percussionista português radicado em Nova York, que também já tocou com os Talking Heads). *E não só no DD, pois o Arcadia também toca muitos ritmos sul-americanos. Mais do que qualquer outro lugar no mundo, minha vontade é ir até a América do Sul e ver o que está acontecendo por lá. Não só no Brasil — em todos os lugares em que o Queen tocou. Já conversei com os membros da banda e acho que passaremos mesmo por lá na próxima turnê.*

BIZZ — Como vocês lidam com a histeria feminina que o grupo provoca? É problemático ou gratificante?

Nick — *Nós nunca temos problemas com as mulheres — acho que realmente temos uma multidão de garotas nos seguindo, mas isso só me deixa feliz. Na maioria dos países, temos um público sangrento e selvagem e as mulheres fazem parte dele. Como eu já disse, fico realmente muito feliz com isso.*

BIZZ — Quando compararam o DD aos Beatles, estavam se referindo à essa histeria feminina transcontinental ou à música?

Nick — *Não acredito que tenha nada a ver com música. É claro que é muito lisonjeiro ser comparado com, possivelmente, a maior banda que já existiu. Agora, em termos de garotas gritando durante o show inteiro, sem dúvida.*

"O sexo é muito importante e o grupo precisa estar envolvido com a vida em geral"

BIZZ — Que tipo de influência você reconhece no seu trabalho?

Nick — *Eu, pessoalmente, gosto é de coisas como Stravinsky, Miles Davis, Roxy Music e Grace Jones. Gosto de coisas mais abstratas, rítmicas e atmoféricas como Brian Eno. É por aí que vai... Mas também gosto de alguns grupos pop. Costumo ouvir muito o Blondie.*

BIZZ — O DD já foi acusado de ser uma banda "sexista" por causa de suas letras e vídeos. O que você acha disso?

Nick — *Realmente o sexo é tema de uma boa fatia de nossas letras, mas não acho isso ruim, porque muitas delas são satíricas e divertidas, e o humor é sempre importante. Sexo também é muito importante e acho que o grupo precisa estar envolvido com a vida de um modo geral — comportamento, sexo, um pouco de política, tudo isso.*

BIZZ — E como foi compor para a trilha sonora do último 007, *A View to a Kill* (no Brasil, "Na Mira dos Assassinos")?

Nick — *Era algo que realmente queríamos fazer. Nunca tínhamos feito música para o cinema e, um dia, John e eu nos encontramos com o produtor do filme numa festa e fomos dizendo: "Ei, vamos fazer a trilha sonora de seu próximo filme". Ele só respondeu: "Ok". Foi importante — porque nenhum grupo pop tinha feito um tema para o James Bond. Para mim, o cruzamento é perfeito — Duran Duran com James Bond.*

Foto Berne, Sipa Press, Keystone

O Duran: Simon, Roger, John, Nick e Andy

BIZZ — Qual a importância dos videoclips para vocês?

Nick — *Sempre muito importantes. Tentamos inovar ao máximo nessa área. Além de promover a música, também podem ser vistos como uma linguagem artística à parte. De alguma forma, os vídeos estão se tornando cada vez mais importantes para mim, mas a música ainda vem em primeiro lugar.*

BIZZ — Qual o seu clip favorito?

Nick — *São três. "The Chauffer", bem erótico, em preto e branco. "Wild Boys" também, e "A View to a Kill" que casa muito bem com o filme.*

BIZZ — O DD apareceu em 79 80 junto com o movimento inglês dos *new romantics*. Como foi?

Nick — *Acho que na Inglaterra esse movimento foi importante como o punk. Talvez, em outros países, as pessoas não consigam entender muito bem, porque não podiam ver, de fato, como as pessoas estavam se vestindo, nem suas atitudes. Poderia até parecer que era só os grupos, mas era uma realidade muito maior, com as pessoas querendo ser mais expressivas e vistosas.*

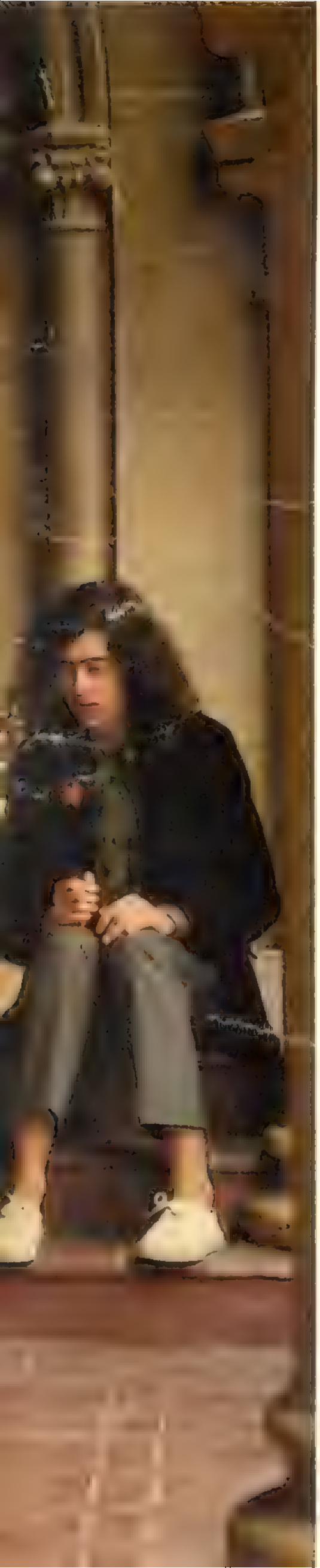


Foto Jay Thompson

Ascenção e Queda do Led Zeppelin

Em todo o rock dos anos 70, não apareceu nada mais imponente nem tão hard *e* heavy *— duro e pesado — que o Led Zeppelin. Os ganidos ''machos'' do vocalista Robert Plant, mais os acordes ''cacetada'' e os solos ''serra elétrica'' do guitarrista Jimmy Page tornaram-se o modelo para todas as bandas de heavy metal que brotariam na seqüência. Quando Page formou o Led Zeppelin, em 1968, tinha na cabeça uma banda que combinasse a sexualidade direta do melhor blues tradicional e do rockabilly com o assombroso poderio da nova tecnologia roqueira. A vendagem dos discos da banda, sempre multimilionária, e a severa administração dos negócios pelo paquidérmico empresário Peter Grant trouxeram aos membros do Led Zeppelin uma riqueza fabulosa, que eles ostentariam com uma arrogância imperial num exemplo clássico dos excessos roqueiros na chamada ''Década do Eu''.*

Poucos fãs, porém, chegaram talvez a perceber o grau em que os membros do Led Zeppelin viviam suas fantasias pornô e megarock, e como isso acarretaria a dissolução da banda. Em seu novo livro, Hammer of the Gods: The Led Zeppelin Saga *(''O Martelo dos Deuses: a Saga do Led Zeppelin''), Stephen Davis narra a ascensão relâmpago da banda ao superestrelato e o abuso de dinheiro e poder que a acompanharam, à medida que o grupo aterrorizava não só as tietes e bicos como também os amigos próximos e empregados por ele contratados. Davis, ex-redator da* Rolling Stone *e autor de três livros sobre reggae, viajou com o Led Zeppelin durante a excursão norte-americana de 1975. Para escrever* Hammer of the Gods, *coletou relatos em primeira mão de ex-namoradas de membros da banda e associados, como Richard Cole — coordenador das turnês —, que Davis classifica como o ''responsável pela balbúrdia que cercava o Led Zeppelin''. Surpreendentemente, dada a reputação de Peter Grant como um violento ''mafioso'' durante o auge do Led e o permanente fantasma do interesse de Jimmy Page por magia negra, Davis afirma que nenhum de seus entrevistados relutou em falar francamente sobre seus infortúnios. Muito pelo contrário. Segundo ele, as pessoas ''temiam ficar de fora''.*

Rolling Stone

EXCLUSIVO PARA BIZZ

Depois que os Yardbirds se desmancharam em julho de 68, Jimmy Page retirou-se para sua casa em Pangbourne-upon-Thames e pesou suas opções. Com Peter Grant como proprietário dos direitos sobre o nome Yardbirds, Jimmy poderia continuar tocando rock pesado eternamente sob essa bandeira. Uma turnê pela Escandinávia já estava armada para o outono; Japão, Austrália e Estados Unidos estariam disponíveis na seqüência. Mas, a essa altura, Jimmy preferia a música mais folk e suave de gente como Joni Mitchell e os grupos Pentangle e Incredible String Band. Devia haver, ele imaginava, um terreno intermediário entre a música suave e a pesada.

Em sua casa à beira do Tâmisa, Jimmy quase nunca pegava em sua guitarra, preferindo dedilhar seu violão. Mas ele e Peter Grant sabiam que tinham de seguir seu instinto básico em relação à maneira de ganhar dinheiro "de verdade": tocar música pesada nos Estados Unidos. A banda que mais vendia lá, nessa época, era o Iron Butterfly, cujo LP *In-A-Gadda-Da-Vida* apresentava repetitivas e saturadas escalas de blues, e sobreviveria nas paradas por anos. A outra grande banda era o Vanilla Fudge, que fazia o gênero de modo mais leve, alternando o que era chamado de "blues branco" com passagens mais suaves e menos bombásticas.

Um músico em especial sempre perguntava a Page sobre seus planos. Era John Paul Jones, baixista e arranjador de estúdio, que já havia tocado junto com Jimmy em dúzias de sessões de gravação desde 65. Mesmo antes da dissolução dos Yardbirds, como lembrou Page: "Eu estava trabalhando no LP *Hurdy Gurdy Man*, do Donovan, e John Paul Jones estava cuidando dos arranjos. Durante um intervalo, ele veio me perguntar se precisava de um baixista para o novo grupo que eu estava formando. Ele tinha uma formação musical completa e idéias brilhantes. Fiquei excitado com a chance de recrutá-lo".

Encontrar um cantor foi muito mais difícil. Como a nova banda de Page seguia o modelo do Jeff Beck Group, precisava de um cantor com a *persona* romântica de um Rod Stewart, alguém com garra suficiente para subir num palco e segurar seu oposto numa guitarra. Mas todos os bons cantores — Steve Marriott, Steve Winwood, Joe Cocker, Chris Farlowe — estavam ocupados. Terry Reid, com apenas dezoito anos, tinha sido agarrado pelo produtor Mickie Most na última hora. Ainda assim, Reid contou a Jimmy e Peter sobre um cantor pouco conhecido que estava com uma banda chamada Hobbstweedle lá no Norte, na cidade de Birmingham — um cara alto e louro que parecia um príncipe encantado e possuía uma voz de arrepiar. Era chamado "O Selvagem dos Blues da Terra Negra". Seu nome era Robert Plant. O escritório de Peter Grant entrou em contato com a casa dele, e Jimmy conversou com Plant pelo telefone. Fizeram planos para Jimmy e Peter assistirem a Robert num show do Hobbstweedle .

Jimmy, Peter Grant e o baixista dos Yardbirds, Chris Dreja, apareceram, então, em Birmingham, no local do show: uma faculdade de pedagogia em péssimas condições. Foram recebidos na porta traseira por um "cara grande e com uma juba na cabeça" que pensaram ser um segurança. Mas quando o viram no palco com seu caftã mouro e colar de contas, cantando "Somebody to Love" com um soprano blueseiro de sereia, olharam um para o outro, *aquele* olhar. "Só ouvir aquilo mexeu com os meus nervos", Page diria mais tarde. "Ainda mexe, como um uivo primevo." Após encerrar seu repertório de músicas do Moby Grape e do Buffalo Springfield, Robert aproximou-se de Jimmy para saber o que ele tinha achado do show. Mas Jimmy e os outros foram discretos e vagos. Jimmy disse apenas: "Te telefono dentro de uma semana". No caminho de volta para Londres, porém, ele estava intrigado. Aquela voz... ela *tinha* aquilo, aquela qualidade sexual e própria, altamente carregada, que Jimmy precisava. Jimmy ligou para Robert e o convidou para descer até Pangbourne.

Após encerrar seu repertório de músicas do Moby Grape e do Buffalo Springfield, Robert aproximou-se de Jimmy para saber o que ele tinha achado do show

Em sua casa flutuante sobre o Tâmisa, Jimmy tocou para Robert alguns de seus discos favoritos: coisas suaves como Joan Baez cantando "Babe, I'm Gonna Leave You" e a Incredible String Band de Robin Williamsom, além de rocks como "No Money Down" de Chuck Berry. Tocou os blues na gaita de Little Walter e explicou a Robert sua idéia para um novo tipo de "música pesada", com toques mais leves e lentos, música com dinâmica, luz e sombra — *chiaroscuro*. Falaram de uma banda na qual o cantor e o guitarrista teriam a mesma importância. Jimmy tocou, então, para Robert "You Shook Me" de um velho compacto duplo de Muddy Waters, com Earl Hooker fazendo a melodia na guitarra, por trás do vocal de Muddy. Jeff Beck e Rod Stewart já tinham feito a mesma coisa com a mesma música no último LP de Beck, *Truth*, mas não importava. Era o som que Jimmy queria.

Após alguns dias de discussão, Robert estava quase fora de si. Ali estava este atraente, misterioso *rockstar* de conversa macia oferecendo prospectos de estrelato e imensas fortunas nos Estados Unidos. Pela primeira vez, Robert tinha encontrado alguém que talvez soubesse o que fazer com sua ilimitada reserva de energia.

Robert estava tão excitado que, ao deixar Pangbourne, foi de carona até Oxford para encontrar seu amigo John Bonham. Alguns anos antes, Plant e Bonham tinham tocado juntos em uma banda de blues chamada Crawling King Snakes. Bonham, o baterista do grupo, era um cara forte e cabeludo que todos chamavam de Bonzo, por causa de um cachorro personagem de uma tira de quadrinhos inglesa. O ídolo de Bonzo era Keith Moon, baterista do Who, e Bonzo costumava forrar o interior do bumbo com papel de alumínio para fazer a coisa soar como um canhão. Ele e Robert rapidamente tornaram-se amigos e acabaram tocando juntos em outro grupo, a Band of Joy. Esta noite, em que Plant o encontrava para tentar convencê-lo a juntar-se à nova banda de Page, Bonham estava tocando com o cantor de folk-rock Tim Rose.

Fazia três meses que Bonzo não tinha notícias de Robert, e o baterista ouviu seu amigo tagarelar até perder o fôlego sobre Jimmy, Pangbourne e a nova banda. "Meu chapa, você *tem* que entrar para os Yardbirds",

clamava Robert. Mas Bonzo não se deixava impressionar. Para ele, Yardbirds era um nome do passado, sem futuro.

A primeira vez que Page viu Bonzo, o baterista estava tocando em um clube de country no norte de Londres, com Rose. A esta altura, ainda passava pela cabeça de Page fazer sua banda soar algo como o Pentangle, o grupo acústico que tinha o violonista Bert Jansch. Mas quando ouviu o ataque impiedoso de Bonzo ficou sabendo como sua nova banda soaria. Seguiu-se, então, uma intensa campanha para alistar John Bonham. Robert enviou oito telegramas para o bar de Bonzo, o *Three Men in a Boat*, em Walsall. Estes foram seguidos de quarenta telegramas de Peter Grant. Ainda assim Bonzo não queria entrar. O sucesso dos shows com Tim Rose tinha trazido outras ofertas. Joe Cocker o queria, e Chris Farlowe lhe oferecera um emprego. Era uma decisão dura. Farlowe estava com o nome feito e tinha seu último LP produzido por Mick Jagger. E todo mundo em Londres tinha certeza que Cocker, a garganta blueseira de Sheffield, ia fazer muito sucesso. Mas, como Bonzo diria mais tarde: "Eu decidi que gostava mais da música deles do que da de Cocker ou Farlowe". Assim, Bonzo finalmente aceitou a banqueta da bateria com os New Yardbirds. A formação estava completa.

> > > > > > > > >

O Led Zeppelin gravou seu primeiro LP em duas semanas no final de 68, retrabalhando velhos blues em versões alongadas e altamente eletrificadas. Para cumprir um velho contrato, excursionaram pela Escandinávia sob o nome New Yardbirds e, em outubro de 60, fizeram sua estréia como Led Zeppelin na Universidade de Surrey, ganhando não mais que 150 libras (menos de US$ 400 na época).

Enquanto isso, Page e Grant haviam negociado um contrato de gravação e distribuição mundial com a Atlantic Records, e a banda recebeu um belo adiantamento em dinheiro vivo. Mesmo assim o Led Zeppelin não conseguiu armar shows em locais e datas decentes na Inglaterra. Por isso, Grant levou o grupo para os Estados Unidos no início de 69. Eles foram uma sensação instantânea e logo voltaram para outra excursão.

^ ^ ^ ^ ^ ^ ^ ^

A América do Norte condecorou o Led Zeppelin com dinheiro, mulheres e fama e, assim, em 20 de abril de 69, o grupo voou de volta para Los Angeles para sua segunda turnê, sob os cuidados do notório coordenador de excursões Richard Cole, como na primeira vez. Em Los Angeles, Cole instalou o grupo nos bangalôs do hotel Château Marmont, onde as orgias do Led Zeppelin não perturbariam os outros hóspedes.

Até o começo de maio, *Led Zeppelin* — o LP — já havia penetrado nos "dez mais" dos Estados Unidos, e a banda estava a todo vapor. Os shows geralmente começavam com "Communication Breakdown", emendando com "I Can't Quit You Baby". Muitas vezes, tudo descambaria para a bombástica mistura "Killing Floor"/"The Lemon Song" e "Babe, I'm Gonna Leave You" antes de terminar com o habitual *pout-pourri* de canções clássicas do blues e do rock'n'roll. Em um show no Winterland de San Francisco, o *pout-pourri* começou com "As Long As I Have You", atravessando uma improvável colagem da canção de ninar "Hush Little Baby" com "Bag's Groove", "Shake" à la Otis Redding e "Fresh Garbage" do Spirit.

De acordo com a lenda, uma jovem e bela tiete subiu ao quarto de Richard Cole quando ele e John Bonham estavam pescando. Ela foi despida e amarrada

Dois dias depois do show em San Francisco, a estadia do Led Zeppelin em Seattle estabeleceu a infame reputação da banda. Seattle foi a cidade onde ocorreu o episódio do cação. O show em si foi outro sucesso: o Led tomou o palco neste festival ao ar livre logo após o término do show dos Doors — anticlimático devido às incoerentes improvisações poéticas de Jim Morrison — e então reavivaram a platéia com seus ritmos explosivos.

De volta ao hotel, a banda começou a beber. E Richard Cole se diz culpado pelo que viria a acontecer em seguida. "Em 68, eu estava com Terry Reid, que abria o show dos Moody Blues em Seattle, e o coordenador da excursão deles me disse que a banda deveria ficar no Edgewater Inn, pois há uma loja de caça e pesca no saguão e dá para pescar direto da janela do hotel", explicou Cole. "Assim, da outra vez que fui a Seattle estava com o Led Zeppelin e o Vanilla Fudge, e começamos a pegar cações pela janela. A esta altura, as turnês estavam cada vez mais e mais *risqué*, e a gente podia fazer o que quisesse com as garotas que apareciam no hotel."

De acordo com a lenda, uma jovem e bela tiete subiu ao quarto de Cole quando ele e Bonham estavam pescando. Ela foi despida e amarrada na cama com as pernas abertas, e aí os membros da banda introduziram pedaços de cação em seu corpo. Richard Cole diz que não foi assim que aconteceu. "Pegamos um bom número de cações, pelo menos duas dúzias, enfiamos cabides em suas guelras e os deixamos pendurados no armário... Mas a verdade é que não era nem um cação. Era um *snapper* vermelho. Bonzo estava no quarto, mas fui eu que fiz. Mark Stein (do Vanilla Fudge) filmou tudo."

Cole põe toda a culpa do desregramento do Led no alcoolismo. "Toda a chamada depravação do Led Zeppelin ocorreu nos primeiros dois anos em uma névoa alcoólica. Depois disso, ficamos mais velhos e amadurecemos. O trabalho se tornou um empreendimento realista."

≋ ≋ ≋ ≋ ≋ ≋ ≋ ≋

Demoraria muito tempo, porém, para que o Led Zeppelin perdesse seu gosto pela vida selvagem. A banda adotou Los Angeles como seu lar americano e gravou Led Zeppelin II *na estrada, em 1969. Este disco foi seguido de outra turnê americana — e mais uma rodada de folias com as tietes.*

No ano seguinte, gravou o quase folk Led Zeppelin III, *que foi recebido pela imprensa como uma imitação de Crosby, Stills, Nash and Young. Mas o disco foi outro sucesso instantâneo e, no final de 70, Page e Plant voltaram para a casa de Bron-Y-Aur (Gales), onde haviam composto* Led Zeppelin III, *para trabalhar no material de seu quarto LP.*

*** NA SEÇÃO "TOQUE", ESPECIAL COM AS CIFRAS DE "STAIRWAY TO HEAVEN"**
*** NÃO PERCA, MÊS QUE VEM, A CONTINUAÇÃO DA SAGA DO LED ***

Ilustração cortesia WEA

TIM MAIA

"AQUI NO BRASIL NINGUÉM SABE CANTAR"

Qualquer que seja a onda, Tim Maia está aí, sempre nas paradas. Agora é a vez de "Leva", uma das faixas de seu novo álbum editado pela RCA.

Aos 42 anos, Sebastião Rodrigues Maia está na estrada desde 1957, quando formou o grupo The Sputniks, que contava também com dois ilustres desconhecidos, Erasmo e Roberto Carlos. É Tim Maia quem lembra: "Só que eu nunca fui da Jovem Guarda e quando eu chegava perto eles diziam: 'Ih, lá vem o Tião Maconheiro'. E saía todo mundo fora. Mas, graças a Deus, esta caretice já está terminando. O Erasmo, eu ensinei a tocar violão e o Jorge Ben era meu fã. O Roberto Carlos também passou pela minha escolinha quando veio lá de Cachoeiro do Itapemirim. Ele cantava como o Tito Madi e o João Gilberto".

Quando a Jovem Guarda estourou, Tim Maia estava longe. Ele passou cinco anos nos Estados Unidos, na década de 60. E, se já curtia o rock'n'roll básico, voltou impregnado da soul music. Em 1970, veio o primeiro sucesso — através de Elis Regina que gravou a música "These Are the Songs". Na seqüência, irresistíveis "soul-samba-canções" como "Primavera", "Azul da Cor do Mar", "Gostava Tanto de Você" e o forró "Coroné Antônio Bento" conquistaram o Brasil.

Tim ficou parado dois anos, de 74 a 76, ligado à religião Universo em Desencanto. E voltou livre de qualquer crença ou ideologia. Desde então, tem entrado e saído de gravadoras, mas seu público o acompanha. Ele tem curtido e dá força ao rock que invadiu a MPB: "Os bossanoveiros estão grilados agora, e vão grilar ainda mais com esta rapaziada nova, este pessoal doidão aí... RPM, Ultraje, Cinema a Dois... Esses sim é que vão arrepiar. Nós, eu, Erasmo, Roberto, Gil, Caetano, só começamos, mas agora é que é para valer..."

Elogiado por sua visceral participação em "Chega de Mágoa", Tim não vê muita vantagem nisso: "Aqui ninguém sabe cantar. Tem que chamar um negrão americano e levar às gravadoras para ensinar toda essa gente. Mas o lance do Nordeste foi legal, pela ajuda e por ter unido todos nós. O artista brasileiro tá muito pomposo, tem que ter mais coleguismo, união e mais inteligência".

Tim vem tocando com a banda Vitória Régia (também o nome de sua gravadora) nas periferias do Rio e São Paulo: "Minha banda é como a minha família, uma família danada, de pretos, mulatos, sararás miolos, nego-aço... Meus shows são para black aqui, black ali, em clubes humildes, pro povo mesmo. Nunca ataquei em Canecão, Palace, mas gostaria de fazer um Parque Laje (no Rio), por exemplo. Nunca fui convidado, o pessoal tem o maior medo de me contratar. Fica essa fama de irresponsável, mas eu sou tão irresponsável que tenho uma gravadora e uma editora".

Antonio Carlos Miguel

CABRA-CEGA

O jogo é assim. Primeiro, o músico ouve uma canção não-identificada e, além de fazer seu comentário, tenta dar o nome ao boi. Tim Maia não hesitou em enfrentar esta parada e, se não identificou todos os artistas, não teve dúvidas quanto aos estilos e procedências, confirmando seu ótimo ouvido:

"Renegades of Funk" - Africa Bambaataa & Soul Sonic Force *"Ótimo som, deve ser pessoal black de Nova York, com muita eletrônica. Isso aí é uma Lynn 9 000, é o computador rítmico mais usado agora, o mais recente da Lynn."*

"Shadows in the Rain" - Sting *"Esse é branco, né? Conheço essa voz. O som é de bateria mesmo, e o pessoal está tocando mesmo e demais, gênio!"*

"Avenida Brasil" - Marina *"Marina, né? E um negócio estranho, eu não entendo muito, mas gosto dela, apesar de complicar demais."*

"Youth" - Black Uhuru *"Isso é reggae com sotaque de preto jamaicano, bom reggae, mais pra vanguarda."*

"Rio do Delírio" - Lobão & Ronaldos *"Que desgraça é essa? Pela introdução já deu pra sentir que é brasileiro. A música não é ruim parece o Lobão... ele tá com um funk novo bom, 'Decadence...', mas essa não da pé."*

"Tambourine" - Prince *"Prince, ele é o Sly Stone do momento. É o cara mais besta que tem no mundo, mas é o melhor do momento. Ouviu muito Sly."*

"Sob a Luz do Sol" - RPM *"Não gosto da mixagem, quem é, Zé Ramalho, Guilherme Arantes? Pera aí, é o RPM, eles não são ruins, gosto de 'Louras Geladas'. Esse pessoal é que vai arrepiar, vai mudar tudo, o Roberto Carlos vai ter que se cuidar."*

"What Would I Do" - Van Morrison *"É isso que o brasileiro tem que aprender, cantar. Por aqui ninguém faz isso, quatro, cinco notas num vocal. Lindo, isso é blues puro, mas o cara que tá cantando é branco. Belo vocal, no estilo do blues mesmo."*

Foto Gamma

ZHAGEN

Loira, ruiva, morena, ou de cabelos verdes, cor-de-rosa ou violeta, Nina (Katherina) Hagen, 30 anos, signo de Peixes, passou por aqui no Rock in Rio com seu temperamento vulcânico e se transformou rapidamente em mito. De punkette a mística desvairada, a careteira Nina nunca se encaixou confortavelmente em qualquer categoria. A trajetória para a fama foi longa. O ponto de partida foi Berlim, do lado de lá da Cortina de Ferro. A moça exuberante que misturava rock e canto lírico (uma herança da mãe atriz, Eva-Maria Hagen) só poderia acabar sendo expatriada. Uma passada em Londres em 77 resultou no encontro com o guitarrista Bernard Potchska e na formação da Nina Hagen Band. Três LPs depois, a banda foi desmontada e sua líder mudou-se primeiro para Nova York e depois para Los Angeles. Gravou mais três álbuns, um deles produzido pelo inventor da disco-music, Giorgio Moroder.

A outra especialidade de Nina são os discos voadores. Ela crê que eles chegarão para salvar o mundo da poluição, da radiação atômica, da fome e da falta de amor. Na entrevista exclusiva que concedeu a *Luiz Fernando Vilmar* em Los Angeles, em 26 de agosto último, antes de embarcar em sua atordoante excursão pelo Brasil, Nina mencionou incontáveis vezes a palavra Deus, com quem diz falar diretamente. Leia a entrevista e veja o que para você é sério e o que é farsa. E confira o talento desta genial e irrequieta figura nos shows por aqui.

NINA HAGEN

BIZZ — O que você está planejando para sua excursão no Brasil?

Nina — Planejo fazer o que sempre fiz. Seguir minha intuição, que me foi enviada por Deus, o Altíssimo. Porque eu não pratico macumba, o contato com os baixos espíritos. Eu pratico a meditação interior e falo com Deus diretamente, sem ligar para pessoas que materializam coisas baixas, como aquele cara no Brasil que apenas materializa a matéria mesmo. Isto é bom para quê? Ele pelo menos poderia materializar alimentos e dar de comer a seu povo. É isto que Jesus Cristo faria na mesma situação. Eu sempre penso no mais alto, e já que só penso no mais alto já esqueci qual era sua pergunta e este é o fim de minha resposta *(Risos)*.

BIZZ — Mas nós queríamos saber se será diferente da última tour, a do Rock in Rio.

Nina — Diferente?

BIZZ — É. Você vai pintar com alguma coisa nova?

Nina — Cada dia é um dia. E o show tem quase sete meses de idade. Se você imaginar que eu tivesse ficado grávida no Brasil, eu estaria agora no sétimo mês, e eu não estou. Mas pode acontecer desta vez.

BIZZ — Talvez valha a pena tentar. O que leva você de volta ao Brasil?

"O contato com os seres extraterrestres é uma dádiva de Deus"

Nina — É que eu tenho este show superlouco, que pode ser mostrado em qualquer lugar, em todo o Universo. É o que estamos fazendo desde fevereiro. Estivemos no Japão, em toda a Europa, no Canadá, nos Estados Unidos, e temos aquela nave espacial de verdade em cima do palco como parte do show. Funciona como um show de luz e cor, porque os UFOs são feitos de luz e também de consciência. Algumas pessoas fora daqui, quando entram nos nossos padrões de freqüência, se transformam em algo visível, já que em suas dimensões ou em seus sistemas solares ou de qualquer lugar de onde venham têm outra vibração de freqüência. Mas, já que Deus inventou os UFOs, as pessoas podem passar por todos os lugares e dimensões e possibilidades de forma muito realística e física. Podem se transformar e são meus professores favoritos. Porque ter contato com a eletrointeligência extraterrestre é uma dádiva de Deus e a gente pode aprender coisas como inventar um carro que anda tão rápido quanto um carro normal, mas que pode ser dirigido por magnetismo eletromagnético *(sic)* e coisas assim. A realidade dos UFOs tem muitas variantes para nós, mas este planeta não deseja estas coisas porque é guiado pelo dinheiro. Os sheiks do petróleo e a Arábia Saudita não estão interessados em abrir mão do petróleo, porque é sua fonte de renda, e eles acreditam em petróleo mais do que eu acredito em Deus.

BIZZ — Você não acha que eles têm medo destas coisas?

Nina — Eles têm medo, e têm medo do céu na Terra, do comunismo espiritual. Não conseguem pensar tão longe, não confiam em outra realidade e protegem o que têm com armas atômicas.

BIZZ — Quer dizer que eles vão

Foto Abril

E um pássaro? Um avião? Um UFO? Não! É a super-roqueira Nina Hagen

Foto P. Hamon/ Stolis

Nina exibe o decote num sutiã de taça

nos manter cercados de petróleo e armas atômicas?

Nina — O sistema do dinheiro também inventou as forças atômicas para que ninguém possa rompê-lo. Por isto nosso futuro na Terra é assim, condenado. Poluição por todo canto. Poluição química, poluição emocional, todo tipo de vibração pesada, e poluição e radiação atômicas.

BIZZ — Você vê este tipo de realidade no Brasil?

Nina — Não dá para separar o Brasil do resto do mundo porque nós todos estamos sentados em cima do mesmo barril de pólvora, e em algum lugar um dia a poluição vai chegar a níveis que ninguém vai conseguir respirar. O sistema só pode se renovar até certo ponto. É demais. Não se pode limpar a atmosfera de radiação atômica. Isto levaria uns cinco mil anos. Tem lixo atômico nos Estados Unidos, dentro da terra. E em partes da Alemanha Ocidental e Oriental. Eu acho que o futuro vai ser mais ou menos assim. Pensando real e logicamente, a próxima geração provavelmente não vai ter mais o que respirar e a atmosfera vai estar envenenada. A resposta a isto é que em breve vai acontecer uma mudança, uma mudança significativa, e os céus vão ficar coalhados de multimilhões de toneladas de pequeninos UFOs exploratórios vindos de naves-mãe. Vão pegar uma grande parte da raça humana e levá-la para o espaço. Não para muito longe, para uma estação, uma cidade no espaço. E, como nas naves-mãe, vai haver comida nestas estações, vai haver tudo e...

"A energia que vem dos UFOs é muito maior que a energia do medo"

BIZZ — Mas você já entrou em contato com estas naves?

Nina — Claro! Fiquei envolvida numa chuva de cores. Foi grande, me limpou e me purificou. Eu estava grávida de quatro meses e tinha chegado de uma excursão exaustiva por toda a Europa, e nos primeiros três meses vomitava o tempo todo. Era uma gravidez estressada, o que faz uma mulher se sentir mais doente do que se estivesse numa casa confortável, em paz. No meu caso, de uma cigana do rock'n'roll, os três primeiros meses de estrada são muito difíceis. Estava acabadíssima, com muita náusea, e chegamos em Los Angeles e alugamos uma casa na praia. Daí, uma noite, veio aquele UFO, e foi uma experiência muito real.

BIZZ — Você teve medo?

Nina — Não. Porque na verdade a energia que vem do UFO é muito maior que a energia do seu medo ou do seu pensamento. Para iniciar um processo de pensamento, a energia eletromagnética em seu corpo tem de fluir de maneira normal. No caso do UFO, sua química reage diferente. Eles têm um campo de força eletromagnética e de amor tão intenso que você não pensa mais, só funciona. Funciona do jeito que deveria funcionar se vivesse sem medo e ansiedade o stress emocional. Por isto é tão importante estar em contato com estas forças do universo, chamadas de inteligência eletro-extraterrestre. Dão a nós uma benção de Deus chamada saúde, equilíbrio, a vibração da informação e do amor. Para mim são mais importantes do

Foto Ilpo Musto/ Rex Features/ Keystone

O linguão de fora, uma pose característica

O triângulo na testa é o terceiro olho, aquele da sensibilidade extra-sensorial

que viver nesta armadilha, sem contato com Deus e seus assistentes, os anjos e auxiliares, professores, mestres, mestres ascendentes...

BIZZ — Você tinha alguma idéia da existência destas coisas antes desta experiência?

Nina — Tinha. Tudo começou há um longo tempo, quanto eu tinha 17 anos e vivia em Berlim Oriental, e mesmo antes já tinha um contato espiritual com meu interior e com a beleza da igualdade de freqüência com os anjos.

BIZZ — Você usa esta experiência quando canta?

Nina — Uso tudo. Não faço nada que seja menos que tudo, tudo que possa ajudar a mim e às minhas expressões de Deus. Nada menos. Tudo ou nada.

BIZZ — Uma das coisas que chocaram os roqueiros mais fanáticos do Brasil foi o fato de você ter incluído no show alguns rocks considerados muito descartáveis, como "Spirit in the Sky" e "Ballroom Blitz".

Nina — Eu tenho 30 anos agora. E, quando eu tinha onze ou doze, estas bandas eram minhas favoritas, eu gostava de Beatles e Rolling Stones, música funkedélica. Na verdade eu não julgo a música de ninguém. Respeito todo ser humano e o que ele estiver criando. Quando eu não gosto da música de alguém, eu simplesmente não a coloco no meu gravador

BIZZ — Há uma música muito conhecida no Brasil, chamada "My Way" .

"Cantei 'My Way' por causa do Sid Vicious e do velho Frank"

Nina — Vou apresentar no Brasil algo muito descartável. É minha amiga Angeline. Ela tem os maiores peitos de Hollywood *(Risos)*. E está também fazendo música que a gente poderia chamar de pop descartável. Sua última música se chama "Sex Goddess", e eu a toquei outro dia numa estação daqui chamada K-Rock.

BIZZ — Voltando a "My Way". Quando você a cantou no Rock in Rio e depois em São Paulo, criou uma grande repercussão entre seus fãs. Eles não conseguiam identificá-la com uma música tornada famosa por Frank Sinatra. Por que você a cantou?

Nina — Eu a cantei por causa de Sid Vicious e por causa do garotão Frankie *(Sinatra)*. Como disse, eu amo todo mundo e canto músicas de todo mundo. *(Neste trecho Nina muda completamente de voz e assume um tom gutural, do além)* Para que as pessoas não julguem as músicas dos outros e comecem a compor a música divina de suas próprias almas, aqui e agora, antes que seja muito tarde. *(Retorna à voz normal)* Era Nosferatu. Nosferatu falando através do meu canal.

BIZZ — Nós sabemos que você viveu em Londres no auge da revolução punk, e conviveu com punk rockers famosos, como Sid Vicious, Johnny Rotten, Siouxsie. Como isto inspirou sua carreira, se é que inspirou?

Nina — Eu conheço muito mais pessoas do que as que você mencionou, muitas.

BIZZ — Foram só alguns exemplos.

Nina — Gosto de todas essa bandas, e de bandas que nunca ninguém ouviu. Espero que o mundo

Foto Patrick Piel/ Gamma

Beicinho que não tem a ver com a suavidade de uma garotinha. Trata-se mesmo de uma locomotiva

Foto Bertrand Laforet, Gamma

Concentrada — talvez falando direto com Deus?

fique cheio de bandas, e que cada gangue e cada tribo tenha a sua, expressando a felicidade e o êxtase de suas vidas, em vez de ficarem por aí criticando o trabalho dos outros. Acho que a música é o maior transmissor de sentimentos, de entendimento, de comunicação, porque é muito difícil explicar com palavras o que pode ser dito muito mais facilmente com música, amor ou sexo. As palavras são frias, mas dá para fazer arte com elas. É também o que estou fazendo. É por isso que amo falar sobre Deus — porque Deus é arte, minha arte

BIZZ — Seu negócio é sempre passar uma mensagem?

Nina — Não tento passar nada. Estou só falando comigo, eu e Deus. Nós somos um. E qualquer ser humano em volta de mim que também esteja com Deus será parte de minha comunicação telepática, da música do coração e da dança da alma. Eu posso abordar a vida de forma muito realista. Tenho de pagar o aluguel, fazer compras, pegar as crianças na escola. Mas não sou assim. Sou meu próprio rádio, recebendo e transmitindo, estou sempre no lugar certo na hora certa.

BIZZ — No filme *Cha Cha* você cantou "Knocking on Heaven's Door", do Bob Dylan. A interpretação foi considerada muito boa, e narra um encontro com Sid Vicious. Dá para você falar um pouco sobre isto?

"Nós temos muito a aprender com os cães. São como Deus"

Nina — Bob Dylan é um grande herói dos anos 60, isto quando eu estava crescendo. E me deu muitas vibrações belas e fantásticas com sua música, isto em 68, 69. Depois vieram aquelas pessoas todas, bandas como os Doors, Janis Joplin e Jimi Hendrix. E depois o "glitter rock", Gary Glitter, David Bowie, Bryan Ferry e o Roxy Music, e The Sweets, The Slits. Esta música chegou a mim durante toda minha vida. Por isto, cantar uma música de outra pessoa é expressar meu amor por esta pessoa, minha expressão pelo amor a Deus nesta pessoa. *(Aqui Nina Hagen interrompe a entrevista. Ouve-se um balbuciar de criança e ela diz, em alemão:* Komi mit mier *— Venha comigo —, para sua pequena filha Kosma Shiva).*

BIZZ — Mas você realmente se encontrou com Sid Vicious enquanto gravava aquela música?

Nina — Tive muitos encontros com ele.

BIZZ — Dá para falar sobre um deles?

Nina — Não. Este é nosso segredinho.

BIZZ — Há rumores no Brasil de que você e Elba Ramalho, no Rock in Rio...

Nina — Oh, Elba!

BIZZ — Que você e Elba deram uma canja juntas no camarim, você cantando em alemão e ela em português? Você se lembra qual era a música?

Nina — Não, não me lembro. *(Gritando)* Angeline! *(Um cachorro late e Nina responde latindo)* Você já pagou o aluguel? Vá apanhar o cachorro!

BIZZ — Você mencionou em uma de suas entrevistas que gosta de comida de cachorro. Já experimentou?

Foto Francis Apesteguy Gamma

Freira? E assim que aparece num de seus clips

Foto Guido Harari Stills

Nina é mais pelas flores — contra todo tipo de poluição, ambiental, mental ou atômica

Nina — Já. Nós somos todos cachorros. Os homens são cachorros e as mulheres são cachorros fêmeas. Se você virar a palavra Deus *(God)* ao contrário, você tem cachorro *(dog)*. God/dog, dog/God. Por isto a gente pode aprender com os cachorros. Eles se comportam como cachorros e levam vida de cão. Eu sou um cão vegetariano e como Purina *(uma marca de comida para cães)*.

BIZZ — O Brasil é um país que sofre grande influência da música e da magia africanas. Você sentiu esta força quando esteve lá?

"O punk é muito bom. É uma agressão positiva, uma arte"

Nina — É claro que eu não visitei lá as pessoas que transam magia negra, mas falei com gente que transa magia branca. E vou com certeza me encontrar com eles, porque estou em busca da verdade, e para mim a verdade é encontrar um iogue de verdade na India, que possa me ensinar sobre projeções astrais reais, sobre como entrar em contato com altos espíritos, como ficar em êxtase eterno. Não estou interessada em baixos espíritos que ainda estão por aí sedentos de sangue. Se o sangue entrar numa sessão espiritual, você pode estar certo de estar recebendo informação errada e de que os espíritos estão usando energia humana para permanecer onde estão. Eles

BIZZ — Estão fazendo um sacrifício inútil?

Nina — Não. Não acontece nada A informação que vem dos espíritos baixos é informação errada.

BIZZ — Há agora um grande problema no Brasil e no mundo, a ques-

Foto Guido Harari Stills

Numa fase mais bonita, visual supermístico

Foto Bertrand Laforet/ Gamma

Supercareteira, com a torre Eiffel na orelha, um adereço superbrega

Foto Rogério Reis/ Abril

Com o visual com que veio ao Rock in Rio

tão da AIDS. Você acha que isto vai constranger as pessoas?

Nina — AIDS tem a ver com o sangue... Vejam. O sangue é uma substância química muito forte. A gente pode falar aqui sobre alquimia e Albert Einstein, que dizia que o macrocosmo e o microcosmo eram uma coisa só e que o mundo material e o antimaterial se encontram em um ponto nevrálgico. Com olhos normais não podemos enxergar, mas temos de enxergar com nossos olhos de rádio. Temos olhos interiores. *(Sorri fantasmagoricamente)* E chegamos ao mesmo ponto mais uma vez.

"Se não seguirmos Deus, ficaremos doentes e vamos sofrer"

BIZZ — O que você acha do punk? Qual é a essência do punk?

Nina — A alma do punk é conseguir informação sobre o mundo. E a informação é esta: o mundo está pouco se f... *(Risos)*. Está tudo doente. Todo mundo tenta ser mau com os outros, são egoístas. Punk é a crítica da sociedade, dos Estados imperialistas capitalistas. Punk é muito bom. É uma agressão positiva, não é guerra, não tem nada a ver com exércitos. É arte. Arte jovem; agressiva, mas positivamente agressiva. Mesmo que eles cantem "não há futuro", é arte. É como na década de trinta, numa escalada para a guerra. Eles tinham o *agit prop*, o movimento da oposição, das pessoas que eram contra a guerra. Faziam canções, era a classe trabalhadora se juntando e fazendo manifestações. O movimento punk quer que as pessoas abram seus ouvidos para as circunstâncias que as cercam. É fantástico. É um trabalho positivo. É a revolução, com música e arte. É por isso que eu sempre vou dizer às pessoas que façam música, porque o mundo precisa mais de música que da indústria atômica e de pessoas que tenham tempo e espaço para fazer o que quiserem fazer e que parem de ir ao trabalho todo dia para ganhar um punhadinho de dinheiro. E quem é que precisa de dinheiro? Nós temos tudo. Se pudessem parar de comer carne! Se entrassem numa produção industrial de tofu *(queijo de soja)*, para termos bifes de tofu, salsichas, frangos, hambúrgueres de tofu, tudo!... E faríamos uma cozinha vegetariana indiana e pegaríamos toda a cultura culinária de todos os planetas e a jogaríamos nas cidades. As pessoas poderiam se juntar em lugares para fazer vídeos, filmes... Novas bandas para gravar, e excelentes bandas. Nós somos unicamente especiais. É só termos a oportunidade. Este planeta tem de virar o céu na Terra. Sem aluguéis para pagar. E o mundo funcionaria em cima de uma idéia de como a industrialização funcionaria sem poluição — sem substâncias químicas que não queremos usar, porque elas destroem o equilíbrio do planeta, fazem as flores morrer e criam toda espécie de vírus...

BIZZ — E qual você acha que é o primeiro passo para isto?

Nina — O primeiro passo é chegar a Deus, olhar para dentro de nós mesmos. Dizem que a gente tem de pegar dois fios de cabelo do namorado, queimá-los e colocá-los em óleo de sésamo e levá-los a uma tumba à

Foto John Aevrovannis. Rex Features. Keystone

A ex-punkette em uma noite de festa

Foto Berne. Rex Features. Keystone

Pensativa, uma vegetariana que quer transformar tudo em comida à base de soja

meia-noite. E depois esperar por sete dias e sete noites. Mas dá para conseguir o mesmo efeito com uma simples oração: "Quero ser amada por meu namorado para todo o sempre". E de repente você recebe um flash de luz vindo de Deus, dizendo que Deus e seu namorado são um só, e que você e Deus são um só e que portanto vocês dois vão estar sempre juntos, sem jamais perder algo ou alguém. Todos vocês têm de mergulhar no oceano, porque o medo pode ser transformado em energia. E quando se esquecem o medo, as velhas definições sobre o cotidiano, a gente diz: não quero fazer mais isto, chega de definir e analisar, só quero fazer o que minha intuição mandar. E se comporta como um cachorro. E este jeito é fantástico. Como um Deus

BIZZ — E as pessoas como Brian Jones, Jim Morrison e Jimi Hendrix, que você chamou no Rock in Rio de mártires do rock?

Nina — Eu chamei do quê?

BIZZ — Mártires

Nina — E o que é isso?

BIZZ — Mártir é uma pessoa que morre por outras

Nina — Não lembro se os chamei assim. Mas sei que Jim Morrison, não faz muito tempo, falou através de um espírito. E que dez anos após sua morte ele ainda estava num plano astral baixo, louco por cervejas e drogas que não podia conseguir lá. É como as pessoas que têm AIDS. Eles morrem, e continuam do outro lado com AIDS, num plano astral baixo. Sua AIDS está na mente, e aí aparecem os vírus, os sintomas e as bactérias. Isto é uma bênção de Deus, colocar em seus corpos alguma coisa que as faz entender que estão fazendo algo errado

"Quem tem Aids deve pensar sobre a vida amorosa que levava"

BIZZ — Quer dizer que você acha que a AIDS é um sinal divino?

Nina — Tudo é um sinal de Deus. Deus é uma grande bateria, e desprezar o fato de que você é movido por uma bateria é desprezar a vida. Entende?

BIZZ — Mas qual você acha que é a mensagem contida na AIDS?

Nina — Eu não tenho a resposta, mas acho que todo mundo que tem AIDS pode pensar sobre a razão de estar doente, sobre que vida amorosa levava. Será que amava mesmo a pessoa com quem estava transando? Será que havia respeito? Beleza divina em cada um dos corpos que estava transando? Nós somos criados à imagem de Deus, e portanto somos criaturas divinas. Se começarmos a fazer coisas que não são divinas, ficaremos doentes e sofreremos. *(Aqui Nina interrompe um pouco a entrevista para logo retornar)* Eu tenho tanta coisa para fazer! Estou sempre olhando para fotos, como agora quando estamos editando meu novo vídeo, para "Spirit in the Sky". Nós o fizemos na Grécia, com meu namorado Robby. Ele também canta, num grupo chamado Crocodile Tears *(Neste ponto, Nina, que havia chegado muito atrasada, pede para encerrar a entrevista. No dia seguinte vai a Berkeley, perto de San Francisco, para uma* performance. *Como sempre, louca e espacial. Como sempre, intensa e bela).*

KID CREOLE E MILES DAVIS

Da temporada parisiense, dois grandes shows: o pop cinematográfico de *Kid Creole and the Coconuts* e o jazz-fusion renovado de *Miles Davis*. Por *Silvano Michelino*

No cenário do Olympia, em Paris, desembarcam August "Kid Creole" Darnell, suas saudáveis Coconuts e um caldeirão de pop, big band swing e *latinidad*, para esquentar mais ainda o verão parisiense.

São treze figuras no palco, representando e dançando segundo um roteiro inteligente e bem-humorado. Malandrão, El Kid abre o jogo logo de cara, cantando "Don't take my Coconuts" ("Não levem minhas Coconuts"). E o aviso não é à toa — as esculturais Adriana Kaegi, Cheryl Poirier e Iarin Hagey começaram a noite de minissaia branca, enfermeiras sexs. E a toda hora saíam do palco para trocar de roupa.

A outra moça da banda é Carol Collman, baixista de primeira que segura toda a onda com seu balanço *salsa*. Andy "Coati Mundi" Hernandez, o fiel escudeiro, além das habilidades ao vibrafone, pula e brinca o tempo todo, e substitui Kid quando ele se ausenta do palco para mudar o visual.

Kid tem a audácia de interromper um funk ultradançante para tocar uma valsa de coreto. Desculpa esfarrapada para dançar com as Coconuts. Todo elegante, ele termina o show de branco, cantando — com apoio entusiasmado do público — o seu choroso apelo às três loirinhas: "Please, don't go!" Mas foi em vão.

=

Bop, cool, fusion — desde 1945 Miles Davis superou-se nas experiências com o jazz, até a aproximação com o rock e um sumiço em 75.

Foto Wilson Carmeiro

Miles Davis e seu trompete vermelho: funk futurista e hipnótico

A noite é quente e o céu estrelado sobre o *Parc de la Villette*, onde ele se apresenta ao ar livre, com Robert Irving III (teclados); Bob Berg (sax); Steve Thornton (percussão), dando um brilho à cozinha compacta de Darryl Jones (baixo) e Vince Wilburn (bateria), além da guitarra de John Scofield.

Miles dá aos músicos ampla liberdade — e ao mesmo tempo mantém controle total. A um gesto seu, passam de uma música a outra, subvertendo finais e introduções, improvisando antes mesmo de apresentar o tema. Ele aponta o trompete vermelho para o chão, e toca com o desespero da negritude subjugada, sobre a base sutil da banda. Ou, com o grupo a gás aberto, abusa com seu funk futurista e hipnótico nas fronteiras da dinâmica, soando quase inaudível.

No final, a cancha inesperada do velho companheiro John McLaughlin, que não entrou no clima. Sábio, Miles bateu sua varinha mágica, mudou a música, solou e saiu do palco, deixando os Johns fecharem o show com um alucinado duo de guitarras. Miles sabe extrair, da ausência e do silêncio, a força que se obtém da presença e do som.

A MPB presente no

A grande vitória do Free Jazz Festival não coube às irmãs empresárias Sílvia e Monique Gardemberg, que, junto com Paulinho Albuquerque e José Nogueira, idealizaram, alimentaram e fizeram decolar no Rio e em São Paulo o primeiro evento de música não-vocal a ser realizado no Brasil em quase cinco anos. Tampouco coube ao público carioca e paulista, que pôde experimentar a fértil miscigenação musical que tem marcado a fase atual do jazz. Os maiores vitoriosos foram três ausentes que marcaram presença durante todo o festival: Milton Nascimento, Antônio Carlos Jobim e Ivan Lins. Embora não incluídos na lista de artistas do Free Jazz, Tom, Ivan e Milton acenaram para o público de cada nota, cada nuance, cada textura evocada por virtualmente todos os que se apresentaram no festival.

Mas incluir apenas estes três na série de influências brasileiras pescadas nos acordes do Free Jazz seria injusto, pois praticamente todas as encarnações daquele gigantesco ente que batizamos Música Popular Brasileira bateram ponto nos palcos do Anhembi e do Palace em São Paulo e do Teatro do Hotel Nacional, no Rio.

Joe Pass, Toots Thielemans, Pat Metheny, Hubert Laws e até mesmo Bobby McFerrin e Chet Baker — casos especiais que mais tarde voltaremos a discutir — deixaram bastante claro que a música instrumental é uma rua de mão dupla. E que, concluiu-se no festival, está tendo um tráfego de influências (sem trocadilhos) mais intenso no sentido sul-norte. Mas falei de casos especiais. McFerrin, por exemplo, é um cadinho cultural humano que absorve músicas de qualquer país, qualquer estilo, para transmiti-las através do corpo. De *todo* o corpo. Se pela melodia canta "Controversy", do Prince, pela percussão simultânea que faz com ossos, dedos e cordas vocais ele empresta características rítmicas da África e do Brasil.

Chet Baker, de "a maior expectativa" do festival passou a "O Grande Enigma". Por ter sido

Foto Claudia Dantas

Quando Sonny Rollins se postava no proscênio, empinava seu sax para o alto e detonava solos de até 18 minutos, parecia estar tocando para os deuses. Seus shows começavam e terminavam apoteoticamente — eram o legado atualizado de um dos artistas mais afinados com a música do planeta. O mínimo que se disse dele é que foi transcendental.

Foto Claudia Dantas

Com ar cansado, Chet Baker fez um jazz simples, sem rodeios, auxiliado por uma banda brasileira arregimentada pelo tecladista Rique Pantoja. Houve gente que achasse Chet parecido com Style Council...

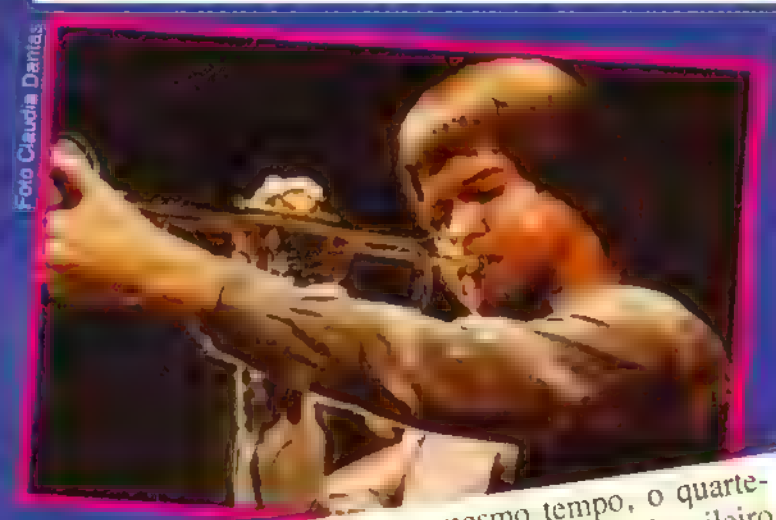


Foto Claudia Dantas

Complexo e clássico, ao mesmo tempo, o quarteto de Phil Woods apresentou ao público brasileiro o melhor trompetista do festival, o enigmático Tom Harrell (foto).

Foto Claudia Dantas

Junto com Radamés Gnatalli, Moacir Santos foi um dos homenageados do festival e matou as saudades que o público sentia de seu sax barítono.

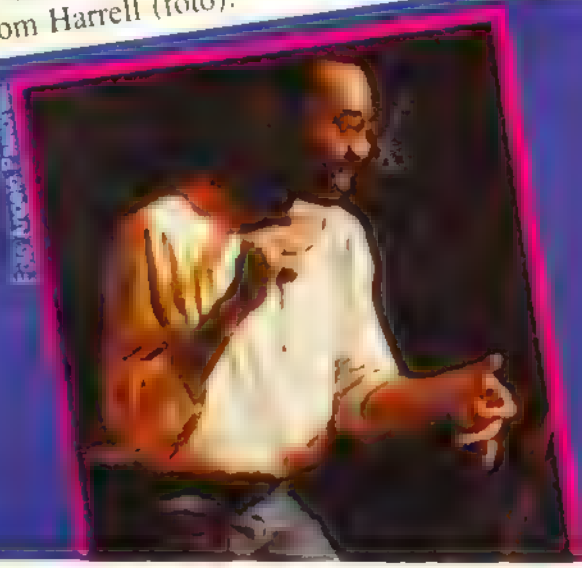


Foto Angelo Pastorelli

Bob McFerrin foi a grande surpresa do Free Jazz. Senhor de todo o palco, Bob reinventava músicas como "Blackbird", dos Beatles, alterando a cada instante as oitavas da voz e utilizando *todo* o corpo como instrumento.

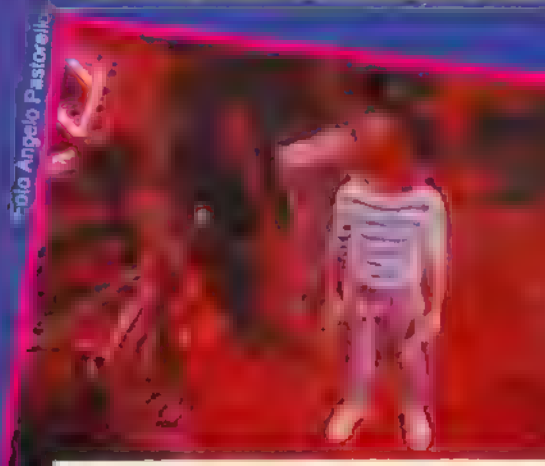


Foto Angelo Pastorelli

Roqueiros e puristas se uniram para aplaudir Pat Metheny e sua banda durante as verdadeiras maratonas musicais que promoveram: mais de duas horas e meia de show por noite.

Free Jazz Festival

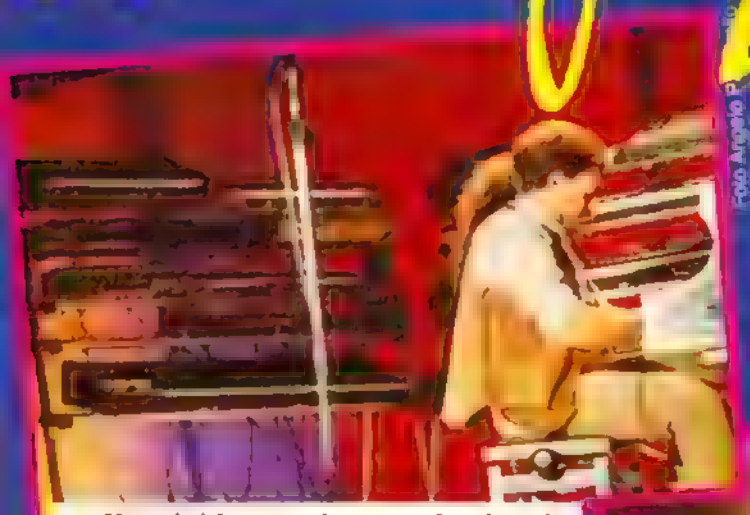


Foto Angelo Pastorello

Envolvido por dezenas de sintetizadores, seqüenciadores e baterias eletrônicas, Egberto encerrou a primeira noite do Free Jazz com uma inédita versão eletroacústica das "Bachianas", de Villa-Lobos, que fará parte de seu novo disco, ainda em fase de pré-produção.

De olhos fechados o tempo todo, Joe Pass abraçou sua Ibanez semi-acústica e criou uma atmosfera intimista com músicas de Milton Nascimento e Ivan Lins. Quem imaginava que os olhos fechados de Pass eram sinônimo de concentração, errou. Ele garante que fecha os olhos por puro "medo do público, pânico até".

Foto Claudia Dantas

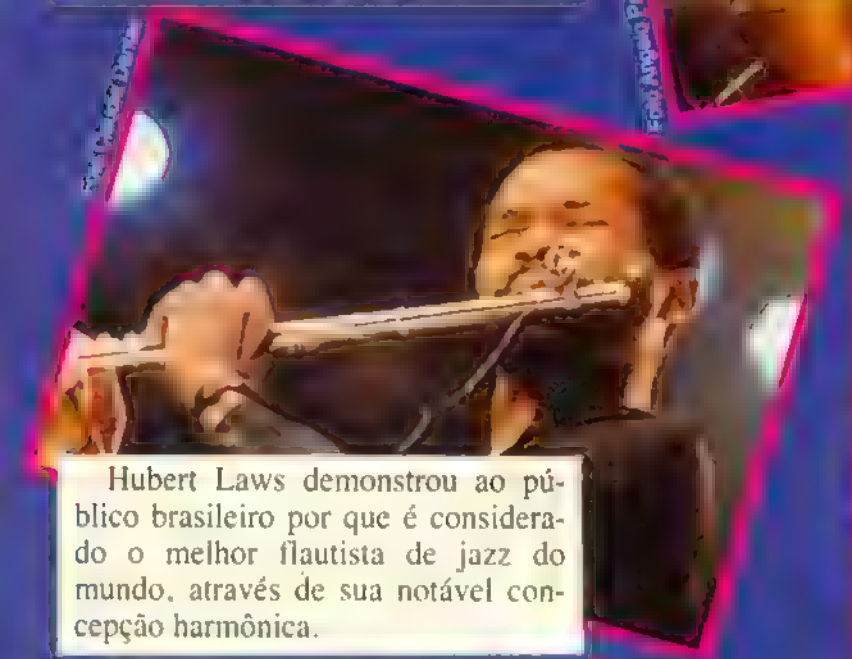


Foto Angelo Pastorello

Hubert Laws demonstrou ao público brasileiro por que é considerado o melhor flautista de jazz do mundo, através de sua notável concepção harmônica.

Acolitado pelo excelente baixista Arismar, o gaitista Maurício Einhorn fez um jazz redondo e melódico, macio e gostoso. E, definitivamente, MPB. E ainda teve fôlego para fazer um dueto improvisado com Toots Thielemans e, depois, um trio com Toots e Bob McFerrin.

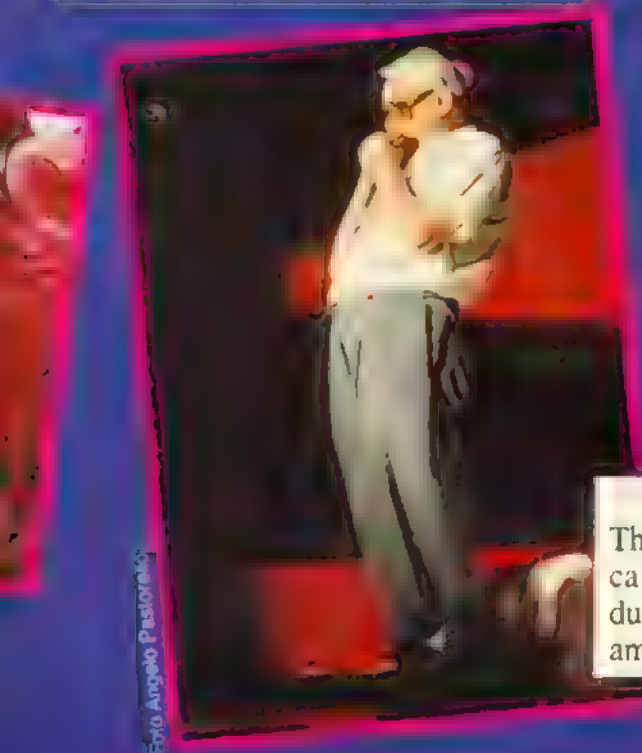


Foto Angelo Pastorello

Alternando-se entre a gaita e a guitarra, Toots Thielemans confirmou sua profissão de fé na música brasileira e provou que o jazz é uma rua de mão dupla; que a MPB e a música instrumental norte-americana se influenciam mutuamente.

uma das maiores fixações dos brasileiros que criaram a bossa-nova, ele chegou ao Brasil endeusado. Mas o que se viu durante suas apresentações desarmou aficionados e confundiu os não-iniciados: um Chet relutante, desconfortável como peixe fora d'água, opaco e insosso. Houve muita gente que saiu dos shows de Chet sem saber o que fazer. Deveriam dizer aos amigos que tinham: 1) adorado? 2) detestado? 3) ou deveriam admitir que não tinham compreendido coisa alguma?

Pat Metheny também gerou confusão — seus fãs lamberam os beiços com shows de quase três horas que cobriram toda a carreira do guitarrista. O público de Pat era bem mais jovem, aliando aos puristas os roqueiros que não passam um dia só de suas vidas sem cultivar um Herói da Guitarra. Mas os shows de Pat foram cansativos para quem não era fã do tipo fissuradinho. Num evento cuja noite típica de show começava às 21 h e terminava lá pelas 2h30, Pat e sua competentíssima banda acabavam sendo uma overdose. Deliciosa, na maior parte do tempo, mas overdose mesmo assim. Pelo menos para nós, mortais.

O que nos leva a Sonny Rollins, um negão de quase dois metros, compleição de atleta, óculos escuros irremovíveis da carranca impassível. O mínimo que se pode dizer dos shows de Sonny — especialmente o que fez ao ar livre, no Parque da Catacumba, no Rio — é que foram absolutamente transcendentais. Poucas vezes o público brasileiro pode ver um artista tão afinado com o Universo, tão à frente do seu tempo, tão completo. Quando Sonny se postava no proscênio, empinava seu sax para o alto e detonava um solo de 18 minutos sem tirar os lábios da palheta, não parecia estar tocando para nós. Parecia estar tocando para os deuses. E aposto que até agora os deuses estão pedindo bis.

José Emílio Rondeau/Participaram na reportagem Sonia Maia, Luisa de Oliveira (SP) e Alexandre Dines (Rio)

OLHA SÓ QUEM ESTEVE PO

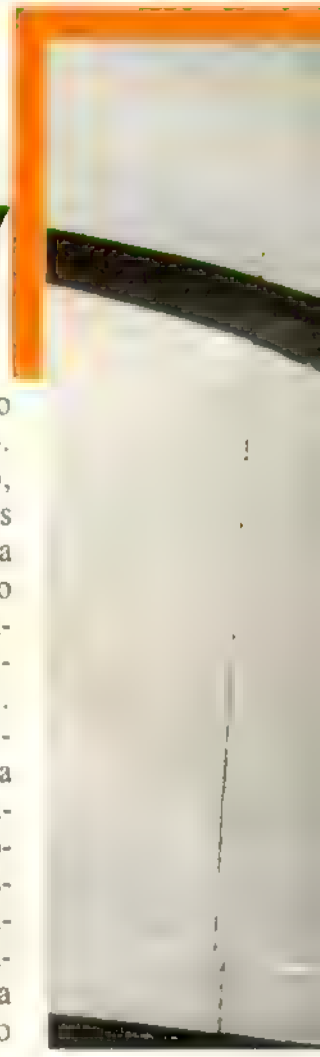
Agosto consta nas calendas como mês de cachorros loucos, lobisomens e vudu generalizado. Se os três supermúsicos que andaram por aqui nesse mês podem ser enquadrados como tal, tudo bem. Senão, vejamos:

Feiticeiro de estúdio é o clichê favorito quando se fala de *Holger Czukay* — ele mesmo prefere o epíteto de "sinfonista privado". Ele passou por Porto Alegre, SP e Rio justamente para uma série de palestras e seminários sobre seus particularíssimos métodos de composição, edição e gravação.

Já o guitarrista e cantor *Buddy Guy* é decididamente uma fera, especialista em tirar uivos e grunhidos da guitarra. Sua temporada no 150 Night Club (SP) foi um dos grandes acontecimentos de 85.

Por fim, também rodopiou entre SP e Rio o ilustre espécime da vanguarda nova-iorquina, *Arto Lindsay*.

ARTO LINDSAY



Ele viveu e cresceu no Nordeste brasileiro, de bebê aos 18 anos. Voltou agora para tentar lançar aqui o LP *Envy*, da sua banda *Ambitious Lovers* (três americanos, três percussionistas brasileiros), onde tempera o funk e o break com samba, baião e até letras em português. As gravadoras, para variar, estão bobeando. Arto, em fluente "pernambuquês", falou a BIZZ: "Cresci ouvindo MPB. Caymmi, Ary Barroso, Ângela Maria, *sabe?* Quando voltei para a América e fiz música em que a coisa brasileira era mais óbvia, gostei do negócio abstrato de fazer as menininhas chorarem mesmo sem entender a letra..." A *coisa brasileira* está não só no trabalho com os *Lovers* como em um novo trio, com o irmão Duncan e o percussionista Naná Vasconcelos. "Para soltar o ouvido do público eu gosto de gerar conflitos na música. No Lounge Lizards (grupo anterior de Arto que atormentava — *artomentava?* — o jazz dos anos 50) a idéia era fazer duas músicas simultâneas, o jazz e a minha guitarra interferindo. No meu primeiro grupo conhecido, o DNA, tinha um negócio de egos colidindo. Eram dois caras e uma menina (a baterista Ikue Mori) e não dava para fazer aquela jogada machista no palco, aquela coisa adolescente do rock." Sexo e música? É. "O músico negro americano faz música adulta, sem medo, porque gosta de transa. A música brasileira também tem essa maturidade. Noel Rosa, Lamartine Babo fizeram obras-primas deste século, coisas sofisticadíssimas e ao mesmo tempo populares. O rock não é assim, eu tenho a energia mas não a estupidez do rock. Então eu tento misturar as coisas." Outras influências brasileiras? "Jorge Ben. Foi o único cara que fundiu bem duas músicas, *rhythm'n' blues* e samba, porque fez isso na base, com ginga dupla; eu quero fazer o mesmo com o funk, o break. Tem o Caetano. Ah, e o João Gilberto — mas não vá espalhar..." *A.A.*

BUDDY GUY

Um incêndio. Gente urrando na pequena platéia todas as noites. E não era para menos. Lá em cima do palco estava o mestre e ídolo de Eric Clapton, Hendrix, Keith Richards, Jeff Beck... Suando toda a alma e todas as notas, Buddy Guy, fazendo um show diferente a cada dia, lembrava sua definição feita por Eric Clapton. A de um músico que toca sempre no limite, que parece quase fora de controle, prestes a errar uma nota. E que não erra nunca.

Junto com Buddy veio seu companheiro inseparável de milhares de noites de blues desde o final da década de 50, o cantor e gaitista Junior Wells. Super *cool*, de chapéu panamá, terno arrumadinho, Wells alternou suas gaitas Hohner e arrancou uivos e delírios da moçada com hits do blues como "Sugar Mama" e "Baby You Make me Feel so Good".

Buddy tem planos agora de se juntar a Clapton num projeto de gravação. Possível produtor, Jack Douglas, aquele do *Double Fantasy*, de John e Yoko. Buddy é o maior guitarrista vivo do blues, mas acredita que nunca vendeu por ter sempre trabalhado com selos pequenos, mais independentes.

Não que vá alterar seu estilo para vender. E gravar com Clapton vai ser uma extensão de seu trabalho: "Falei com ele há dois meses, e ele gosta do que eu estou fazendo". A intenção é terminar "um trabalho que Muddy Waters não terminou, que T. Bone Walker não terminou. Eu estou aqui e acho que devo continuar tentando".

Buddy ouve de tudo. "Pode parecer mentira para você, mas eu sou capaz de marcar compasso com o pé em qualquer música que ouço. Não tem que ser guitarra. E toquei rock na década de 50 e 60 em clubes de Chicago. Chuck Berry, Little Richard... Naquela época, era até uma questão de sobrevivência." *J.E.M.*

R AQUI:

O americano Arto gravou Envy, *uma "carta de amor ao Brasil"*

Foto Mauricio Valadares

Foto Angelo Pastorello

Czukay e o Dictaphone, que usa para gravar vozes e usá-las em suas colagens

Buddy Guy estraçalhou no palco do 150 Night Club (São Paulo)

Foto Angelo Pastorello

CZUKAY

Alô, fãs e discípulos de Brian Eno. Com todo o respeito, o verdadeiro pioneiro dos "tratamentos" eletrônicos de timbres naturais, mais as colagens com rádio e ruídos ambientais — isso no terreno rock/pop — foi o grupo alemão Can (68/78). Entre seus membros, dois ex-alunos de Stockhausen: Irmin Schmidt e Holger Czukay. Desde que a banda se dissolveu, têm sido justamente de Czukay os trabalhos solo mais consistentes.

Em São Paulo, o seminário foi concorridíssimo: cinqüenta e tantos candidatos para oito vagas. Resultado: acabaram liberando para vinte participantes, com uma aula aberta no último dia.

Mesmo assim, não havia sequer um produtor profissional, apenas independentes como Robson Borba (Arrigo Barnabé) e Miguel Barella (Smack, Voluntários da Pátria). A maioria mesmo eram músicos e aspirantes a produtores equipados de estúdios caseiros — a nova febre paulistana.

"Eu não sei tocar nenhum instrumento, então toco todos." Partindo daí, Czukay começou a expor seus pouco ortodoxos métodos de trabalho, responsáveis por alguns surtos de indignação entre os acadêmicos e puristas presentes. Havia também aqueles esteticamente escandalizáveis. Numa palestra extra-seminário, na USP, o diretor do Departamento de Música da Universidade, Olivier Toni, protestava veementemente contra os batuques que embalam a música de Czukay. Ao que o alemão, do alto de seus sorridentes 53 anos, respondia entre um rebolado e um volteio: "Mas eu adoro dançar!"

Normalmente — em seu próprio estúdio, na cidade de Colônia — Czukay faz o seguinte. Primeiro passo: nenhuma idéia na cabeça. Tudo é criado *dentro* do estúdio, com quatro ou cinco fitas rodando com mixagens diferentes. Depois é que vêm horas, dias, meses de edição das fitas na base da gilete mesmo.

No mais, Czukay apaixonou-se pelo surdão e pela cuíca, e tocou sua trompa em uma faixa do Akira S e suas Garotas que Erraram (para uma coletânea da Baratos Afins). E dois conselhos para os músicos brasileiros, o primeiro transmitido a ele por Stockhausen: "Todo o músico precisa de uma mulher milionária, para não acabar se prostituindo" e "Eu vim da Alemanha até aqui para dizer a vocês que não é preciso grana nem equipamento sofisticado, apenas tempo para pensar e refletir sobre o que se está fazendo". *J.A.L.*

CAMISA DE VÊNUS

Em Porto Alegre, este ano, o grupo juntou dezesseis mil pessoas num show. *Sônia Maia* investiga o fenômeno

"Cheguei, painho." Quem avisa é o guitarrista Karl Franz Hummel. Apesar do nome, ele é baiano — assim como os outros quatro integrantes do Camisa de Vênus.

A banda foi parida há três anos no sítio Birita, km 7 de uma estrada qualquer do interior da Bahia. Robério era desenhista-publicitário; Marcelo, radialista; e Gustavo, bancário. Aldo tocava bateria numa igreja e "Karl vendia pulseiras, levantava ao meio-dia... um vagabundo", completa Marcelo.

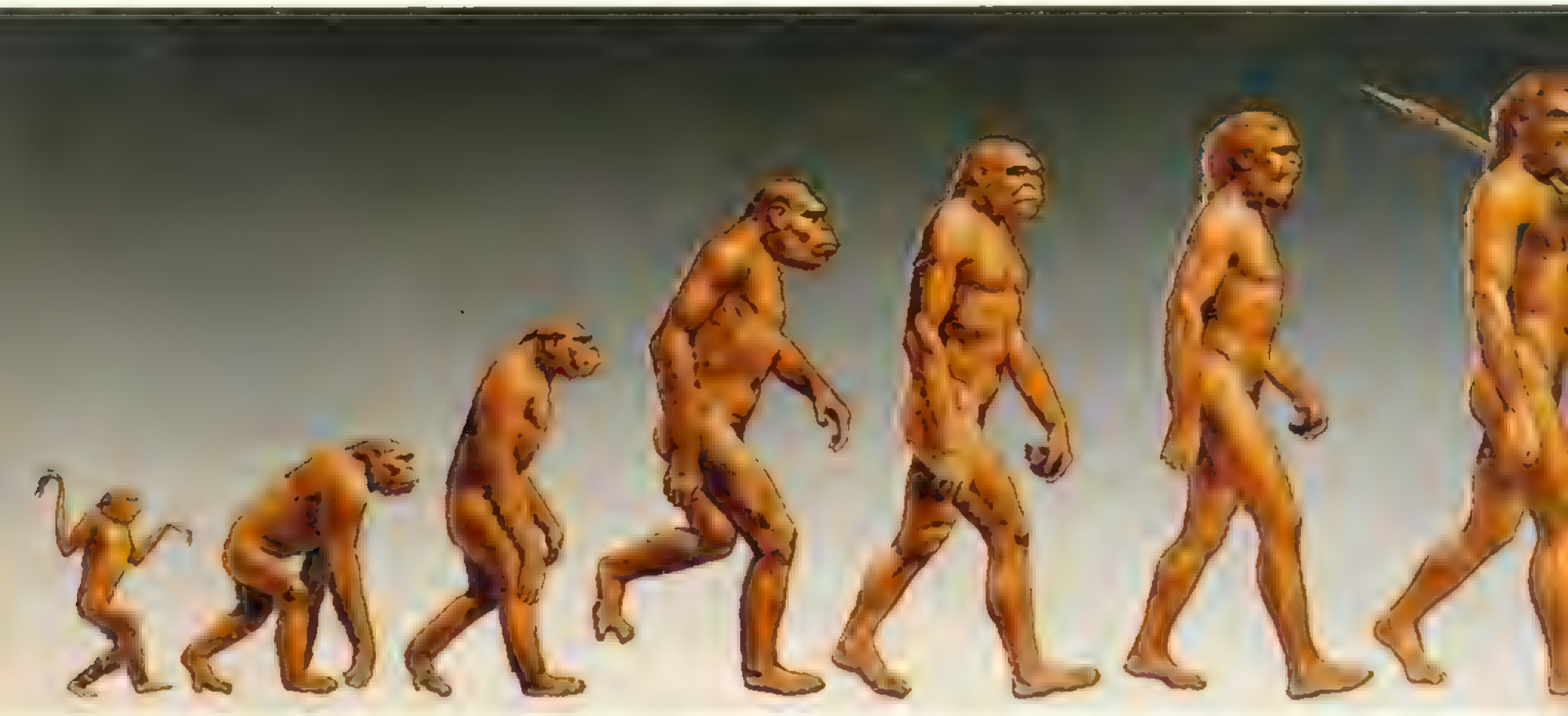
Com uma formação musical vinda da pilha de discos que tinham em casa e dos superoito de shows gravados por Marcelo — quando ele "esbarrou" em Nova York — acharam por bem fazer um rock temperado com azeite-de-dendê. Alguma coisa com *punch* suficiente para tirar as pessoas "da letargia de verão". Marcelo ainda acrescenta: "De janeiro a março aquela terra parece Malibu".

Da Bahia, o último estouro musical que vem à cabeça é o Tropicalismo. Depois disso, só Novos Baianos e Raul Seixas — década de 70 —, num momento em que, conta Marcelo, "Elis Regina e Chico Buarque faziam passeata contra a guitarra elétrica". E agora o Camisa de Vênus.

Obstáculos no início de carreira? Obviamente. Primeiro pelo nome, depois por estarem afastados do eixo São Paulo—Rio. Fora o fato da mídia ter armado uma reputação punk para a banda.

E punks eles não são. Isso porque no último disco, além da formação-base de palco (duas guitarras, baixo, bateria e vocal), incluíram te-

Da esquerda para a direita: Aldo, bateria; Ka



Assim Caminha a

guitarra; Gustavo, guitarra solo, Marcelo, vocal, e Roberto, baixo

Foto Rui Mendes

clados, percussão, violino e saxofone. E Marcelo completa: "Temos 365 influências. Camisa de Vênus não tem paralelo lá fora. Não se parece com nenhuma banda".

Não mesmo. Lembra tudo. Basta ouvir o disco para perceber que passam pelo heavy — mas como tradição do solo de guitarra —, bebem do punk inglês da década de 70 e chegam até o reggae. Desatrelados de qualquer movimento, aceitam apenas um: "O da maré, que enche e vaza", diz Marcelo.

O punk fica por conta de uma iniciativa musical que dispensa virtuosismos, nas letras carregadas de urbanismo e pornografia, e num vocal narrativo, pontuado a gargarejos.

Apesar dos anos de estrada, foram ignorados todo esse tempo pela imprensa. Hoje eles lotam qualquer espaço. Quem garante o sucesso é o público, que este ano jogou para o primeiro escalão do Ibope a música "Eu não matei Joana D'Arc".

A glória não assusta. Novamente Marcelo: "Não seguimos nenhuma estratégica. Se uma dona-de-casa gosta do nosso som é porque se identifica com ele".

Humanidade.

A Vespa nasceu na Itália.
Com um desenho revolucionário, mudou completamente a história dos transportes no mundo inteiro.
Hoje, existem dois milhões de Vespas na Itália. E 4,5 milhões rodando por todo o planeta.
Agora, a Vespa chega ao Brasil trazendo toda a tecnologia e design que a consagrou no mundo inteiro e mudou os caminhos da humanidade, com mais de nove milhões de Vespas já produzidas no mundo, desde o seu nascimento.
Não dê mais um passo sem conhecê-la.
Visite um dos concessionários Motovespa.

vespa
A evolução.

MOTOVESPA DO BRASIL LTDA.

JAG
Fotos Jon Hoffmann/Stills

BOWIE & RONIE

DANÇANDO NA RUA

O silêncio do galpão vazio é quebrado por um
assobio que lembra demais a vinheta das transmissões
de jogos de futebol de uma rádio carioca.
Corte para dois pés
em pleno aquecimento pré-*jogging*.
Corte para o dono dos pés rodopiando
num tubo metálico enquanto repete —
dois dedos dobrando a língua — o mesmo assobio,
agora coberto por uma bateria explosiva.
Corte para o dono dos pés rebolando à grande,
botando os ia-ias pra fora como só ele sabe fazer.
Tão logo você percebe que
o dançarino hiperativo é ninguém menos que
Mick Jagger,
a câmera se movimenta em rápida panorâmica
para revelar, no topo de uma escada, cobrindo
um macacão malhado com uma capa de chuva
quase aristocrática de tão elegante, o segundo
personagem da história, um também dançante
David Bowie.

Por José Emílio Rondeau

Enquanto são maquiados, Jagger e Bowie aguçam seu humor antes da filmagem do clip

Bem-vindos a "Dancing in the Street". Menos do que um clip que reúne os dois maiores monstros sagrados do rock para uma recriação imperdível de um clássico dos anos 60, este vídeo é mais um capítulo da empreitada Live Aid engendrada por Bob Geldof. Pré-lançado durante os shows do L.A., em julho passado, o clip aterrissou em agosto nas telas de cinco mil cinemas norte-americanos, dando uma guinada radical na trajetória costumeira dos vídeos de rock, originalmente programados para telinhas ou telões caseiros e clubes noturnos. Toda a renda dos cinemas — despesas operacionais à parte — reverterá para o cada vez mais polpudo Live Aid Fund.

E a coisa não pára aqui. No futuro haverá uma versão *home video* semelhante à versão exibida nos cinemas: antes do clip, uma sessão de cromos tirados durante os shows do Live Aid pelos fotógrafos da Kodak Eastman, patrocinadora do clip. E ainda haverá o disco de "Dancing in the Street". Nos dois casos, uma frase/mote lembra a que veio o projeto: "Lembre-se porque estamos fazendo isso. Ajude-nos a manter vivo este trabalho".

Bowie foi um dos pontas-de-lança da campanha Live Aid. Toda vez que era exibido o clip de "Do They Know It's Christmas", Bowie surgia antes na tela para pedir aos telespectadores que comprassem aquele disco para, assim, aliviarem a fome na África. "Se vocês gostarem da música", dizia Bowie, "comprem logo *cinco* discos. Se não gostarem, comprem assim mesmo. Depois joguem fora ou dêem a um amigo. Mesmo assim, comprem." Jagger só se envolveu com o Live Aid na época dos shows. "O nosso objetivo principal", disse Mick minutos antes de subir ao palco do JFK Stadium, na Filadélfia, "é angariar dinheiro, muito dinheiro e chamar a atenção do mundo para o problema da fome."

Jagger e Bowie deram muito duro para realizar o projeto "Dancing in the Street". Jagger literalmente abandonou a finalização do novo disco dos Rolling Stones para poder

"DANÇANDO NA RUA": A LETRA DO CLIP DE MICK E DAVID

"Sempre amei o rock", afirma o eclético diretor David Mallet, cujo currículo inclui clips de Billy Idol, Joan Jett, Queen, Jethro Tull, Tina Turner, Culture Club, Roxy Music, Scorpions, Peter Gabriel e Blondie.

Com esta paixão, Mallet não pertence ao mundo dos *auters* ditatoriais, não impondo conceitos ou roteiros.

No clip, Bowie e Jagger estão completamente soltos. Nada mais adequado ao ritmo e à letra do que estão cantando. Transcrevemos aqui, em forma livre, o que os dois dizem em "Dancing in the Street":

Estamos conclamando ô mundo
Vocês estão prontos para uma batida nova?
O verão chegou, e esta é a hora para dançar nas ruas.
Dançando em Chicago, em New Orleans, New York City
Tudo que precisamos é música, a doce música
música em todo lugar dançando, balançando dançando na rua.
Não importa que roupa você veste
só importa mesmo estar lá
venham, cada garoto
pegue uma menina, em todo lugar do mundo.
Dançando na rua
um convite atravessa a nação
é uma chance para dançar o hit
riremos e dançaremos
com o balanço da música, dançando na rua.
*Não se esqueça nas ruas do Brasil, de volta à URSS**
não importa onde você esteja
tudo que você precisa é a música doce música.

*(Nesta versão, Bowie e Jagger fazem uma alusão a "Back in the USSR", dos Beatles, não constante da versão original. A alusão ao Brasil também é nova.)

''Dancing in the Street'' não é um duelo de egos..

..Mick e David saracoteiam pela tela como dois colegiais..

..atiçados pela perspectiva de um fim de semana especial

participar e acabou dirigindo toda a pós-produção do clip e do disco. Bowie ocupou-se da pré-produção, principalmente do clip, junto com o mesmo diretor que o acompanha há uma dezena de clips, o inglês David Mallet (ver quadro).

Correria seria eufemismo para definir o clima de trabalho neste projeto. Em doze horas — um recorde, praticamente, para o *modus operandi* anglo-saxão — foi rodado o clip de ''Dancing in the Street''. Em tempo semelhante foi gravado e mixado o disco.

O resultado reflete a urgência da causa — uma faixa ultradançante que conclama as nações a tomarem as ruas para dançar; um clip econômico, simples, até, que se apóia exclusivamente no carisma e no magnetismo de Bowie e Jagger. E, ao contrário do que muita gente poderia pensar, ''Dancing in the Street'' *não é* um duelo de egos. Mick e David saracoteiam pela tela como dois colegiais atiçados pela perspectiva de um fim de semana particularmente especial. Um imita os passos do outro — arremeda, seria mais correto mas num clima de ótimo humor e camaradagem.

A escolha de ''Dancing in the Street'' para o encontro de Bowie e Jagger não poderia ter sido melhor. A música foi composta em 1964 por Marvin Gaye e, caísse nas mãos de quem caísse, virava sucesso. Antes de Bowie e Jagger ela fora gravada por Martha and the Vandellas, o Ramsey Lewis Trio (um grupo jazzístico que deu ao mundo o fundador do Earth, Wind and Fire, Maurice White) e o Mamas and Papas. Excluído o aspecto ''sucesso garantido'', a música também é uma escolha adequadíssima porque ela celebra justamente aquilo que o Live Aid está querendo preservar: a vida.

Mesmo que nunca mais se repita, este encontro de Jagger e Bowie prova que monstros sagrados podem conviver em paz e — melhor — se divertirem juntos. Senão, como explicar a cena final do clip?

A câmera vai-se aproximando da dupla, que está postada no meio de uma rua — onde mais? — dançando o *swim* (uma dança que imita gestos de nadadores) durante o refrão final. A câmera passa entre os dois e se volta para as costas deles. Percorre as costas e desce um pouco o enquadramento, no tempo exato de mostrar Bowie levantando o casaco de chuva.

Em uníssono, as duas bundas famosas se despedem do mundo com um derradeiro rebolado.

Mais uma vez, obrigado, Bob Geldof. Se não fosse você, talvez esta inesquecível página da história do rock jamais seria possível.

CLIPOGRAFIA SELECIONADA DE MALLET E BOWIE:

''Boys Keep Swinging'' - Simplesmente um clássico. Travestido, Bowie encarna Marlene Dietrich, Tallula Bankhead e Margaret Thatcher enquanto desfia as vantagens de ser um garoto.

''Ashes to Ashes'' - Experimentalista, quase hermético, este clip de 1980 precedeu em muitos meses a explosão neo-romântica inglesa apresentando ao mundo um extra que ficaria muito famoso: um tal George O'Dowd — mais tarde apelidado Boy George — que aparece aqui vestido de bispo à frente de uma procissão.
Bowie vive, simultaneamente, um pierrô espacial, um junkie e um louco de asilo. Solarizações e efeitos especiais marcam uma edição nervosa que salta, sem respirar, de cenas saturadas de cor para cenas em preto e branco.

''Let's Dance'' - Um dos primeiros clips de Mallet feitos em filme de 16 mm, este vídeo, para quem não entendeu aquela cena do aborígene arrastando uma máquina industrial pelas ruas de Sydney, na Austrália, fala de imperialismo e choque de culturas. Uma cena inesquecível: Bowie tocando guitarra de luvas brancas num bar de beira de estrada.

''China Girl'' - O mesmo tema de ''Let's Dance'' é abordado neste segundo clip rodado na Austrália. Existem duas versões, porque a MTV censurou uma cena em que Bowie entrega-se às carícias da modelo à beira de uma praia, numa citação à cena idêntica do filme *A Um Passo da Eternidade*, estrelado por Burt Lancaster e Deborah Kerr. Mas por que esta cena foi censurada? Simples: Burt vestia calção, no filme. No clip, Bowie está de bumbum de fora.

JAMES DEAN
TRINTA ANOS ESTA NOITE

Por *Ruy Castro*

Neste dia 30 de setembro completam-se 30 anos desde que James Dean entrou naquele Porsche prateado, último tipo, voou pela rodovia 41 em Paso Robles, Califórnia, chocou-se contra um Ford e morreu. Tinha 24 anos e acabara de surgir como o mais explosivo talento da sua geração de atores, embora até então só se conhecesse um filme seu: *Vidas Amargas (East of Eden)*, de Elia Kazan, feito em 1954. O filme seguinte, *Juventude Transviada (Rebel Without a Cause)*, de Nicholas Ray, seria lançado uma semana depois de sua morte. E o terceiro e último, *Assim Caminha a Humanidade (Giant)*, de George Stevens, treze meses depois.

Mas ninguém perdeu por esperar. O que James Dean tinha consolidado em vida — o mito do "rebelde" hesitante, tímido, atormentado e capaz de transformar tudo aquilo em violência — só foi amplificado pela sua morte. Só que, no seu caso, a violência tinha se voltado contra ele, na vida real. Os jovens de 1955 não estavam precisando de nada melhor do que um martírio para criar um santo.

Fotos DB

O fato de que pedaços do seu Porsche, vendidos para o ferro-velho, foram "recuperados" e vendidos depois como relíquias não era novidade. A memorabilia de outros artistas e cantores já tinha sido similarmente explorada. Mas nunca se tinha chegado ao ponto de uma fábrica, nos Estados Unidos, fabricar miniaturas do Porsche, já despedaçadas, como o carro original depois do acidente. James Dean podia ser um novo Cristo, mesmo de topete, mas ninguém teria pensado antes em transformar o Porsche num sudário.

Seu túmulo, no Estado de Indiana, onde nasceu, já foi "aliviado" pelos romeiros de todas as letras que diziam "James Byron Dean". Só não é hoje um túmulo anônimo por ser o mais famoso do cemitério. Como o do roqueiro Jim Morrison, enterrado no Père Lachaise, em Paris, o túmulo de Dean também pode ser encontrado pelas inscrições a giz ou batom deixadas pelos que nunca acreditaram que ele tivesse realmente morrido.

Talvez por isso tenham providenciado até uma "ressurreição". A história de que ele não morreu no acidente e que estaria desfigurado e recluso numa clínica do interior americano chegou a ser acreditada por muitos, nesses anos todos. Se isso fosse verdade, James Dean estaria hoje com 54 anos e nem mesmo o seu fanático seguidor provavelmente veria nele o jovem que, em 1954 e 1955, desafiou, com ousadia indescritível, um *establishment* muito, mas *muito*, mais duro que o de hoje. Duvidam?

Naquele tipo de *establishment*, além da costumeira incompreensão dos adultos, um jovem que usasse óculos tinha de enfrentar também a fanfarronice dos colegas — para quem um garoto que usasse óculos deveria ser "fresco". E Jimmy Dean, por volta dos nove anos de idade, não apenas tinha três graus de miopia, como estudava dança e violino.

Foto LFI

Apesar de amar o jazz, Dean virou emblema dos rock'n'rollers. Elvis sabia de cor todas suas falas em *Juventude Transviada*. Já Morrissey dos Smiths (foto ao lado) chegou a escrever uma biografia do ator

Um dia, algum psicanalista talvez explique que não foram as pilhas de neuroses que ele acumulou que o levaram a ser o que foi. Foi o seu talento. Afinal, quantos outros jovens perderam a mãe nessa idade (aos 8 anos), foram entregues aos tios, recuperados por um pai *quaker* e puritano, vitimizados pelos colegas e nunca se tornaram James Dean? Mas, apesar das dificuldades, ele foi em frente: tomou aulas de dicção, interessou-se por jazz e música clássica, aprendeu a tocar clarineta e bongô, fez um pouco de ioga e, provavelmente para desafiar os brutamontes, jogou basquete, beisebol, e fez até o que muitos desses brutamontes quiseram e não puderam fazer: mandou o pai e diversas escolas às favas, inclusive a Faculdade de Direito, porque sabia muito bem o que queria — teatro.

Jeans e camiseta

É igualmente difícil para um jovem leitor de hoje entender como certos tipos de comportamento — por exemplo, o vestuário — poderiam ser tão chocantes naqueles primeiros anos 50. Por exemplo, James Dean, fora do palco ou das telas e mesmo nelas, vestia-se exclusivamente de jeans surrados, camisetas brancas, tênis sujos e barba de adolescente sempre por fazer. O que isso poderia ter demais? Hoje, nada. Mas, na época, tudo. Jovens bem-comportados não se vestiam desse jeito naquele tempo porque, então, entendia-se que todo jovem deveria reproduzir exatamente o modelo de seus pais. Talvez entrar para o Rotary Club. E gostar, o que é pior. Dean não tinha esses modelos a reproduzir, mas tinha algo ainda pior: ele não se enquadrava em modelo algum conhecido na época.

Tiques e estilo

Os mais velhos dos anos 50 nunca se assustaram muito com o modelo "rebelde" vivido por Marlon Brando no famoso filme *O Selvagem*, de 1951, em que Brando envergava o casaco de couro, cavalgava furiosamente a sua moto e provocava quebra-quebras pelos bares das estradas. Todo mundo sabia onde aquele tipo de jovem iria parar: na delegacia, no cemitério ou, se sobrevivesse, na firma de seu pai, atrás de uma escrivaninha.

Com os personagens de James Dean era diferente — porque Dean era diferente de Brando ou Montgomery Clift, que o antecederam, ou de Paul Newman ou Warren Beatty, que viriam a "sucedê-lo" naquele mesmo tipo de personagem. O que levou os críticos e espectadores a confundi-los no mesmo balaio de gatos é que todos esses atores aprenderam os seus tiques e maneirismos com Lee Strasberg, no Actor's Studio, em Nova York, sob o olhar talvez excessivamente atento do diretor Elia Kazan.

É isso significava o mesmo jeito de andar com as mãos no bolso, fingir que ia e não ia e acabar não indo, parecer prestes a dizer uma coisa e só então gaguejar, olhar de soslaio ou abaixar a cabeça e sair de fininho. Ou seja, demonstrar vulnerabilidade. A diferença é que Brando sempre pareceu arrogante demais para passar só isso. Clift, alerta; Newman, másculo; Beatty, cínico. Só James Dean passava tudo isso ao mesmo tempo: todas essas forças pareciam sair de sua extrema *defenselessness* (falta de defesa). E era isso que o tornava incômodo. Havia tanta violência e rancor acumulados naquele seu olhar de desamparo, que não parecia se fixar em ponto algum, que assustava e confundia as pessoas. E essa violência iria disparar um dia sobre alguém ou alguma coisa. Infelizmente, ricocheteou contra o próprio Dean.

Boatos e fofocas

Mas nem todo o culto a Dean é do tipo "positivo". Tantos anos depois, começam a aparecer certos fatos "desagradáveis" e que parecem explicar a sua personalidade. Nenhum deles, por enquanto, foi contestado. Por exemplo: ele seria chegado a práticas sadomasoquistas nos clubes especializados de Los Angeles. Sua idéia de prazer seria a de que apagassem cigarros em seu peito. O médico que o autopsiou teria encontrado cicatrizes desse tipo depois do acidente.

Outros rumores insinuam que, na realidade, Dean seria *gay* e que, na véspera de sua morte, teria saído de uma festa do gênero, em Malibu, brigado com um ex-namorado, que o teria acusado de ser visto com mulheres apenas para fins publicitários. Entre estas, a atriz Pier Angeli, o "grande amor" de sua vida, que o trocou pelo cantor Vic Damone.

Mas, enfim, de que importa isso?

A TRAIÇÃO DO FALCÃO

Foto Michael Childers/Orion Pictures

Foto Dave Friedman/Orion Pictures

No país da CIA e da bomba nem todo mundo pensa como Mr. Reagan. Alguns nem pensam. Outros são como Christopher Boyce. Atormentado por este século imoral, Chris alimenta sonhos de cavaleiro medieval, treinando falcões de caça. Tentou a santidade, freqüentando a escola jesuítica. Graças a seu pai, um ex-agente do FBI, acabou na TRW, uma empresa que trabalha com satélites espaciais para o Departamento de Defesa. É lá que ele tem acesso a alguns dos maiores segredos militares americanos.

Andrew Dalton Lee, filho de um médico rico e vizinho de Chris, é um rapaz de outro tipo. Montou seu pequeno negócio já na escola de segundo grau, vendendo maconha. Depois, naturalmente, progrediu: cocaína, heroína...

Chris quer interferir nesse mundo sujo. Dalton quer ganhar dinheiro, e está em apuros com a polícia. O plano que conceberam é loucamente simples. Dalton vai bater à porta da Embaixada Soviética com um bilhete: "Em anexo vai um cartão de computador do sistema codificado da Agência Nacional de Defesa. Se quiser negociar, informe o portador".

Essa é uma das tais histórias em que a realidade deixa longe a mais abusada ficção. Deu em livro, um *best-seller* de Robert Lindsey.

E em filme — *The Falcon and the Snowman*. A direção é de John Schlesinger, um inglês que tem em seu currículo o filme *Perdidos na Noite*, um Oscar e inúmeros outros prêmios. O ator Timothy Hutton é Chris e Sean Penn — o marido de Madonna — é Dalton.

Mais que um *thriller* ou filme de aventuras, *A Traição do Falcão* (nome com que o filme chega, até o fim do ano, ao Brasil) é um estudo fino da moralidade — o moralismo americano, o idealismo, o "imoralismo" marginal — embalado pelo som de Pat Metheny.

Alex Antunes

SPIELBERG E SCOTT VÊM AÍ

* Steven Spielberg, depois de dirigir e/ou produzir *E.T.*, *Gremlins*, *Caçadores da Arca Perdida* e *Indiana Jones*, continua firme no filão apontado por sua alma infantil. Seu próximo filme sobre e para crianças (das mais diversas idades...) é *Goonies*, a história de uma gangue de pirralhos em busca de aventuras, em uma cidadezinha americana.

Para dirigir o filme, Spielberg chamou Richard Donner (cujo último trabalho foi *Ladyhawk, O Feitiço de Aquila*), outro que, segundo ele, é um molecão — apesar dos 52 anos de idade.

O tema musical, "The Goonies 'R' Good Enough", é de Cindy Lauper, e a trilha conta ainda com Philip Bailey, REO Speedwagon, Luther Vandross e Teena Marie.

* O futurístico diretor Ridley Scott *(Alien* e *Blade Runner)* pegou o público desprevenido. Seu novo filme, *Legend* ("Lenda", estreando nos EUA e Europa), é uma fantasia incluindo príncipe, princesa, duendes e até um unicórnio.

Scott promete renovar o gênero, como já fez com a ficção científica e o cinema *noir*. Sua princesa, por exemplo, é pura — como convém às princesas de contos de fadas — mas bastante sensual.

A lenda de Ridley Scott traz também cenários e fotografia magníficos — marca registrada do diretor — e deve chegar ao Brasil por volta de janeiro.

A.A.

Foto Warner Bros

U2

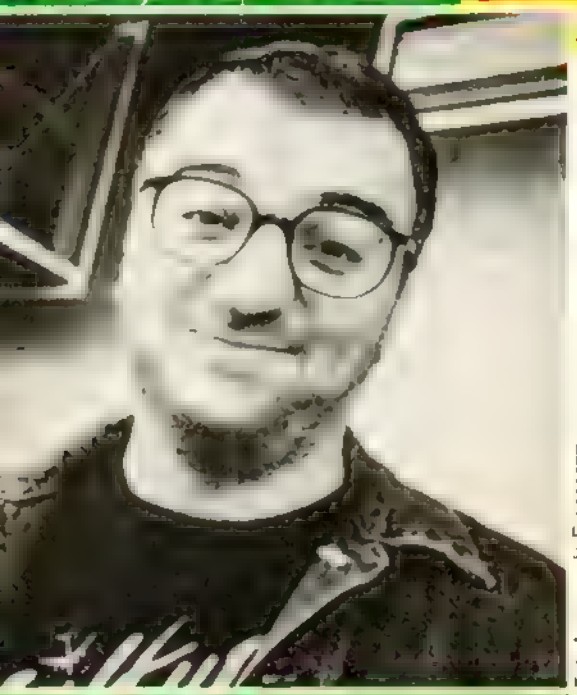


Foto Luciana de Francesco

Kid Vinil

Tudo pode mudar

Lembro-me de uma antiga canção de Elvis Costello chamada "Radio Radio" em que a letra diz:

"As rádios estão nas mãos de um bando de idiotas, que estão tentando anestesiar tudo aquilo que a gente sente."

Pois é, meus caros. A situação das FMs no momento é mais ou menos essa. Quem dita e faz a onda musical desse país? Não é a TV Globo com seus musicais nem as rádios AM: são as FMs e basicamente no eixo SP/RJ.

Conclui-se que a moda musical e os novos ídolos de massa são criados pelas freqüências. Se tocar na FM está feito; do contrário, viverá no anonimato.

Qualquer pessoa que gravar um disco pode ser famosa neste país. Só depende de uma boa "armação" da gravadora, para tocar exaustivamente nas FMs e depois partir para TV, AMs, revistas, jornais etc...

Poucas são as FMs que arriscam em espaços alternativos, e a alegação principal é o patrocinador.

"Roqueiro brasileiro continua tendo cara de bandido."

Partindo desse princípio, as programações de rock não são muito bem-vindas pelos grandes patrocinadores, que preferem investir em horários destinados à música pop comercial, descartável e repetitiva. Patrocinadores alegam que roqueiros são duros e não compram nada. Para as FMs alternativas só restam patrocínios do tipo "surf-shop" e pequenas etiquetas, que não geram muita grana pra rádio.

Então ouve-se Madonna, Springsteen, Prince e todos os que despontam nos primeiros postos das revistas *Billboard* e *Cashbox*, que são as paradas americanas. A FM brasileira sempre foi um reflexo do mercado americano.

Até Tears for Fears estourou por lá e as rádios aqui já tocam "Shout" e "Everybody Wants to Rule the World" exaustivamente. Se um dia os Smiths chegarem a 1.º nos EUA, fique certo que vira sucesso por aqui, como foi o caso do Tears for Fears. Todo rock a que se tem acesso na maioria das emissoras é esse embalado e aprovado pelos americanos.

Reflexo dos EUA

Todas as vezes que se tenta fazer uma programação alternativa em qualquer rádio da moda, sempre se tem a certeza de vida curta. Isso eu falo por experiência própria, desde os meus tempos de Excelsior FM, onde comecei em 79. Na época, eu fazia um programa sobre punk/new wave — imaginem o absurdo, para 79, em nossas rádios um programa do gênero, em pleno auge da disco music. Nem precisa falar que teve vida supercurta.

Restam-nos algumas esperanças, e gostaria de comentá-las, como por exemplo a FM da USP, que abre espaços para novas propostas, a 97 do ABC que equivale a uma Fluminense do Rio — porém não sintoniza muito bem no Centro de São Paulo. Caso aumente a potência ficará melhor ainda pra nós. Também existem alguns especiais da Bandeirantes, Antena 1, Transamérica, Pool, Cultura, Eldorado, muito interessantes e já comentados pela BIZZ.

A realidade é essa: o padrão FM é imutável, tá dando certo, os patrocinadores adoram e investem. A vanguarda e a informação musical sempre serão coisas para minorias intelectuais, segundo aqueles que estão no poder.

As emissoras que arriscam mudar correm sérios riscos, e um exemplo recente foi a Jovem Pan II, que deixou de lado os Menudos e Tremendós e passou a arriscar tocando U2, Smiths, Style Council, New Order etc. Conclusão: caiu no Ibope de 1.º para 5.º lugar. O mesmo ocorreu com a Transamérica algum tempo atrás.

A única emissora até hoje que deu certo no gênero das independentes foi a Fluminense do Rio, que já briga pelos primeiros lugares no Ibope. Isso é sinal de que os Menudos já não estão com essa bola toda, espero eu.

E, falando em independentes, começam a surgir hoje os DJs interessados e pesquisadores do assunto, como Maurício Valladares da Fluminense/RJ, Arthur Veríssimo da USP, Jaime e Alê do Rose Bom Bom, Marquinhos e Magal do Satã e 97, Eric da Bandeirantes, Fernando Naporano da Antena I, Thomas da Cultura, Valdir Montanari da USP e outros mais (que me desculpem os que não me vieram à cabeça no momento, mas que admiro demais e acredito venham a encabeçar uma nova geração no rádio, pra fazer com que as coisas mudem).

Além de vocalista do Magazine, KID VINIL trabalha em rádio desde 1979. Na Excelsior, produzia e apresentava o Rock Sandwich, *com Leopoldo Rey. Hoje ele faz o* New Beat, *todo domingo às 17 h, pela Antena I.*

- MÉDICO OU TÉCNICO EM COMPUTAÇÃO?
- PSICÓLOGA OU JORNALISTA?

DECIDA COM O GUIA DO ESTUDANTE: TUDO SOBRE 168 CURSOS E PROFISSÕES

Para acabar com a insegurança na escolha da profissão, Guia do Estudante traz 168 profissões com todas as informações que você levava meses para conseguir:

- definição detalhada do que é cada uma delas;
- qual a habilitação;
- a duração do curso;
- o currículo mínimo;
- o campo de atuação;
- as especializações;
- as instituições de ensino que ministram cada curso em todo o Brasil;
- o depoimento de um profissional da área.

E mais:
Novos cursos técnicos, as melhores faculdades do país, como obter bolsas de estudo aqui e no exterior, cursos de pós-graduação e estágios, 14 perguntas fundamentais sobre orientação vocacional e o que pensa o estudante de hoje.

Guia do Estudante. A escolha segura.

Certificado de Autorização do Ministério da Fazenda nº 01/00/09185

JASON & THE SCORCHERS

Na linha de frente do *cowpunk*, o novo estilo americano que funde punk com country. Por *M. Antonio de Menezes*

Algum dorminhoco compulsivo que tivesse passado os últimos 15 anos nos braços de Morfeu acordaria com a nítida impressão de que nos Estados Unidos ainda vigoram os anos 60. Nas rádios, nos clubes e nas *discos*, o ambiente sonoro mistura psicodelismo, pop básico, soul tradicional e country. Essa virtual volta às raízes tem sido motivada por toda uma geração de novos artistas que resolveu atualizar a estética rock do passado, mais boas pitadas do vigor punk.

Uma das mais importantes e bem-sucedidas bandas desta nova geração é a Jason & The Scorchers. Formada em 1981 pelo baixista Jeff Johnson, a banda (completada pelo cantor e gaitista Jason Ringenberg, pelo baterista Perry Baggs e pelo guitarrista Warren Rodgers) mescla a influência de sua cidade natal — Nashville, a capital da música country — com o punk. Ao vivo o J&S é irresistível, dinâmico e feroz, capaz de fazer uma parede suar. Em disco o grupo tinha sido azarado, até que aliou-se ao produtor Terry Manning (que já trabalhara com o ZZ Top e com George Thorogood) e atingiu em vinil o ponto de ebulição que sempre caracterizara seus shows. O álbum resultante deste encontro, *Lost and Found*, tem sido comparado ao LP de estréia dos Rolling Stones. Não é por menos — fica claro que o country-punk do J&Svai dar muito pano para manga.

Foto EMI - America

Jason, cantor e gaitista da banda

SIGUE SIGUE SPUTNIK

"O futuro chegou!", diz a crítica inglesa. Ouça agora *Pepe Escobar*

A música pop avança por rupturas. O dia em que Hendrix deu o primeiro solo estratosférico. O dia em que David Bowie reinventou a música negra para ouvidos brancos. O dia que Johnny Rotten gritou "Eu sou um Anti-Cristo!" O dia em que Ian Curtis compôs "Love Will Tears Us Apart". E no dia 25 de junho de 85.

Electric Cinema, em Portobello Road, Londres. Local antológico desde os desvairios da "Swingin' London". No palco, o nascimento do rock'n'roll dos anos 90. A banda, Sigue Sigue Sputnik. É seu primeiro show na vida. O nome é tirado de uma gangue de rua de Moscou. Nas roupas, o mix étnico total. Cruzam um ethos *high tech*, neon, sexo obsceno, carisma *camp* e adrenalina pura.

O teatro é um caldeirão. Todas as tribos estão lá, dos *hardcore* aos extra-neopsicodélicos, passando por americanos alcoolizados e dândis bem comportados. Sem recurso de produção — apenas o grupo na frente das cortinas de veludo vermelho e alguns spots surrados —, o Sputnik levanta vôo. É um míssil interplanetário.

Neil X, na guitarra, não toca acordes, nunca. Só distorce. Duas baterias eletrônicas simples — só caixa, bumbo e dois pratinhos — armam uma locomotiva sonora infernal. Tony James, no baixo — ex-delinqüente do Generation X, onde um certo Billy Idol exercitava a laringe —, usa uma corda só. Toca uma nota só. É o rock'n'roll de uma nota só, purismo dos purismos para os ultra-radicais. Yana, a tecladista — uma gatinha sorridente com uma peruca loira até o joelho —, faz *dub* ao vivo. Enfia repetições, *scratches*, tapes pré-gravados e monta uma atmosfera de extrema urgência — vozes, fragmentos e explosões típicas da era nuclear, onde o apocalipse é no estúdio de gravação. E lá no alto de seus sapatos de salto idem, ergue-se Martin Degville, o vocalista — caindo de carisma, senso de humor e demência.

E o som? Tem de tudo: Elvis primeira fase, Eddie Cochrane, T. Rex, Suicide, Alien Sex Fiend, tudo dissolvido no liquidificador de guitarra distorcida/sintetização. Mas eles têm algo mais. É o som de uma conspiração de robôs, metálico, estilhaçante, devastador. Ainda nem gravaram disco. No meio de uma indústria da música que privilegia o bom comportamento, são a voz da delinqüência terminal. Guardo sua camiseta como um troféu de caça.

JORGE DEGAS & MARCELO SALAZAR

Uma dupla instrumental, longe do convencional. Por *Alexandre Dines*

Foto Alexandre Santana

Da esquerda: Marcelo Degas e Jorge Salazar

Imaginem dois amigos que toquem juntos desde a adolescência. Então, um dia, em meio a uma *jam session*, eles olham um para o outro, assustados com o entrosamento que alcançaram: percebem que estão criando uma nova concepção na música e em seus instrumentos.

Assim nasceu a dupla Jorge Degas (baixo) e Marcelo Salazar (percussão). Resolveram fazer uma interrupção no trabalho, como músicos de estúdio, e registrar sua incomum parceria no disco indepedente *União*.

Mas os caminhos que percorreram poderiam até ter evitado esse encontro necessário. Jorge Degas é negro, de uma família pobre de Petrópolis, aprendeu a tocar violão sozinho e até trabalhou como copeiro para pagar seus estudos de música. Deu "canjas" em gafieiras e tocou com grupos amadores — foi em um deles que conheceu Marcelo — até começar a trabalhar com gente como Paulo Moura, Marcos Rezende e Alceu Valença. Hoje, Jorge manipula o baixo com o desembaraço do funk americano, e chega a batucá-lo como um atabaque dos terreiros de macumba que freqüentava.

Para Marcelo Salazar, nascido na classe média de Copacabana, as coisas foram mais fáceis. Apaixonou-se pela percussão em um show do cantor Ritchie Havens e ouvindo discos do Santana. Trabalhou, também, com cantores famosos e com o grupo americano Odissey. Curte rock e o jazz das *big bands*, e tempera seus tambores com uma pitada de rumba ou salsa.

No disco estão presentes todas essas influências e mais um pouquinho de rock progressivo, além da presença de Jacquinho Morelembaum (violoncelo elétrico) e mais vinte músicos participantes. Na opinião da dupla, o som é completamente diferente do jazz atual e da MPB instrumental. "Nada de solos excessivos e monótonos", diz Marcelo. "Em nossos shows o público sente a sinceridade dessa música dinâmica e instigante, tanto nos duetos — totalmente improvisados — quanto nas composições tocadas em grupo."

As baladas de sax e violão, os experimentos com o *cello* elétrico, uma irresistível salsa e os muitos duetos de *União* comprovam essa busca de novos horizontes musicais.

ARNALDO BRANDÃO & HANÓI-HANÓI

A. C. Miguel apresenta o power trio carioca

Foto Maurício Valladares

Da esquerda: Pena, Arnaldo e Afonso

Com "Garota do Ano", o superbaixista e vocalista Arnaldo Brandão voltou aos ares radiofônicos e partiu para a concepção do grupo Hanói-Hanói. Veterano roqueiro da cena carioca, Brandão era do lendário The Bubbles, depois A Bolha, no início dos anos 70. Mais recentemente, participou da Outra Banda da Terra, de Caetano, e formou o Brylho — que estourou em 83, com um álbum pela WEA. Eles tinham tudo para realmente brilhar mas, segundo Arnaldo, "o ego de cada um inflou demais e o grupo ficou pequeno para tantas estrelas". No início de 85, o Brylho ainda colocou uma faixa na coletânea *Rock In Brazil* (RCA), mas o clima não era dos melhores e eles se separaram. Amigavelmente.

Só, com um repertório quente nas mãos — em parceria com o poeta e "videólogo" Tavinho Paes —, Arnaldo passou o Carnaval trancado em casa e gravou uma fita *demo*. O resultado agradou o produtor Guti Brandão, que descolou um contrato-solo na RCA. Daí o lançamento de "Garota do Ano" — música que ficou seis meses presa na "Nova" Censura.

Enquanto enfrentava os burocratas da censura, Arnaldo recrutava músicos para atacar ao vivo. Depois de alguns testes encontrou o experiente e pesado Pena (ex-Herva Doce) e o ótimo e desconhecido guitarrista Afonso.

O som do Hanói-Hanói, mais para o *power-trio*, mas com algumas pitadas do balanço negro, tem conquistado adeptos.

Não podemos nos esquecer da eminência parda ou o quarto membro da banda, Tavinho Paes, que se autodefine como "um elemento branco, que não toca nada, não pinta no palco, ficando mesmo com a má influência do grupo". Ironias à parte, Tavinho é figura decisiva no conceito do Hanói, não só pelas letras espertas e fulminantes, como também nos *releases* e na direção dos shows e vídeos.

Com tudo em cima, só falta os executivos da RCA abrirem os estúdios. Na seqüência, até o final do ano, deve chegar o LP *Arnaldo Brandão & Hanói-Hanói*, com preciosidades como "Partido Verde Alemão", "Renascença Rock", "Os Brotos Também Amam", e "Bonsucesso'68".

LED ZEPPELIN

STAIRWAY TO HEAVEN

Am Am/G Am G D7/9 F
There's a lady who's sure all that glitters is gold and
F Am
she's buying a stairway to Heaven.
Am Am/G Am G D7/9 F
When she gets there she knows if the stores are all closed
F Am
with a word she can get what she came for
C D F Am C G D
Ooh, ooh, ooh, ooh, and she's buying a stairway to Heaven.
C D F Am
There's a sign on the wall but she wants to be sure
C D F
'cause you know sometimes words have two meanings.
Am Am/G Am G D7/9/F
In a tree by the brook there's a songbird who sings,
F Em/G Am
sometimes all of our thoughts are misgiven.
D Am
Ooh, it makes me wonder,
D Am
Ooh, it makes me wonder.
C G/B Am
There's a feeling I get when I look to the west, and
C G/B F Am
my spirit is crying for leaving
C G/B Am
In my thoughts I have seen rings of smoke through the
C G/B F Am
trees, and the voices of those who stand looking.
D Am
Ooh, it makes me wonder,
D Am
Ooh, it really makes me wonder.
C G/B Am
And it s whispered that soon if we all call the tune,
C G/B F Am
then the piper will lead us to reason
C G/B Am
And a new day will dawn for those who stand long and
C G/B F Am
the forests will echo with laughter.
C G/B Am
If there's bustle in your hedgerow don't be alarmed
C G/B F Am
now, it's just a spring clean for the May Queen.
C G/B Am
Yes, there are two paths you can go by but in the long
C G/B F Am
run there's still time to change the road you're on.
D Am
And it makes me wonder.
C G/B Am
Your head is humming and it won't go, in case you don't
C G/B F Am
know, the piper's calling you to join him,
C G/B Am
Dear lady, can you hear the wind blow, and did you
C G/B F Am
know your stairway lies on the whispering wind.
Am G F Am G F
And as we wind on down the road, our shadows taller than our soul.
Am G F Am G
There walks a lady we all know who shines white light
F Am G F
and wants to show how everything still turns to gold.
Am G F Am G F
And if you listen very hard the tune will come to you at last.
Am G F Am G F
When all are and one is all to be a rock and not to roll.
C G/B Am
And she's buying a stairway to Heaven.

Escreva e envie sugestões de músicas que você gostaria de tocar

Escadaria para o Céu

Uma dama tem certeza de que tudo que reluz é ouro
e ela está comprando uma escadaria até o Céu
Quando chegar lá, ela sabe que —
se as lojas estiverem todas fechadas —
com uma palavra pode conseguir o que veio buscar
E ela está comprando uma escadaria até o Céu

Há uma indicação no muro, mas ela quer ter certeza
pois, como você sabe, às vezes as palavras têm dois sentidos
Em uma árvore, à beira do riacho, há um pássaro cantando
Às vezes todos os nossos pensamentos são mal interpretados
E isso me põe a imaginar

Um sentimento me invade sempre que olho para oeste
e meu espírito anseia pela partida
Em meus pensamentos, tenho visto
anéis de fumaça através das árvores
e as vozes daqueles que assistem e observam
E isso me põe a imaginar

E alguns sussurram que, em breve,
se todos nós evocamos a melodia
então o flautista nos levará à razão
E um novo dia amanhecerá
para aqueles que resistem
e nas florestas as risadas ecoarão

Se algo se mexer no seu canteiro, não se alarme
*É apenas uma nascente límpida para a Rainha de Maio**
Sim, há duas trilhas que você pode tomar
mas, ao longo do percurso, ainda há tempo para mudar de estrada
E isso me põe a imaginar

Sua cabeça está zumbindo e o zumbido não quer passar
Caso você não saiba, é o chamado do flautista
para a ele se juntar
Cara dama, você ouve o vento soprando
e sabe que sua escadaria jaz no vento murmurante?

E enquanto vamos descendo pela estrada
nossas sombras mais altas que nossas almas
Passa uma dama que todos conhecemos
Ela emana luz branca e quer mostrar
como tudo ainda se transforma em ouro

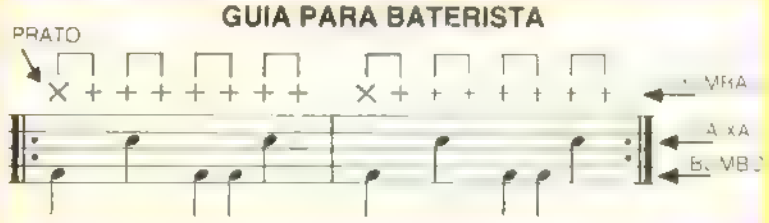
E se você escutar com muita atenção
a melodia finalmente chegará a você
Quando todos são um e o um é todo
Somos uma rocha e não rolamos

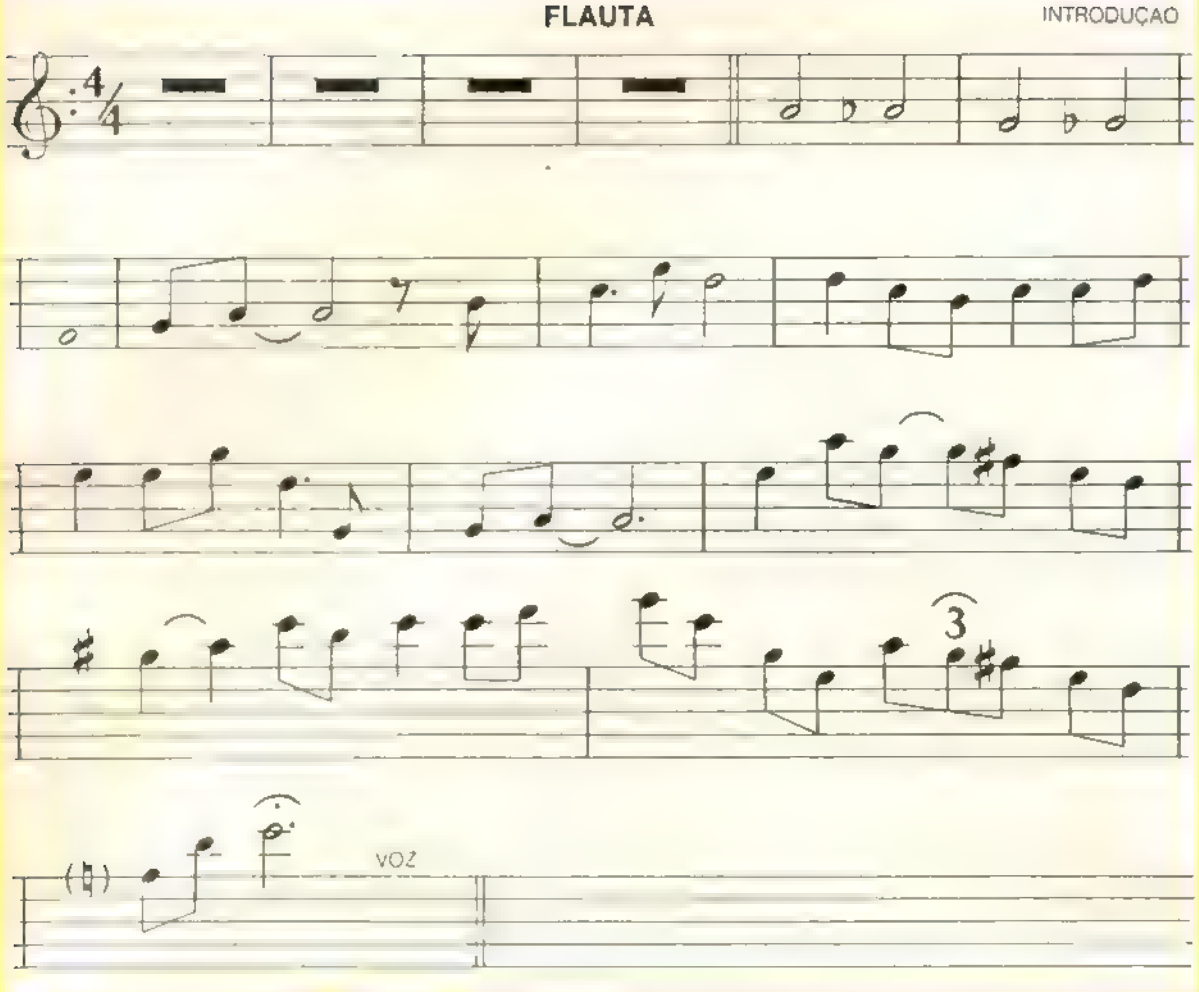
E ela está comprando uma escadaria até o Céu

* Na mitologia celta, a Rainha da Primavera

Semibreve	𝅝	4 tempos	Semicolcheia	𝅘𝅥𝅯	1/4 tempo
Mínima	𝅗𝅥	2 tempos	Fusa	𝅘𝅥𝅰	1/8 tempo
Semínima	♩	1 tempo	Semifusa	𝅘𝅥𝅱	1/16 tempo
Colcheia	♪	1/2 tempo			

GUIA PARA BATERISTA





M = maior
m = menor
♯ = sustenido
♭ = bemol
𝄇 = sinais de repetição
Repita o que estiver entre estes dois sinais

PAUSA - Define a duração do silêncio

Semi breve

Mínima | Semínima

Colcheia | Semi colcheia

Fusa | Semifusa

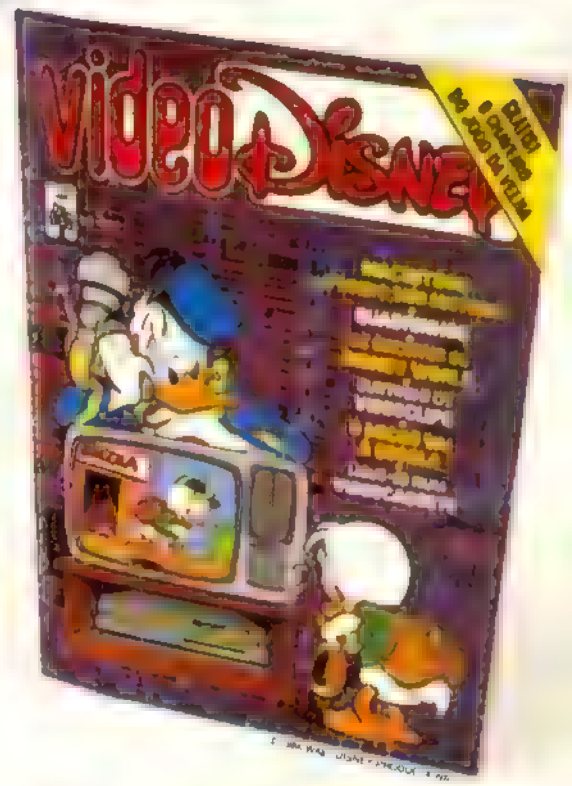
Antigamente a escala musical começava pela nota *lá*. Na convenção usada nestas cifras, a primeira letra corresponde ao *lá* e, assim, sucessivamente

A = lá
B = si
C = dó
D = ré
E = mi
F = fá
G = sol

PENTAGRAMA
É composto de 5 linhas e 4 espaços

CIFRAS	TECLADOS	GUITARRA	BAIXO
Am = Lam			
Am G⁷ = Lam / Sol⁷			
Am G = Lam / Sol			
D⁷⁹ F♯ = Re⁷⁹ / Fa♯			
F = FaM			
Em G = Mim / Sol			
C = DoM			
G B = SolM / Si			
D = ReM			
G = SolM			

COLOQUE ESTE PROGRAMA NA MEMÓRIA!



Vídeo-Disney está incrível e vai deixar você por dentro do que há de mais avançado e atual no mundo dos computadores.

Clube do micro - a maneira de se fazer amigos em qualquer parte do mundo

O micro na escola - um jeitinho revolucionário de ensinar e aprender

O popular Macintosh - um computador fácil de operar, que está fazendo o maior sucesso.

Video-clip - a forma gostosa de se ver e ouvir músic ao mesmo tempo

E mais:
videocassete • o computador estudando a natureza os bastidores do mundo Disney • 2 histórias em quadrinhos

GRÁTIS!

Born in the USA

BRUCE SPRINGSTEEN

Born down in a dead man's town
The first kick I took was when I hit the ground
You end up like a dog that's been beat too much
Till you spend half your life just covering up

refrão
Born in the USA
I was born in the USA
I was born in the USA
Born in the USA

Got in a little hometown jam so they put a rifle in my hand
Sent me off to a foreign land to go and kill the yellow man

(refrão)

Come back home to the refinery
Hiring man says "son if it was up to me"
Went down to see my V.A. man
He said "son don't you understand now

Had a brother at Khe Sahn fighting off the Viet Cong
They're still there, he's all gone
He had a woman he loved in Saigon
I got a picture of him in her arms now

Down in the shadow of the penitentiary
Out by the gas fires of the refinery
I'm ten years burning down the road
Nowhere to run ain't got nowhere to go

(refrão)

I'm a long gone Daddy in the USA

(refrão)

I'm a cool rocking Daddy in the USA

Nascido nos EUA

Nascido numa cidade que só prestava para morto
Levei minha primeira pancada logo quando cai no chão
Você acaba como um cachorro que apanhou demais
Depois passa metade da vida se defendendo

refrão

Nascido nos EUA
Eu nasci nos EUA
Eu nasci nos EUA
Nascido nos EUA

Me meti numa confusão na minha cidade natal,
então me puseram um rifle na mão
Me mandaram para um país estrangeiro para matar os "amarelos"

(refrão)

De volta à refinaria
O capataz me diz: "Filho, se dependesse de mim..."
Fui no departamento de auxílio aos veteranos do Exército
Lá me disseram: "Filho, será que você não entende?"

Tive um irmão que lutou contra os vietcongues em Khe Sahn
Eles ainda estão lá e ele desapareceu
Tinha uma mulher que ele amava em Saigon
Agora eu tenho uma foto dele nos braços dela

Sob a sombra da penitenciária
Lá pelo gás que queima na refinaria
Estou há dez anos me mandando pela estrada
Nenhum lugar para onde correr, nenhum lugar para onde ir

(refrão)

Eu já estou em outra nos EUA

(refrão)

Sou um cara muito maneiro nos EUA

Fique on.

Briansk é uma cidade da Rússia às margens do Desna.
Shapandu também é uma cidade e fica na Birmânia.
Se você conhecia algumas destas cidades, ligue-se mais na Cidade.
Largue das coisas inúteis e module a sua freqüência.
Porque a vida é como dizia o venerável mestre Adub:
Airefirep an uo edadic an acif êcov uo.

RADIO CIDADE
A MAIS FM DE TODAS

6
3
5
4

MODA

VERÃO 85/86

LINHA TEENAGER SANDIZ. NO MAIOR PIQUE.

① *Jardineira em gabardine.*
165.000
Blusa em algodão listrado.
119.000

② *Camisa pólo em malha "Má Companhia".*
59.000
Calça em popelina.
119.000

③ *Blusa em algodão.*
99.000
Minissaia em índigo.
119.000

④ *Camiseta gola careca "Má Companhia".*
54.900
Calça esporte em popelina.
129.000

⑤ *Camiseta pólo em malha piquê.*
99.000
Calça em algodão.
129.000

⑥ *Jardineira em índigo.*
199.000
Camiseta pólo em malha piquê.
69.000

Feito de ser
SANDIZ

São Paulo
(Morumbi Shopping • Augusta • Shopping Center Norte) - Campinas
Rio de Janeiro (Niterói • São Conrado-Fashion Mall)
Brasília (Park Shopping)
Salvador - Porto Alegre

TESTE DO MES

A SEMI-ACÚSTICA DA GIANNINI

Guitarra Giannini AF06 Diamond Stereo — Preço Cr$ 2.800.000, com estojo (agosto/85) — Teste realizado na Casa Manon (SP).

Foto Luizinho Coruja

Quando, falando em guitarras, tocamos especificamente na Gibson 335, podemos traçar uma linha contínua desde os primórdios do rock'n'roll até o atual pop britânico. Chuck Berry, B.B. King, Ten Years After, Alvin Lee, David Byrne (pré-77), Mick Jones (em *Rude Boy*), Johnny Marr (Smiths), jazzistas como John McLaughlin, Heraldo do Monte e vários outros guitarristas menos convictos tiveram em suas mãos essa instituição semi-acústica. Mas que relação tem isso com o nosso teste, quando a maioria deles nunca ouviu falar da nossa "mais conhecida do que querida" Giannini? A guitarra Giannini Diamond Stereo tenta ser — e, pelo menos nos seus contornos externos, consegue — uma cópia da nossa referida Gibson. Em um primeiro exame despreocupado, percebemos a grande distância que separa uma da outra. O acabamento é muito ruim na junção do braço com o corpo, na extremidade onde estão presas as tarraxas para afinação, e pintura e polimento não merecem nenhum comentário — ou melhor, são de segunda ou terceira categoria.

Uma vez "vestida" a guitarra, nota-se que ela é levemente desbalanceada, ou seja, a posição de equilíbrio natural deixa o braço da guitarra apontando para baixo, quando o correto e conveniente é para cima. Para tocar alguns acordes foi preciso perder quase meia hora *tentando* afinar o instrumento, pois, com as cordas que vêm da fábrica, as tarraxas com 1/4 de volta de folga e a má qualidade dos metais (ponte etc.), qualquer coisa além de tentativa era impossível. Aliás, falando dos metais, é bom salientar que se apresentavam opacos e/ou oxidados.

Uma vez obtida a afinação, descobre-se uma qualidade: o braço é bom e agradável e não está empenado, como é costume nos equipamentos nacionais. Cabe, porém, uma pequena ressalva: os trastes foram "envernizados" junto com a madeira da escala.

A Diamond Stereo vem equipada com dois captadores do tipo bobina simples, uma chave de três posições e cinco botões para controle, sendo que os de "tom" atuam de forma invertida à convencional. A saída é feita através de um "jack" estéreo, quando o mais lógico seria usar dois mono.

Quanto à sonoridade, a guitarra desligada soa bem e isso é importante para quem mora em apartamento. Ligada, ela é compatível com o resto do instrumento e apresentou, mesmo com volume baixo, tendência para microfonia.

Como foi dito no início, a Diamond tenta ser uma cópia da 335 e, pelo menos nos contornos, o consegue — desde que vista de bem longe. Lembre-se que nos EUA, hoje em dia, por mais ou menos 300 dólares é possível comprar uma guitarra profissional de primeira linha, como a Ibanez Roadstar ou a Fender Squier. Isso sem falar no mercado de segunda mão.

De qualquer forma, a Giannini continua sendo a maior fábrica de instrumentos nacionais, apesar da Diamond. *M.B*

Miguel Barella é guitarrista com o grupo Voluntários da Pátria e produtor de discos

LANÇAMENTO

TOCA-DISCOS GRADIENTE

A Gradiente chega com toda a força ao mercado neste segundo semestre. A idéia do empresário Eugênio Staub é continuar merecendo a atenção de mais de 60% dos consumidores brasileiros e — pasmem — mexicanos, além de avançar no terreno da informática com um computador pessoal, que lançará em breve. Entre um bom punhado de equipamentos previsto para o período, uma das estrelas inequívocas — pelo menos para os consumidores de som de alta qualidade — é o toca-discos RP-II, um *bólido* que tranquilamente ultrapassará a dicotomia disco convencional versus disco laser.

Para começar, ele usa uma cápsula fonocaptadora (o componente que circunda a agulha) do tipo *moving coil*. É uma das mais recentes inovações, pelo menos em termos de grande consumo, no exterior. A fidelidade é extremamente alta, só perdendo, claro, para o laser. Mas isso ainda não é nada. Para que o disco rode em condições absolutamente perfeitas, o equipamento conta com um prumo mecânico de bolhas flutuantes. Através delas é possível deixar o RP-II nivelado em relação ao solo. O braço e o prato têm chassis flutuantes e o eixo do prato, em funcionamento, passa a nadar em óleo, de forma a acabar com os atritos.

Tudo isso tem um único motivo: evitar que o som dos alto-falantes faça vibrar o toca-discos e gere um tipo de distorção conhecido como realimentação acústica. Ainda para cortar os sons estranhos das reproduções, a transmissão de velocidade entre motor e prato é feita por correia. A atitude permite também que as oscilações de velocidade sejam minimizadas.

Ninguém fala por enquanto em preço, mas é quase certo que será a opção mais cara do mercado. Isso, porém, só se vai saber a partir deste mês, quando as lojas já estiverem abastecidas. *M.B*

Maurício Bonas é editor-assistente da Folha Informática

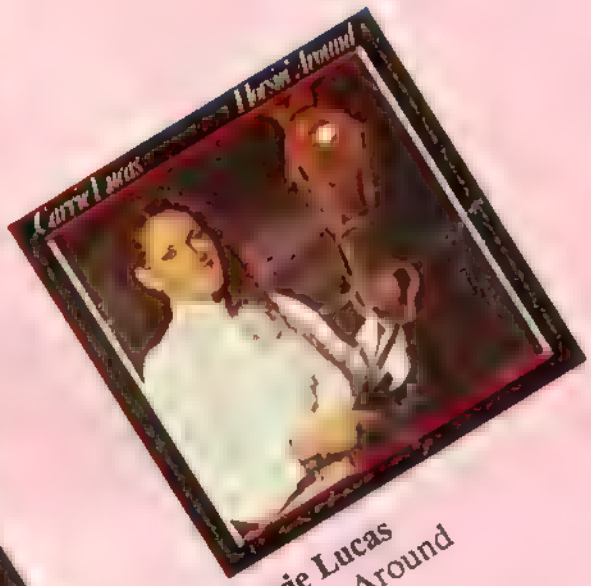
Foto de divulgação

Top Tape

LANÇAMENTOS

Lakeside
Outrageous

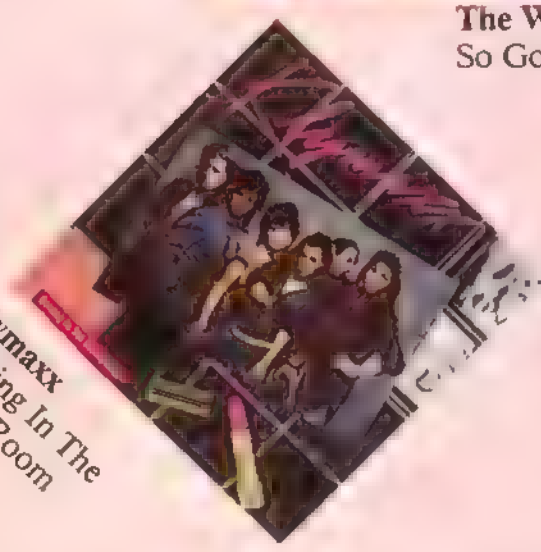
Indústria do Rock
Vários grupos



Carrie Lucas
Horsin' Around

The Whispers
So Good

The Deele
Material Thangz



Klymaxx
Meeting In The Ladies Room

AGUARDE!

LPs do GRAFITE e O ESPÍRITO DA COISA.

Top Tape/Amazon Empreend. Musicais Ltda.
Rua Alice, 121 - Laranjeiras - Cep 22241 - Tels. (021) 205-5552/265-4960 - Telex: (21) 23923 AEML BR

Pat e Gibson — a mesma há 16 anos — atingem a simbiose

Foto Cláudia Dantas

PAT METHENY

"O jazz é a individualidade"

Pat Metheny está triste. Você quase não consegue perceber essa tristeza, oculta detrás da saudável pele recém-bronzeada que emoldura duas águas-marinhas que os mortais preferem chamar de olhos azuis. Debaixo dos sorrisos que celebram as duas horas e meia de show na noite anterior, para uma platéia extasiada que lotou o teatro do Hotel Nacional, no Rio, esconde-se uma ponta amarga de ressentimento que só fica visível à medida que Pat se aquece em seu assunto favorito: jazz.

"Nos Estados Unidos o jazz está passando por seu pior momento", lamenta Pat num bar de beira de piscina. "Se você parar as pessoas na rua e perguntar quem é Miles Davis, quase ninguém vai conseguir responder. Um dos grandes culpados por isso é Ronald Reagan, porque ele cortou todo o apoio financeiro às estações de rádio que tocavam música alternativa. E a atmosfera lá está muito conservadora. Hoje em dia eu não consigo sacar em que tipo de coisas se liga a garotada que é 10, 15 anos mais moça que eu. Tudo o que eles querem é emprego, segurança, casamento. E o jazz é o oposto disso. O jazz é a individualidade da expressão."

Quem assistisse aos shows de Pat durante o Free Jazz Festival engoliria com bastante relutância essas afirmações, porque naquelas noites o jazz esteve muitíssimo bem, obrigado. E Pat, especialmente, melhor ainda. No palco, Pat despejava límpidos improvisos dedilhados sobre a riqueza harmônica que confessadamente emprestou da música popular brasileira e reiterava sua posição como um dos mais talentosos e pessoais guitarristas da atual safra jazzística. Curvado sobre a Gibson que o acompanha há 16 anos, Pat parecia imerso numa simbiose rara com a guitarra. Por vezes, ele e o instrumento pareciam conversar. Talvez conversassem sobre trompetes. Trompetes?!!?

"Quando eu era garoto, o grande barato em Kansas City, onde eu morava, era bebop", explica Pat. "Havia uma cena jazz bastante ativa, mas não existia um só guitarrista na cidade; o negócio era só trios liderados por organistas e metais."

"Então, quando eu tinha uns 11 anos, comecei a tocar trompete Mas eu usava aparelho nos dentes e doía quando tocava. Por outro lado, naquela época (67/68) a guitarra tinha adquirido uma posição cultural que me atraía. Passar para a guitarra acabou sendo uma coisa quase que instintiva, pois eu nunca tive um grande amor pela guitarra e sim pela música. A guitarra apenas me pareceu ser o veículo certo para esse amor."

Alimentado numa gorda dieta jazzística cujo cardápio incluia fartas porções de John Coltrane, Ornette Coleman e Charlie Parker, Pat acabaria sendo influenciado por — enfim — guitarristas. "Não existe um músico que possa negar a importância de três guitarristas — Django Reinhardt, Charlie Christian e Jimi Hendrix. Estes foram os grandes desbravadores do instrumento: Django foi o primeiro a improvisar, Charlie foi o primeiro a usar bem um instrumento elétrico e Hendrix... Hendrix elevou a guitarra a um outro platô de possibilidades sonoras."

"Mas os guitarristas que mais me influenciaram foram Wes Montgomery e Jim Hall — tudo que eu toco pode ser ligado diretamente aos discos de qualquer um deles."

A música brasileira também entra na receita dos discos e shows de Pat, "porque existem tantos paralelos entre a música brasileira e a música americana. E acaba sendo uma rua de mão dupla — é tão natural para mim ou para outros artistas de jazz tocar música brasileira quanto é para artistas brasileiros tocar jazz americano. Por isso, também, não posso dizer que sou influenciado por música brasileira porque ela não é estrangeira para mim. A maioria da música brasileira que me agrada é fortemente influenciada pelo jazz americano, de uma forma ou de outra".

Atualmente a carreira de Pat está passando por uma sucessão de picos. Cada vez mais requisitado para compor trilhas de filmes — o último e mais bem-sucedido trabalho nesta área foi a faixa "This Is Not America", que compôs com David Bowie para o filme *Falcon and the Snowman* — Pat também saboreia as vantagens do *crossover* (ou seja, faz jazz mas também atinge um público não-jazzista, mais amplo).

JER.

FICHA TÉCNICA

TRINTA GUITARRAS, SEM PEDAIS

Quando começou sua carreira, Pat Metheny tinha apenas dois instrumentos — uma Gibson ES 175 que comprou por 400 dólares aos 14 anos e um violão de 12 cordas. Mas seu arsenal cresceu e hoje inclui mais de 30 guitarras. Entre elas, três guitar synths *da Roland e um monte de violões Ovation e Tasco.*

Pat não usa pedais e prefere "espalhar o som" de suas guitarras e violões com delays *digitais. Seus amplificadores são Acoustic 134 e Yamaha C-100.*

PROMOÇÃO

RESPONDA RÁPIDO PARA GANHAR

A revista Bizz nº 3 continua distribuindo 1.000 LPs, em conjunto com as gravadoras Odeon, Polygram, WEA, RCA, CBS e Top Tape. Serão premiadas, com um LP cada, as primeiras 1.000 cartas que chegarem à redação de Bizz com a resposta correta para a pergunta referente ao LP escolhido. Um detalhe importante: é a data do dia em que foi postada a carta que determinará sua premiação, e não sua chegada à redação.
Por isso, o negócio é mandar a sua o mais rápido possível. Escolha o LP que você quer ganhar, preencha ou copie o cupom abaixo e dê uma corridinha até o correio.

REGULAMENTO

1 - Escolha o disco que você quer ganhar
2 - Responda a pergunta correspondente e codifique seu cupom
3 - Faça apenas um pedido por cupom

1. Apontados como um dos mais fortes representantes da nova geração de independentes ingleses, o *New Model Army* finalmente chega ao Brasil com o LP **No Rest for the Wicked** (EMI-Odeon). A pergunta é: qual o nome do vocalista e guitarrista da banda? (150 LPs)

2. Um dos maiores sucessos na apresentação para o Live Aid de Londres, **Bryan Ferry** dá continuidade à sua carreira solo com o LP *Boys and Girls* (Polygram). Qual o nome da banda que Bryan liderou entre 72 e 82?
(200 LPs)

3. Com capa neopsicodélica e tudo, **Lulu Santos** volta a carga com seu novo LP *Normal* (WEA). Uma perguntinha fácil: qual o grupo em que Lulu tocou nos anos 70, e do qual também participaram Ritchie e Lobão? (150 LPs)

4. Quem andou sumida e agora reaparece nas lojas de disco é a gatona **Carly Simon**, com seu LP batizado de "Menina Mimada", quer dizer, *Spoiled Girl* (CBS). Qual o nome do famoso cantor e compositor com quem Carly foi casada durante um bom tempo? (150 LPs)

5. O filme *Perfect* - estrelado por John Travolta e a nova sex-symbol Jamie Lee Curtis - já atraiu mais de um milhão de espectadores só nos EUA. E sua trilha sonora (RCA) traz nomes conhecidos como Wham!, Pointer Sisters e Thompson Twins. Quais são os nomes dos rapazes que integram o Wham?
(150 LPs)

CAPA
EM
PRODUÇÃO

6. *Indústria do Rock* (Top Tape) é um LP que réune faixas de dez novas bandas do Rio de Janeiro. Tecno-pop de ponta a ponta, incluindo até uma versão de uma música de Eric Clapton. Qual grupo é responsável por ela?
(200 LPs)

Neste espaço você coloca o número referente ao LP que deseja ganhar. ☐ Edição nº 3

Resposta: _____

Você já participou de alguma promoção da revista Bizz? ☐ Sim ☐ Não

Nome ☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐

Endereço ☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐

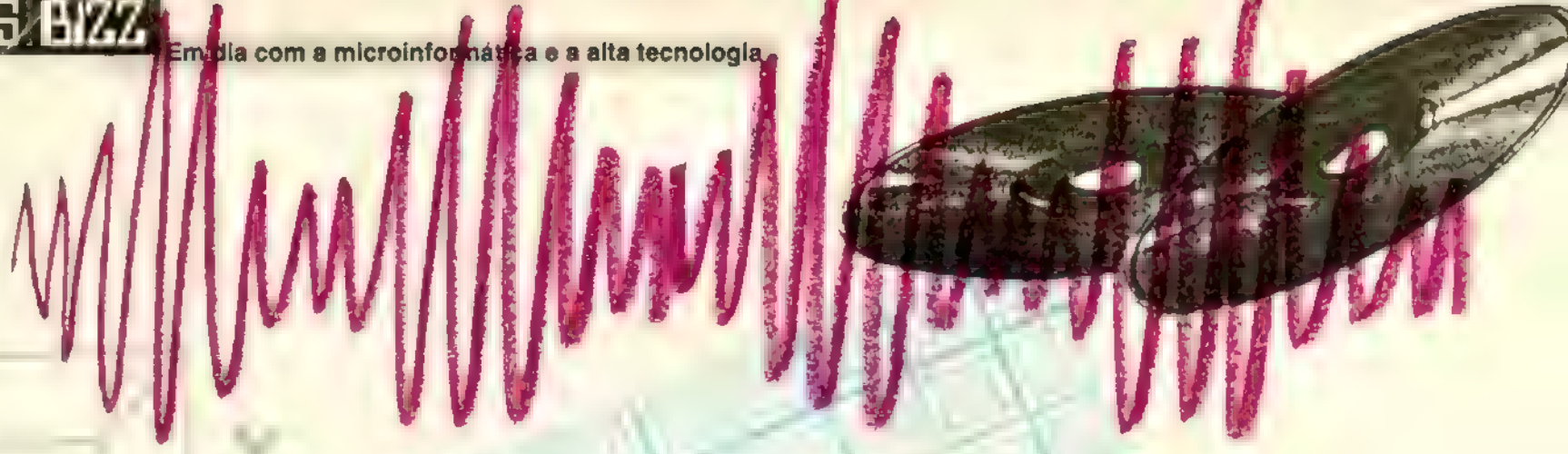
Cidade ☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐ Estado ☐☐ CEP ☐☐☐☐☐☐ Sexo ☐

Telefone ☐☐☐☐☐☐☐ Bairro ☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐ Idade ☐☐

Envie para

BIZZ

"RESPONDA RÁPIDO PARA GANHAR" – BIZZ Nº 3
CAIXA POSTAL 2372
SÃO PAULO - SP



O som digital e as imagens do futuro

O arranjador americano Nelson Riddle, que já trabalhou com Frank Sinatra e mais recentemente com a ex-roqueira Linda Ronstadt, pode não fazer a sua cabeça. Mas um disco gravado recentemente por ele na Inglaterra, vai com certeza deixar todo mundo boquiaberto.

É o primeiro disco a utilizar do começo ao fim as novas possibilidades abertas pela microinformática. *Blue Skies* foi gravado, mixado, editado e teve sua fita *master* feita digitalmente. Ou seja: o som, traduzido em forma digital no estágio de gravação, só reaparece como um sinal de áudio reconhecível quando tocado no aparelho de disco digital a laser, em casa.

A palavra digital se refere à maneira como o som é armazenado. A maneira tradicional de gravar copia a forma da onda sonora, enquanto que a gravação digital reduz os sons ao código binário.

O código binário é a base de toda linguagem de computação. Os *zeros* e *uns* que formam o código são transferidos para um *compact disc*. O disco gira em alta velocidade e é lido por um feixe de laser. Os dados extraídos a partir desta leitura entram num microprocessador, que traduz o sinal em som. O efeito dá de dez a zero nos discos convencionais. Nada de chiados e perturbações de freqüência, conhecidas como *wow* e *flutter*.

Tecnovisual

O avanço tecnológico está também entrando por nossos olhos. Mais um pouco e a gente vai poder ver clips em três dimensões. O responsável por isto é um processo chamado holografia, que produz imagens tridimensionais no espaço, sem papel ou tela, com grande fidelidade. Você mexe a cabeça e a perspectiva muda da mesma maneira que mudaria na realidade.

Os mais avançados no processo são os soviéticos. Foram eles que deixaram os londrinos alucinados com uma exposição feita em julho no Trocadero. Mais de cem objetos de arte do museu Hermitage, um dos maiores e mais importantes do mundo. Tudo tão perfeito que um visitante, visivelmente chateado, perguntou a um guarda, na saída: "Eu vi os objetos. Mas onde estão os hologramas?"

O que pode causar surpresa, nesta era informática, é que a holografia ainda é um processo completamente ótico. O objeto é iluminado com luz coerente. Ou seja, uma luz na qual todas as ondas coincidem, como no laser. Uma chapa fotográfica recebe a luz refletida do objeto e ainda a luz direta de outras fontes de iluminação. Na próxima etapa, a luz refletida do objeto alcança a chapa fotográfica por um caminho mais longo que a luz que incide sobre ele. Dependendo da forma e da distância das partes diferentes do objeto, a luz refletida chega mais ou menos junto com a luz incidente, causando uma diversidade de padrões.

Madonna em 3 D

Complicado? Já estamos chegando ao final da história. Estes padrões, gravados fielmente na profundidade da emulsão da chapa fotográfica, formam na verdade uma codificação de formas únicas ao objeto. Quando a luz passa através da emulsão processada, o padrão microscópico de densidades diferentes recria as formas originais do objeto visto de qualquer ângulo. O que aparece para a gente é uma imagem em três dimensões.

Agora imagine Madonna em "Like a Virgin" em holografia. E boa viagem.

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard da Silvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Loriggio, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BIZZ

Diretor-Gerente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO

Chefe de Redação: José Eduardo Mendonça

Editor: José Emilio Rondeau

Consultor Especial José Augusto Lemos

Secretário de Redação Roberto Wagner Pereira Perucci

Repórter: Luisa de Oliveira

Chefe de Arte Cristina Canabrava Arruda; **Chefe de Paginação** Rodolfo Tucci; **Diagramador** Cleber V. Garcia

Produtor de Texto: Jorge Toth

Assistentes de Promoções. Ana Lucia Dip Delion, Sônia Maia

Colaboradores - Texto: Alex Antunes, Alexandre Dines, Ana Maria Bahiana, Antonio Carlos Miguel, Bia Abramo, Carla Guido, Leopoldo Rey, Marcelo Tas, Marco Antônio de Menezes (New York), Marcos Smirkoff, Mauricio Bonas, Miguel Barella, Ormuzd Alves (Londres), Pepe Escobar, Silvano Michelino (Paris), Tom Leão, Willy Verdaguer; **Fotos:** Alexandre Santana, Ângelo Pastorello, Claudia Dantas, Geraldo Luis Gomes, Maurício Valladares, Rui Mendes

SERVIÇOS EDITORIAIS

Abril Press - Gerente Miriam Milioni. **Escritórios - Milão:** Laura Censi, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone 02 54-56331 e 54 56212-20122, Milano, Telex. 331585 e 332809 **Nova York** Odilo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex. 237670, Phone: (212) 5990/5993. **Paris:** Pedro de Souza, 33, av. Champs Elysées, 2 º Bureaux 213 bis 214, Paris 74008 Phone 225-5865, Telex 660731F **Departamento de Documentação - Gerente:** Auta Rojas Barreto **Serviços Fotográficos - Gerente:** Pedro Martinelli

Gerente Comercial Sandra Cameher **Gerente de Publicidade** Carlos Alberto F. de Araujo **Representantes** Ricardo Corte Real, Marcia A. de Andrade **Coordenadora de Publicidade** Rosângela Garcia de Souza Lima **Rio - Gerente** Getulio T. Batista, **Representante:** Raimundo Maia **Belo Horizonte:** Valter Cruz Gonçalves **Brasília:** Gilberto Amaral de Sá **Curitiba.** Ângelo A. Costi **Florianópolis** Geraldo Nelson de Azevedo **Fortaleza:** Alcys o Canetti Filho **Porto Alegre** Ecanho Engel **Recife** Edmilson R. Oliveira **Salvador** Fernando Loureiro **Gerente de Anuncios para Terceiros** Vitório Costaroli Filho **Diretor de Propaganda:** Roberto Pedroso **Diretor Administrativo** Pedro Frazão

EDITORA ABRIL

Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines **Diretor de Marketing Publicitário:** Julio Cosi Jr. **Gerente de Promoção e Venda de Espaço:** Haydée Gomes Guerson **Diretora de Pesquisa e Analise de Mercado:** Sonia Novinsky **Diretor Adjunto de Circulação:** Roberto Galvane **Diretor do Escritório Brasília.** Luiz Edgar P. Tostes **Diretor do Escritório Rio de Janeiro:** Sebastião Martins **Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais** Dreyfus Soares

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

BIZZ é uma publicação da Editora Abril S.A. **São Paulo - Redação Publicidade e Correspondência:** r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, tel. (011) 545-8122, Telex (011) 23227, 23322 e 24134, Caixa Postal 2372, Telegramas Editabril-Abrilpress **Administração:** r. Jaguaretê, 213, CEP 02515, tel. (011) 858-45... **Escritórios - Belo Horizonte** r. Amores, 369, 2º andar, salas 201 a 208, CEP 30..., tel. (031) 224-4855, Telex (031) 1085 **Brasília** S.... Quadra 1, Bloco I, nº 30, Edifício Centra..., 12º e 13º andares, CEP 70304, tel. (061) 224-9150, Telex (061) 1464, Telegramas Abrilpress **Curitiba** r. Fernandes de Barros, 491, 2º andar, salas 35 e 36, CEP 80000, tel. (041) 262-5832, Telex (041) 5278 **Florianópolis** av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, sala 101, CEP 88000, tel. (0482) 22-7826 **Fortaleza:** av. Santos Dumont, 560, salas 506 e 508, CEP 60000, tel. (085) 224-0410, Telex (085) 1607 **Porto Alegre** av. Getulio Vargas, 774, 3º andar, salas 301 a 308, CEP 90000, tel. (0512) 33-2899, Telex (051) 1092 Telegramas Abrilpress **Recife,** av. Dantas Barreto, 1186, 9º andar, salas 903 e 904, CEP 50000, tel. (081) 224-0977, Telex (081) 1184 **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 295-5282, Telex (021) 22674, Telegramas Editabril-Abrilpress **Salvador:** r. Itabuna, 304, CEP 40000, tel. (071) 247-3999, Telex (071) 1180 **Distribuidor em Portugal** Distribuidora Jardim de Publicações Lda. Quinta Paul Varais Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Data desta edição: 03-10-85. **Numeros atrasados:** ao preço da última edição em banca por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio Caixa Postal 6071, São Paulo. Todos os direitos reservados. Distribuida com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural São Paulo

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Foto Estudio Abril

ELVIS PRESLEY
THE SUN SESSIONS (1954-55)

Como quase tudo no rock'n'roll, é uma história cercada de lenda. Sam Phillips, dono de uma gravadora em Memphis, queria "encontrar um branco com o som e o sentimento de um negro, para ganhar um milhão de dólares". Elvis Presley, um jovem aspirante a cantor, queria ter o melhor carro da cidade. O encontro dos dois assumiria uma dimensão mitológica. Mas não aconteceu facilmente. Tudo começou numa tarde do verão de 1953. Elvis, 18 anos, chofer de uma firma de artigos elétricos, estacionou a camionete da companhia na sua hora de almoço em frente da Memphis Recording Service, uma subsidiária da gravadora Sun, de Sam Phillips. Ali, pagando quatro dólares, qualquer um podia gravar qualquer coisa num disco de acetato de dez polegadas. Quem cuidava do serviço para Sam era Marian Keisker, ex-Miss Rádio de Memphis, que ficou impressionada com a voz de Elvis. Marian pegou o endereço e o telefone do rapaz. E o recomendou vivamente ao patrão, que acabou ouvindo Elvis. Os sentimentos de Phillips em relação a Elvis eram ambivalentes. Acreditava no seu potencial, mas não conseguia acertar com ele. Apresentou-o ao guitarrista Scotty Moore e ao baixista Bill Black e fez que iniciassem um verdadeiro laboratório Presley. Finalmente, foi marcada uma sessão para 5 de julho de 1954. Corria tudo morno, como de costume, até que, num dos intervalos, Elvis começou a brincar com uma versão envenenada de um blues de Arthur 'Big Boy' Crudup, "That's All Right (Mama)". Sam sentiu aquele estalo e gritou da cabine: "Que é que vocês estão fazendo?" Um dos músicos respondeu: "Sei lá..." Sam ordenou: "Então descubram. Vamos rodar de novo!" O resultado foi o que um rockrítico definiu como "a Pedra da Roseta do rock'n'roll".

A associação de Elvis com Sam Phillips durou 16 meses, até novembro de 1955, quando a Sun Records vendeu o cantor para a RCA por 40 mil dólares. Sam não conseguiu o seu milhão de dólares, mas teve a glória de figurar no centro de uma verdadeira revolução *cultural*.

Já Elvis, com as luvas do contrato, comprou o primeiro de uma frota de Cadillacs. Desta breve e insólita colaboração nasceu este punhado de canções que a RCA, muito tempo depois, reuniria num LP com o título de *The Sun Sessions*. Está tudo ali. A fusão ideal das duas grandes correntes sonoras — a branca e a negra, o *country & western* e o *rhythm & blues* — num estilo único, o rock'n'roll. Estão ali o Elvis roqueiro, o Elvis caipira e o Elvis pop, o cantor romântico, às vezes até meloso, que arrebatava os corações carentes de todas as latitudes, de todas as idades. É curioso ouvir, numa canção como "I'm Left, You're Right, She's Gone", os Beatles dos primeiros tempos; é intrigante captar, em "I'll Never Let You Go", a sensibilidade vocal lancinante do Lennon da fase pós-Beatles.

Como escreveu Albert Goldman, "20 anos antes, os músicos de jazz estavam fazendo o mesmo truque, tocando canções da maneira convencional e depois improvisando sobre elas. Vinte ou trinta anos antes do swing, o truque era o *ragtime*. O que Elvis fez nas sessões da Sun foi repetir instintivamente aquele processo de inovar a música recarregando o seu ritmo de um modo que tem caracterizado cada revolução estilística na história da música popular do século vinte. É isso que dá às *sessões* da Sun sua qualidade arquetípica".

Uma faixa resume particularmente a vitalidade deste som que marcaria a nossa época. É "Good Rockin' Tonight", com o baixo na marcação do *boogie* e a guitarra já saindo de suas funções meramente rítmicas para se alçar aos solos que alucinariam toda uma geração, enquanto Elvis faz o anúncio: "*Well, I heard the news, there's good rockin' tonight!*"

Roberto Muggiati

PARA UMA CHACOALHADA NA INDÚSTRIA

PEPE ESCOBAR

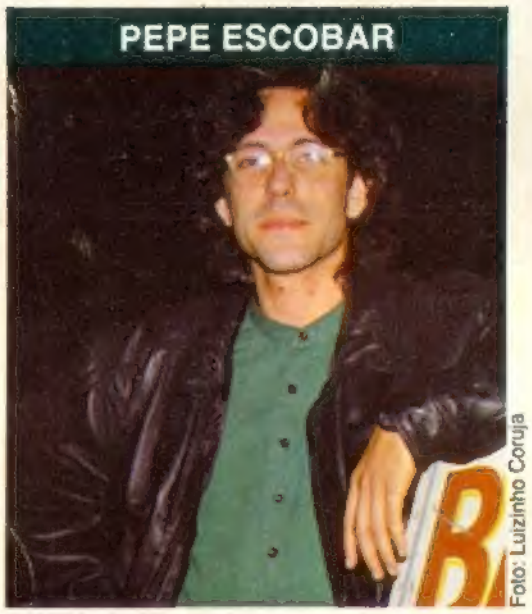


Foto: Luizinho Coruja

"Cronologicamente, em termos de rock mundial, estamos ainda na fase Beatles 62"

Na avenida São João, no Centro de São Paulo, existe uma lojinha de 3 2 m vendendo discos quase no meio da rua. Há um ano, mais ou menos, eu estava lá fazendo uma gravação. Colocava alguns vinis e perguntava aos incautos passantes o que achavam. Um verdadeiro Ibope pessoal no Centrão. De repente, enfiei um LP do Alien Sex Fiend, os infernais psicogóticos ingleses. Tumulto? Rejeição, como se fossem leprosos? Nada disso. Opinião geral, entre office-boys, auxiliares de escritório, homens de negócios, desocupados: "Ô meu, esse som é o maior barato". "Compraria, se saísse no Brasil?" "Compraria, se tivesse a grana em cima."

Conclusão, em mais uma experiência de campo. No Brasil, o que toca vende. Qualquer coisa. É só ter promoção adequada. O argumento do "não tem público" só se adapta aos lacaios da mediocridade.

O Brasil é o sexto mercado internacional da música, o que não é pouco. Cronologicamente, em termos de rock mundial, estamos na fase Beatles 62. O que interessa, sempre, é a lógica da indústria do entretenimento. No caso, trata-se de vender um produto descartável, de lucro fácil, para uma audiência que não tem muitas chances de exercer controle de qualidade. Afinal, esteve muda por quase duas décadas, *manu militari*.

A lógica do sistema — em si — não vai implodir, pois funciona dessa maneira em todas as suas frentes, no mundo capitalista. O que pode ser trabalhado são as fissuras. Primeira delas: a conquista de espaço no rádio. A pirataria é a melhor solução, mas ainda é incipiente no Brasil. Outra frente já começa a se desdobrar: a conquista de espaço dentro do próprio sistema estabelecido. A Rádio Fluminense, no Rio, foi o caso pioneiro, abrindo os ouvidos para outros sons planetários. Em São Paulo, no interior do Estado, aparecem programas que mostram o interdito, os sons escolhidos da época. Na frente da gravação o problema é mais sério porque envolve muito mais capital. Pelo menos já se configura um esboço de nova geração de produtores musicais. Sua dificuldade é conseguir trabalhar e mudar as condições de produção e o som considerado "padrão" dentro do próprio sistema.

Uma das principais fissuras pode começar a ser trabalhada com sucesso. Trata-se da extinção de um fenômeno circunstancial: a subcultura das danceterias. Elas foram montadas para gerar lucro rápido em cima da popularidade fugaz de algumas bandas. As danceterias não se constituíram como um circuito noturno confiável. Isso é o que pode começar a acontecer a partir de agora.

O ponto X da questão é formar um pequeno, porém sólido, circuito com alguns clubes, bares e salas de espetáculos, onde as pessoas — bem acomodadas, como fazem questão — possam assistir a shows nacionais e internacionais de várias tendências. Nesse mercado só cabem profissionais. Já será o começo para uma eventual — se possível — mudança de mentalidade dentro da indústria. A maioria absoluta dos que sobrevivem da indústria é antiprofissional. Isso inclui ditos ou autodenominados "músicos" e "estrelas", que jamais admitem crítica de conteúdo de seus trabalhos. Permanecem, intelectualmente, em estágio pré-civilizatório, desviando qualquer crítica para o personalismo. No Brasil — como já pude recomprovar *n* vezes — existe uma impossibilidade total para a crítica de conteúdo.

Muito bem. Quem é que está fazendo alguma coisa? Roberto Medina — por vias tortas ou não — foi o primeiro a enquadrar o Brasil no mapa do rock mundial (embora o concerto tenha sido desprezado em muitos círculos musicais do exterior, porque só trouxe monstros sagrados ou velharias. Mas tinha que ser assim mesmo). Já pensa em seu Rock In Algum Lugar (Rio ou São Paulo), para junho de 86, com um nível qualitativo superior. Os promotores do Latitude 3001, em São Paulo, tentam se lançar no mercado com uma excursão de Nina Hagen por várias cidades brasileiras. Confirmado o lucro e a competência da organização, estão prontos para trazer bandas mais significativas. Roberto Maksoud, no 150, em São Paulo, tem condições de abrir o espaço para gente que já tem público garantido e alta qualidade como Tom Waits, Working Week, Alison Moyet, Everything but the Girl, e também várias feras do blues (vide o sucesso dos possessos Buddy Guy e Junior Wells). José Vitor Oliva poderia ter feito alguma coisa com sua danceteria Pool, mas não fez nada. Lucrou e vendeu. Assim não dá. Manoel Poladian, que poderia trazer bandas de alta qualidade, fica contratando qualquer excursãozinha para um lucro também fácil.

Os promotores precisam se conscientizar que a demanda por bandas de qualidade existe. Tanto brasileiras quanto estrangeiras. A chacoalhada no mercado também tem de partir de quem se aproveita desse mercado. Só assim é possível a fertilização da garotada local — pela presença de artistas-chave na música contemporânea e a seleção natural entre os que surgiram na nova safra brasileira. Tudo isso envolve um problema sério, leitor. Quem decide o que você ouve? Escreva para nós dizendo quem você quer que venha tocar no Brasil.

MÊS QUE VEM NA BIZZ
TEM: O ROCK QUE ROLA NO JAPÃO * UMA FESTA PARA OS 20 ANOS DE CARREIRA DE *GILBERTO GIL* ∅ TODA A ELEGÂNCIA DE *SADE* ~ OS PREMIADOS DA MTV

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

GAÚCHOS

Já que vocês entraram na roda com esta revista é hora de acabar com a descentralização. Vocês têm correspondentes até na p.q.p., e aqui nos pampas?
Alexandre Luís Delazeri
(Canoas - RS)

Gostaria de ver uma matéria sobre o rock do Rio Grande do Sul. Existem conjuntos excelentes por aqui. Os Replicantes, Taranatiriça, Fluxo, Garotas da Rua e muitos outros.
Ricardo Barros Cantalice
(Porto Alegre - RS)

O Rio Grande do Sul é terra de muito rock'n'roll e de inúmeras bandas. O Ricardo, o Alexandre e todos os gaúchos que nos escreveram podem contar com uma grande matéria sobre elas!

ERRAMOS

O pessoal da redação não deve ter atentado, mas a legenda abaixo da foto dos Smiths está errada (sem broncas, tá?, acontece pior em outras revistas).
Márcia da Cruz
(São Paulo - SP)

Valeu a correção, Márcia. No número 1 da BIZZ *estão invertidas a legenda da foto dos Smiths e também a do Paralamas, na seção Show Bizz. Outro engano nosso, nessa mesma seção, foi quando dissemos "Nina Hagen & the Coconuts", em vez de "Nina Hagen e Kid Creole & the Coconuts".*

CONFETE E PORRETE

Quero cumprimentá-los pelo lançamento desta revista maravilhosa; é simplesmente uma publicação sensacional, jovem, dinâmica, informativa, bem ajustada à realidade musical do momento em termos nacionais e internacionais. Para resumir, é tudo aquilo que nós amantes da música queríamos.
Denise Alves
(São Paulo - SP)

Tamanha foi minha decepção que não quis acreditar. Li as reportagens e entrevistas, inacreditável! Não tem um texto decente, está tudo picadinho: o insuportável disco, as entrevistas, as reportagens, tudo (...) Que tal diminuir as fotos, caprichar num bom texto, deixar de lero-lero com brindes bobocas, usar papel mais barato? Que tal fazer uma boa revista, inteligente e acessível a todos? Ou a quase todos? Por favor melhorem!
Letícia A. Sampaio
(São José dos Campos - SP)

Que diversidade de opiniões... O que é certo é que tentamos melhorar sempre, e a contribuição dos leitores é fundamental.

DISCOS, POSTERS, FITAS...

Convidamos todos os fanáticos do Kraftwerk (grupo alemão de música eletrônica) a entrarem em contato conosco. *Kraft Studio*, a/c de **Eduardo Monteiro, r. Nossa Senhora das Graças, 22, bairro Marista, CEP 29700, Colatina - ES.**

Gostaria de me corresponder com pessoas interessadas em gravar ou trocar discos e fitas com gravações piratas dos astros do rock e blues mundial. *Clube do Bootleg*, a/c de **Roberto Luiz Lopes, r. Conde da Castanheira, 381, apto. 203, edifício Honolulu, Amaralina, CEP 40000, Salvador - BA.**

Quero me corresponder com pessoas que são ligadíssimas no U2. Tenho material dos Smiths, Frankie Goes to Hollywood, para trocar. **Marcos, r. Coronel Artur de Godoy, 65, Vila Mariana, São Paulo - SP.**

Compro o LP *Twisting by the Pool*, do Dire Straits, não editado no Brasil. **Iomar Cunha dos Santos, r. Joaquim Lírio, 363, praia do Canto, CEP 29000, Vitória - ES.**

Troco LP *Closer* do Joy Division, *Ghost in the Machine* do Police, *Rebel Yell* do Billy Idol, *Mesopotamia* do B-52's, *Shout* do Devo, por material idêntico dos grupos Cassiber, PIL, Joy Division, Laurie Anderson (LP *Big Science*), Television, Aztec Camera, Sisters of Mercy, Sex Gang Children, Jesus and Mary Chain, The Cure, Siouxsie e outros. **Welington Milan Dias, r. José Pançolvo Binari, 601, Caçapava - SP.**

MÚSICOS

Precisamos de cinco rapazes que toquem saxofone, teclados, piano, bateria, baixo ou guitarra para formar um grupo new romantic no estilo Duran Duran, Spandau Ballet e Culture Club. Somos três garotas e temos apenas um piano. Falar com **Adriana das 16 às 20 h, tel. 274-3422, São Paulo - SP.**

Vocalista, ex-Video Mix, procura grupo na linha tecnopop, new wave, new romantic ou ska. Possuo boa experiência musical e tenho contato com produtores de gravadoras. Renato "Moody". Recados com **Marcelo pelos tels. 534-3107 e 562-7322 (res.), São Paulo - SP.**

Guitarrista procura banda ou pessoas interessadas em formar um grupo para tocar do blues ao heavy. Requisitos: dominar bem o instrumento, ter uma base da maioria dos ritmos e muita força de vontade. Roger **(Rogério Correia Tavares Jr.), r. Xavier da Veiga, 160, Santana, CEP 02021, São Paulo - SP.**

FÃ-CLUBES

Heavy Metal - *Rock Brigade*. Caixa Postal 15094, CEP 01538, São Paulo - SP.

Led Zeppelin - *The Rover*. Caixa Postal 1069, CEP 38400, Uberlândia - MG.

Prince - *Prince Revolution*. Roberto C. Monteiro de Carvalho, r. Assunção, 943, CEP 60000, Fortaleza - CE.

14 Bis - *14 Bis Clube*. R. Baía, 49, Itaquera, CEP 08200, São Paulo - SP.

Queen - *Queen Flash Club - The Official International Queen Fan Club*. Caixa Postal 62605, CEP 22257, Rio de Janeiro - RJ.

COMPACT DISC,
O FUTURO CHEGOU!

POLYGRAM NOVAMENTE
PIONEIRA NO MERCADO

Deutsche Grammophon

PHILIPS

Barclay

LONDON

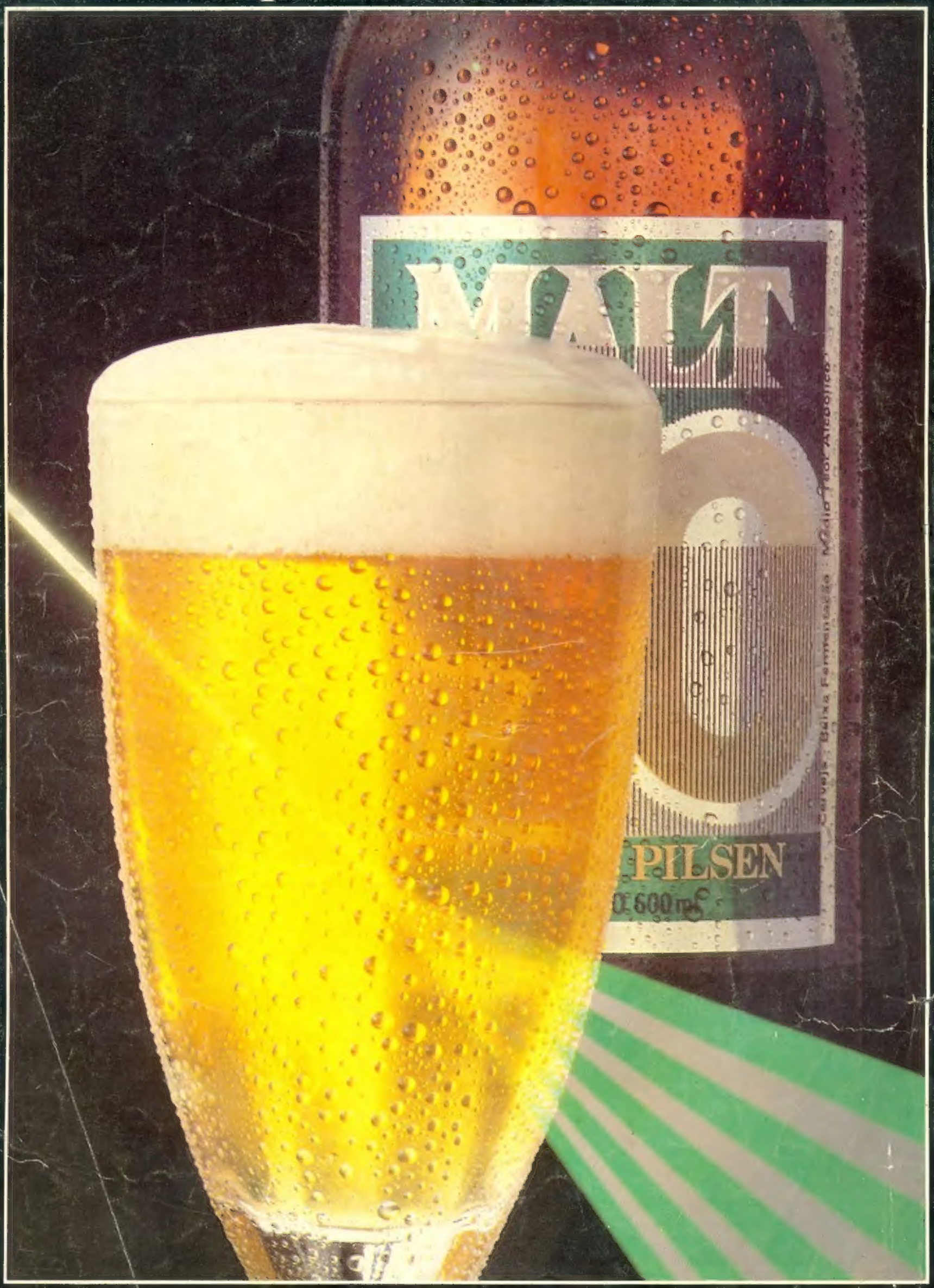
MAIS DE 500 ITENS JÁ LANÇADOS NO MERCADO

PolyGram

yGram do Brasil Ltda

COMPA
disc
DIGITAL AUD

O prazer é uma evidência.



Cerveja Malt 90. O prazer de fazer bem-feito.